

“MANUSCRITO LONGONI”

MEMÓRIAS DA VIDA

DA BEATA PAULA ELIZABETE CERIORI

FUNDADORA DOS INSTITUTOS

DA SAGRADA FAMÍLIA DE BÉRGAMO

Tradução portuguesa da edição italiana de 1981

Peabiru
23 de fevereiro

1999

São Paulo
21 de setembro

APRESENTAÇÃO

Com o maior prazer abençôo a iniciativa de publicar o “Manuscrito Longoni” referente à Beata Paula Elizabete Cerioli, fundadora dos dois ramos, feminino e masculino, do Instituto da Sagrada Família. Este ano celebra-se o 30º aniversário da beatificação dessa figura particular de fundadora; de fato, ela, mulher, funda um Instituto masculino, enquanto na Igreja, normalmente acontece o contrário.

O Instituto masculino quer fazer uma homenagem à grande e maravilhosa Mãe que, com coragem e devoção inexprimíveis, começa uma obra educativa-assistencial em terra bergamasca e cremonesa, num período em que a miséria e a industrialização, que começava a despontar, em prejuízo das atividades artesanais, causam enormes dificuldades às pessoas mais simples e a famílias inteiras.

Cheia de coragem, com fé iluminada por Deus, a Beata Paula Elizabete coloca à disposição dos mais pobres, meninos e meninas órfãs dos campos, seus bens, mas sobretudo a si mesma, e começa uma atividade de educação e de promoção dos trabalhadores do campo, não só trazendo-lhes dignidade, respeito e igualdade social, mas, sobretudo, iniciando-os numa vida verdadeiramente cristã, o que permitiu encaminhar uma busca efetiva de solução aos problemas individuais, familiares, sociais e políticos, fundamentada em Deus, na palavra revelada e no ensino da Igreja. Contudo ainda hoje, apesar da racionalização do trabalho e das tecnologias desenvolvidas pelas ciências, as reivindicações dos camponeses e dos trabalhadores da terra não alcançaram soluções de equiparação social.

Até os anos sessenta, o Instituto da Beata Cerioli educou teórica e praticamente, meninos e meninas, acolhidas em seu seio. Depois, as rápidas transformações sociais, devido ao progresso científico e tecnológico, às sofisticadas aparelhagens industriais muito custosas, aos poucos recursos econômicos do Instituto face à crescente necessidade de enormes investimentos e, finalmente, à evolução da legislação concernente à educação de menores,

fizeram o Instituto optar pela educação humana, moral e religiosa dos pobres, em particular do mundo rural, a fim de prepará-los para a realidade ética, sociológica, política e religiosa em constante mutação, da sociedade atual.

Espero que com esta publicação, o Instituto da Sagrada Família de Bérgamo (agora com o título de “Congregação da Sagrada Família de Bérgamo”), depois da renovação e atualização dos textos constitucionais, retorne à ‘Inspiração originária e primordial’ (Pc 2) , identifique-se com ela e a reviva nos tempos atuais, com a riqueza dos novos conhecimentos e com os instrumentos mais aperfeiçoados, que a técnica coloca à disposição, caminhando com o espírito da Beata Fundadora e com a consciência e o realismo cristão do nosso tempo.

P. Ângelo Paris
Superior Geral

Martinengo, 24 de dezembro de 1980
115º aniversário da morte da Beata Fundadora.

Cronologia das Fontes para a Vida da Beata Cerioli

Iº- A mãe Corti escreveu, enquanto ainda vivia a Fundadora, em 8 CADERNINHOS, as MEMÓRIAS A RESPEITO DA VIDA DA BEATA MÃE FUNDADORA: estão no Arquivo de Comonte (U/22-falta porém o 1º caderninho).

IIº- Estes caderninhos serviram depois à mesma Corti para confeccionar a VIDA DA MADRE IRMÃ PAULA ELIZABETE, BENEMÉRITA FUNDADORA DOS DOIS INSTITUTOS, MASCULINO E FEMININO, DA SAGRADA FAMÍLIA, incluída no Processo a 13 de maio de 1902 (Trans. PROC. Ord. 57). A Corti declara: “Este manuscrito que entrego ao Venerando Tribunal contém as Memórias da Serva de Deus, Paula Elizabete Cerioli, quando leiga chamada Constança, memórias estas que foram por mim recolhidas, parte da própria boca da Beata e parte de pessoas dignas de toda confiança que a conheceram plenamente e estiveram perto dela e eu mesma fui testemunha disto. Este fascículo declaro tê-lo escrito em sua totalidade de meu próprio punho, especialmente em obséquio ao incentivo e quase ordem feita a mim pelo Dom Valsecchi; e eu afirmo que tudo quanto escrevi é a pura verdade”.(Trans. Proc. Ord. 52). Foi escrito na época em que Irmã Francisca Luiselli era superiora em S. Maria de Soncino.(Summarium 911) (1868-1870; 1873...).

Isto foi confirmado na PESQUISA DAS MEMÓRIAS A RESPEITO DA VIDA DE NOSSA DEFUNTA MADRE LUIZA CORTI (Capítulo 2º): Luiza foi a primeira que experimentou as heróicas virtudes da nobre senhora Constança e obrigada, por obediência a Dom Valsecchi... a ter notas escrupulosamente corretas, tanto que pouco depois da morte de Dona Constança, o que aconteceu muito depressa, ela já tinha recolhido, por escrito, um grosso livro de MEMÓRIAS.

IIIº - As MEMÓRIAS e a VIDA foram reelaboradas e coordenadas sob a direção da própria Corti pelas primeiras Madres que reconheceram ser ela a primeira, ou melhor, a única autora deste novo trabalho (Ms. Longoni 4) que recebeu o título de MEMÓRIAS DA VIDA DA IRMÃ PAULA ELIZABETE

CERIOLI, COMO LEIGA D. CONSTANÇA CERIOLO VIÚVA BUSECCHI TASSIS FUNDADORA DO INSTITUTO DA SAGRADA FAMÍLIA EM COMONTE DIOCESE DE BÉRGAMO.

Essas memórias estão sendo impressas agora, pela primeira vez, para dar a conhecer o que há de mais genuíno a respeito da Vida da Beata, devendo ser este trabalho a mais rica fonte para os vários biógrafos.

O original com supressões, adições, correções e caligrafias diferentes, feito em folhas papel ofício, agora recolhidas em forma de livro, está no Arquivo de Comonte (E/13). A forma definitiva foi modificada porque destinava-se ao ramo masculino: as longas exortações ascéticas- práticas para as Irmãs, foram substituídas com algumas cartas de Dom Pedro Luiz Speranza, com as Memórias referentes ao Instituto masculino, com escritos da Beata a João Caponi, etc. Está no Arquivo de Martinengo e foi manuscrita pela Madre Angélica Longoni.

A Madre Corti, em 10 de fevereiro de 1892, exortando as Irmãs: “A quem alegraria ter o grupo da Sagrada Família como sinal da Instituição e os sinos para a festa e a bonita vida da Fundadora...” (Arquivo Com. D/4 198) imagino que se referia a estas Memórias.

IVº - Os Caderninhos foram utilizados também por D. Paulo Merati, em 1898, para a impressão das MEMÓRIAS DA VIDA DE IRMÃ PAULA ELSABETTA , COMO LEIGA A NOBRE CONSTANÇA CERIOLO, VIÚVA BUSECCHI TASSIS, FUNDADORA DOS PIOS INSTITUTOS DAS IRMÃS E DOS IRMÃOS DA SAGRADA FAMÍLIA, PARA A EDUCAÇÃO DOS POBRES FILHOS CAMPONESES; a ela faz referência a irmã José Rota (De non cultu, 29) que em 1913 depõe: “Li a vida feita imprimir pelo sacerdote D. Paulo Merati, baseada nos manuscritos da Madre Luiza Corti. Tais manuscritos , acredito, estão na Cúria Episcopal de Bérgamo, a quem foram confiados por ocasião do Processo Informativo”.

P. Nicolau Di Bianchi.

N.B. – A impressão destas memórias em língua italiana é totalmente fiel ao manuscrito Longoni, conservado no Arquivo da Casa Geral de Martinengo.

Foi considerado útil manter o estilo e as formas oitocentistas, mesmo com prejuízo de uma leitura mais agradável e fácil, para não adulterar o texto original.

Pelo contrário, a presente tradução em língua portuguesa, preocupada com a máxima fidelidade ao sentido do texto original, opta por uma linguagem popular, simples e fluente, para proporcionar melhor compreensão do testemunho incomparável das Primeiras Companheiras que, junto com a Fundadora, viveram as experiências fundadoras da Obra, tornando-se assim testemunhas fiéis e entusiastas da vida e dos ideais da Cerioli.

ETAPAS HISTÓRICAS DOS INSTITUTOS DA SAGRADA FAMÍLIA DE BÉRGAMO

1816 – Nasce em Soncino (Cremona) Constança Cerioli.

1835 – Casa-se com o viúvo Caetano Busecchi-Tassis.

1854 – Fica viúva.

1857 – Vestição das primeiras Irmãs por Dom Esperanza:
Fundação do Instituto Feminino da Sagrada Família.

1863 – abertura da Casa dos Filhos de São José, em
Villacampagna de Soncino. Fundação do Instituto
Masculino da Sagrada Família.

1865 – Em 24 de dezembro morre a Irmã Paula Elizabete Cerioli,
em Comonte de Seriate.

1885 – Transladação do corpo do cemitério de Seriate para a Casa
de Comonte.

1919 – Decreto de introdução da causa de Bestificação.

1939 – Pio XII proclama a heroicidade das virtudes da Venerável
Irmã Paula Elizabete.

1950 – Em 19 de março, em S. Pedro, Pio XII a proclama BEM-
AVENTURDA.

PREFÁCIO

Demos a este livro o título de **memórias**, em vez de **vida**, porque não fomos nós que o escrevemos. Humildes mulheres, de modestíssima educação, e ocupadas no contínuo desempenho dos nossos múltiplos deveres, não seríamos capazes de compor, com fidelidade, a história de uma vida, nem teríamos condições para tanto.

Propusemo-nos então simplesmente fazer uma coletânea das memórias, fatos e pensamentos daquela que foi nossa querida e venerada Fundadora. Bastará isto, esperamos, para cumprir o desejo muitas vezes manifestado por pessoas sábias e beneméritas do nosso Instituto, desejo também nosso, que acreditamos, aliás, ser também um dever nosso de justiça, que cumprimos com todo prazer.

Outros poderão talvez, em seguida, ordenar melhor estas memórias e expô-las de modo que mais claramente possam revelar a santidade da vida, a utilidade das obras que fez e os conselhos que nossa Fundadora, que, com toda convicção, acreditamos poder afirmar ter sido uma grande Serva de Deus. Esperamos, todavia, que embora escrevendo sem nenhuma elegância de estilo e sem aquela ordem precisa e distinta que talvez o documento exigisse, tenhamos feito algo de útil, não somente aos membros deste nosso querido Instituto, de um ou de outro sexo, mas também aos estranhos.

Não registramos senão fatos e palavras de que fomos nós mesmas, na maior parte, testemunhas. Isto ajudará, sem dúvida, a confiar em tudo o que narramos. Esperamos que os membros do Instituto tenham um aproveitamento particular, conhecendo mais claramente e convencendo-se cada vez mais do modo com o qual a nossa querida Fundadora pretendeu sempre fazer o bem para a glória de Deus e em benefício dos pobres, e do espírito que Ela quis infundir em nós e em todos aqueles que continuassem a sua obra. Mas poderá também tirar proveito dele toda e qualquer pessoa, pois tendo D. Constança ou Irmã Paula Cerioli vivido, em todos os momentos de sua vida, os exemplos e os preceitos do

Senhor, poderá servir esse espírito para a verdadeira edificação de todos, jovens, esposos, viúvas ou religiosas. Devemos também acrescentar que a primeira, ou melhor, a quase a única autora destas memórias é a nossa atual Superiora Geral, a qual tendo tido a boa sorte de ter sido chamada para ser a primeira companheira, e depois, a mais íntima confidente da Irmã Paula, não somente a conheceu melhor, ajudou-a e assistiu-a mais longamente, mas foi também a depositária dos mais íntimos e secretos sentimentos do seu coração. E que isto valha ainda mais para atestar a veracidade de tudo o quanto dissemos acima.

Por outro lado advertimos que nós, traídas talvez pelo afeto e pela estima por nossa Mãe Fundadora, poderemos chamá-la, algumas vezes, com títulos que somente a autoridade da Igreja pode realmente atribuir, bem como, também narrando, suas ações e pensamentos, especialmente manifestando as nossas opiniões, bem poderemos dizer alguma coisa que não seja absolutamente justa e conforme os ensinamentos da própria Igreja, para tanto declaramos, desde agora, que totalmente e de muita boa vontade submetemo-nos a qualquer correção das Autoridades Eclesiásticas, prontas para desdizer-nos sem nenhum limite e a corrigir-nos em cada palavra ou idéia menos reta.

Jesus, Maria e S. José dirijam tudo para a Divina glória. Assim seja.

1º CAPÍTULO

NASCIMENTO E PRIMEIROS ANOS DE CONSTANÇA

Constança, assim chamada no santo batismo que recebeu em 16 de janeiro de 1816, em Soncino¹, grande aldeia do

¹ *Do registro dos nascidos da paróquia de S. Maria Assunta, em Soncino, página 224, nº 8, lê-se que Constança Honorata Cerioli nasceu a 28 de janeiro e foi batizada imediatamente em casa por eminente perigo de morte. Em 2 de fevereiro, na Pieve de Soncino, foram completadas preces e*

Cremonese, do Nobre Senhor Francisco Cerioli e da Condessa Francisca Corniani sendo seu padrinho o Conde Jorge Corniani, seu primo, tenente do Regimento dos Ulani a serviço do Imperador Francisco José².

Foi a última de dezesseis filhos, a mais graciosa e a mais delicada e recebeu da natureza um ligeiro defeito físico que tornou-a um pouco corcunda.

Atestou a ama- de- leite que desde os primórdios de sua existência descobriu-se nela um caráter pacientíssimo, de modo que nunca causava distúrbios, e mesmo o seu choro assemelhava-se ao gemido de uma rolinha. Todavia tinha o espírito vivaz e era necessário vigiá-la atentamente, não deixando-a sozinha por nenhum instante.

Era uma menina pouco inclinada a criancices, querida demais por todos, pelos irmãos e irmãs, por causa de seu caráter doce e amável. De personalidade sóbria e tímida mas singela, jovial e também empreendedora, tinha tendência, por natureza, à quietude e ao recolhimento e isto se percebia em cada uma de suas ações, inteiramente ordenadas e completas. Amava também a solidão e o isolamento e não raras vezes era encontrada num canto da casa, totalmente sozinha, distraída a folhear livros, figuras e outros objetos inocentes. Despertava a devoção em todos que a viam recitar com tanto prazer e de forma singular as suas orações. Nunca se mostrava tão alegre e contente como quando os pais ou os domésticos conduziam-na à Igreja onde nunca se cansava de ficar. Quando não era possível levá-la, não sossegava até não ter, pelo menos, recitado todas as suas orações.

Dos sete aos oito anos foi admitida à santa confissão, e não podendo sua cuidadosa mãe fazer ela mesma a sua

cerimônias sacras. (Cfr. "Famiglia Nostra", revista mensal da obra da Beata Cerioli, nº 3, ano LIX de 1978, em "Ricerche Storiche e documentazione sulla Beata Cerioli e sulla sua fondazione " aos cuidados de Pe. Nicolau Di Bianchi)

² Não se trata do imperador Francisco José (1830 – 1916), mas de Francisco I (1768 – 1835), imperador da Áustria de 1804 a 1833.

preparação, por ter que cuidar de sua numerosa prole, confiou-a a uma outra senhora caridosa, a qual, posteriormente, atestou que a menina era tão compenetrada do que estava fazendo e se preparou com tal sentimento e tão grande fervor que ela ficou muito edificada e não podia duvidar de que Deus ali se revelava de maneira especial.

Admitida depois à Santa Comunhão, Costancinha foi vista no auge de sua alegria. Toda recolhida em seu coração, não se preocupava com mais nada a não ser preparar-se dignamente para aquele soleníssimo ato, ansiosamente esperava o dia bendito no qual deveria, pela primeira vez, acolher dentro de si o seu Deus. Todo seu exterior revelava que sua bela alma estava totalmente absorva n'Ele. Parecia deveras um anjo.

Isto não aconteceu somente na primeira Comunhão. Cada vez que, mesmo depois, voltava da Comunhão, sempre deixava transparecer exteriormente um ar celestial que edificava. Naqueles dias felizes ficava mais retirada, mais recolhida, mais mortificada que de costume e todo mundo notava os gestos singulares com que ela assinalava suas ações mesmo sem percebê-lo. Ordinariamente tinha um prazer especial em ficar entre as fiandeiras, na fiação de sua casa. No dia da comunhão, porém, nunca ia visitá-las. Preferia ficar mais recolhida, sem nenhuma companhia. De igual modo recusava o café que a mãe nestas ocasiões lhe oferecia, abstendo-se dele para fazer maior sacrifício.

Com tal fé, fervor e recolhimento recebeu depois o santo Sacramento da Crisma e é possível acreditar que o Espírito Santo, descendo naquele coração tão bem disposto, encheu-o de dons particulares, de luz e de graça, até torná-lo depois dócil e pronto para seguir as suas divinas inspirações, durante o curso de toda sua vida.

Mas, falando destes primeiros anos de Constança, como se poderia deixar de fazer referência àquelas virtudes que foram características dela e que, como frescos e vigorosos rebentos despontavam e floriam em seu espírito ? Foram estas a obediência, o sacrifício e a compaixão.

Quanto à primeira, talvez a sua índole natural, como já dissemos, um tanto tímida, concorria para torná-la mais perfeita.

Dizia, um certo dia, a sua confidente, como tinha, naquele tempo, um grande receio de andar sozinha pela casa, à noite, e que se esforçava para fazê-lo, ficando sempre calada quando se tratava de obedecer.

“A Senhora minha mãe – dizia com freqüência à mesma confidente – era muito autoritária, por isso, eu não ousava lhe falar dos freqüentes mal-estares que sofria por causa de minha débil constituição. Às vezes sofria muito, sem que os outros percebessem”. Não se deve pensar contudo que ela se calava somente por excessiva timidez, mas, sobretudo, por submissão e obediência. Quem bem a conheceu posteriormente, teve ocasião de presenciar o quanto fazia questão de esconder aquilo que praticava por virtude, alegando sempre, como motivo, uma causa natural. Além da obediência já começava então a manifestar-se o seu espírito de sacrifício, para o qual já de há muito vinha educando-a a sábia genitora. Esta, de fato, ainda que muito carinhosa com os filhos, não os acostumava às excessivas delicadezas. “A minha mãe não me dava privilégios nos alimentos, nas roupas, nas diversões: havia me habituado a tudo”. Assim, dizia Constança, quando, às vezes, acontecia-lhe algum desastre inesperado na vida, ela não se mostrava surpreendida pois parecia-lhe estranho que neste mundo não se devesse sofrer. Por isso, mais tarde, quando alguma de suas órfãs queixava-se muito de dor de estômago ou do coração, de dor nos braços ou outra dor qualquer, sorrindo, costumava dizer: “ Queria que estivesse aqui a Senhora minha mãe, a qual quando ouvia nós jovens falarmos destas coisa, dizia : “que estômago...! que coração...! que desmaio... ! Os jovens não devem nem ao menos saber em que consistem todos estes males””.

Mas aquilo que, sem dúvida, Constança herdara de melhor de sua mãe era a caridade pelos pobres ou a virtude da misericórdia. Ficava muito sensibilizada com qualquer tipo de miséria ou de outra infelicidade. Procurava poupar os domésticos da casa, evitando de fazer-se servir e quando era absolutamente necessário, pedia sempre em forma de favor; não mandava nunca. Com os pobres, era sempre alegre, principalmente quando podia sair com sua mãe para socorrê-los. Via-se então que isto era mesmo a sua inclinação natural. Por sorte, podia fazer isto com

muita freqüência pois não era em vão que sua mãe havia conquistado o belo título de MÃE DOS POBRES. Quanta sorte têm aquelas crianças cujos pais podem deixar-lhes gravadas, nos tenros corações, impressões tão belas, pois são geralmente inclinados por natureza a fazerem o bem. Esta foi, certamente, a sorte de Constança.

2ºCAPÍTULO

SUA EDUCAÇÃO

Aos dez anos de idade foi colocada no Educandário do Mosterio de Santa Maria da Visitação, em Alzano Maggiore, Província de Bérghamo³. Bem depressa aquelas veneráveis irmãs perceberam que o Senhor lhes havia confiado um precioso tesouro. Arrebatadas pelo seu recolhimento, pela sua devoção e pela sua doçura, logo passaram a considerá-la um anjo.

Em breve, no Educandário, ela se tornou modelo de obediência e aplicação, não somente para as suas boas educadoras mas também para as suas companheiras, as quais começaram, por isto, a estimá-la, amá-la e respeitá-la de tal maneira que seus modos exemplares influenciavam sensivelmente a conduta de todas. Outro fato singular é que, sendo ela tão querida, especialmente pelas Superiores, todas as companheiras a amassem tão sinceramente que não surgia entre elas nenhum sinal de inveja, o que, nestas situações, infelizmente, é comum acontecer. Mas ela, dotada de um coração tão excelente, de um caráter tão jovial e, ao mesmo tempo reservado, que sempre estava, alegre e modestamente, à disposição para ajudar a todas em suas necessidades e desejos, sacrificando seus próprios prazeres em favor do próximo, por isso era quase impossível que alguém se desgostasse com ela. Era querida, sobretudo, pela

³ *Entrou no Colégio aos 3 –XI – 1826 e saiu aos 15 – V – 1831*

simplicidade virginal com que tudo fazia, isto é, por sua diligência, operosidade e atenção em cada coisa, sem jamais mostrar a menor sombra de afetação.

O grande talento e a intuição privilegiados, recebidos do céu, juntando ao empenho e ao amor com que correspondia à dedicação das mestras, fez com que conseguisse completar, em poucos anos, sua educação. Saiu-se muito bem na arte dos trabalhos femininos, distinguindo-se pela singular inclinação em gostar de executar os mais difíceis. Foram também notáveis os progressos feitos nas outras matérias. Os pais acharam-na muito bem preparada na composição, na língua francesa e em tudo o mais que pode concorrer para completar a educação de uma menina de condição elevada, como era a sua, e prestaram homenagem ao trabalho dessas Educadoras.

Mas sobretudo a virtude, foi sempre o seu forte. Não se lamentava nem do frio, nem do calor. No inverno, muito sujeita a frieiras, suportava-as com toda a paciência, sem se lamentar e quase sem se cuidar. Ela mesma contava que, sofrendo singularmente de frio nos pés, pegava sorratamente uma brasa do braseiro da escola, a colocava no sapato e sacudia-o, na esperança de que se esquentasse um pouco. Aconteceu, porém, que, num inverno, as frieiras produziram-lhe uma chaga muito profunda nos pés. Ela não contou para ninguém. Mas a Mestra viu que mancava e lhe perguntou por que. Costancinha viu-se então obrigada a confessar que o frio lhe havia ferido a perna e o pé. Apressaram-se então as boas religiosas a levá-la ao médico, que ficou estupefato de como ela tinha podido suportar em silêncio e por tanto tempo tão penoso mal, ainda mais considerando sua compleição delicadíssima.

Contava-se também que no dormitório comum do Educandário havia somente um aquecedor de cama que devia ser usado por doze educandas, sendo que as últimas eram obrigadas a esperar tremendo ou deitar-se no frio.

Por isso, naturalmente, enquanto as mais atrevidas eram as primeiras a tê-lo, ela, inimiga de qualquer briga ou alteração, quieta e sem descompor-se, resignava-se a ficar sem ele.

Para conhecer melhor como ela passou o seu tempo no Colégio, vale a pena conhecer a seguinte carta escrita pelas

Reverendíssimas Madres daquele Mosteiro, depois de muito tempo que ela tinha saído e já tinha mesmo morrido. Assim, qualquer um pode avaliar muito bem como a sua lembrança ainda se conservava viva naquele lugar. A carta é a seguinte:

“V. + G.”

Uma das alunas que deixou, em nosso Mosteiro, uma lembrança particular foi, certamente, a Nobre Condessinha Constança Cerioli. Ela era ainda muito jovem quando a Condessa sua mãe solicitou-lhe uma vaga em nosso Educandário. Com muito gosto concordamos e logo tivemos muitos motivos para agradecer ao Senhor pelo precioso tesouro que nos foi confiado. Constancinha parecia mesmo, desde pequena, um verdadeiro anjo e tudo nela inspirava devoção, recolhimento, doçura, reserva e sólida virtude. Este era o testemunho que davam suas próprias companheiras para as quais tornou-se exemplo e motivo de admiração. Todas a amavam vivamente.

Também as Mestras achavam-na um perfeitíssimo modelo de obediência e aplicação em todos os seus deveres, o que a tornava querida e preciosa também pela influência que a sua conduta tão exemplar exercia sobre o comportamento das outras educandas. Constança foi também favorecida pelo Senhor com um caráter alegre e apropriado para ser amada, com um coração excelente e sempre disposto a fazer favores, de uma tal igualdade de humor que dizia-se freqüentemente dela: - Constancinha é mesmo sempre a mesma.

Viu-se então, com muito desprazer, terminar os anos de sua educação e fomos obrigadas a restituir à Condessa sua mãe o precioso tesouro que nos havia confiado. Ficaram muito tristes todas as outras educandas e recordavam-se com admiração de todos os exemplos de virtudes vistos na companheira.

Quanto a nós, não esquecemos jamais as lembranças dela e esperamos que a falecida recorde-se de nossa comunidade junto a Deus”.

Constança, de sua parte, era tão afeiçoada ao sagrado Mosteiro que bem gostaria de permanecer ali para sempre. Tinha uma santa inveja daquelas jovens que teriam a sorte de passar do Educandário ao Noviciado. Chamava-as “Objeto da complacência

de Deus”. É bem fácil acreditar o quanto ela gostaria de imitá-las e receber, também ela, a mesma graça. Já dissemos que ela sentia, desde pequenina, uma forte inclinação ao recolhimento e eis como se exprimiu, mais tarde, a este respeito, com sua confidente: “Quando eu era jovem, tinha vontade de levar uma vida reclusa, longe do mundo; invejava a sorte dos eremitas do deserto, que não tinham mais preocupações mundanas e nem de coisa nenhuma e se entretinham somente com Deus. Lendo depois a vida dos Santos, acendia-me o desejo de imitá-los e alegrava-me com sua fortaleza e generosidade de coração... Vendo muitas vezes as cabanas isoladas aqui e acolá, sobre os montes, surgia-me no coração o desejo de procurar lá o Senhor, sustentando-me com um pouco de pão e água e aperfeiçoando o espírito com as sagradas leituras, para assim viver longe do luxo, fora do tumulto, do aborrecimento e das dissipações do século”.

Não era somente este seu gosto e tendência para o isolamento que a movia, mas também o grande amor que tinha pela virgindade. Sem dúvida, ela a queria sempre como a uma sólida virtude e não deixava nunca de falar dela e de louvá-la. De modo particular encantavam-na as almas inocentes: “Eram para mim, assim dizia, objeto de admiração e de santa inveja, as almas puras, vestidas ainda das belas e brancas vestes da inocência batismal”. E, às vezes, exclamava: “Belas são as almas que nunca contraíram a malícia do mundo ! São anjos na terra e complacência de Deus ! Queridas almas, como desejaria segui-las!...” De boa vontade Constança ficaria no Mosteiro, onde sabia ser possível realizar os desejos de seu coração. Mas Deus determinou que a vontade dos pais não concordasse com esses seus desejos. Quando julgaram-na suficientemente instruída, quiseram tê-la perto deles. Custou-lhe certamente um grande esforço, obedecer. Ingênua e inocente pomba, jamais se permitiria a por os pés fora da arca. É fácil calcular quanto lhe deve ter custado ter que abandonar as amantíssimas mestras, as diletas companheiras e aquele lugar onde havia passado alguns anos de tantas alegrias e com tanta paz de alma.

Mas sua virtude era tão sólida que ela suportava qualquer sacrifício para não contrariar a vontade dos pais na qual, pelo seu espírito de fé, reconhecia a vontade de Deus. Ela mesma contava

que sentia “tanto respeito e tanta veneração pelos seus genitores, que não teria ousado fazer a mínima oposição ao que eles dispusessem a seu respeito”. E justificava-se dizendo: “que mereciam este respeito e total obediência pelos exemplos de virtude, pela vida religiosa que davam aos filhos e pela autoridade que exerciam na família”. Afirmava além disso “que, concordando com a vontade dos pais, sentia que se estavam cumprindo sobre ela os desígnios de Deus”.

Portanto, por maior que fosse o sacrifício feito, Constança oferecia-o a Deus. Sem discutir nem mesmo uma palavra, obedeceu e retornou à casa paterna.

3º CAPÍTULO

SUA VIDA NA CASA DOS PAIS

Na idade que pode ser chamada de “idade das ilusões”, em que tudo parece bonito e novo, Constança reentrava no mundo, mas com pensamentos e resoluções opostos ao espírito do mundo. Não se comprazia senão no retiro e na oração. Sua ocupação predileta era o bordado, ao qual porém não se dedicava sem ter primeiro executado as tarefas domésticas, satisfazendo assim também a vontade da mãe. Gostava muito também da leitura e lia com prazer as vidas dos Santos. Mas seu pai, desejoso de instruí-la e distraí-la ao mesmo tempo, oferecia-lhe também outros livros, bons e de ótimos autores. Ela os aceitava, preferindo os escritos em francês, com a finalidade de exercitar-se em traduzí-los. Preocupava-se entretanto em retirar de cada um deles todos os conceitos práticos e morais, anotando-os e preparando assim material para sua instrução.

Mais tarde, porém, arrependeu-se de tê-los lido, acusando-se de ter apreciado muito a leitura dos autores profanos, e dizia: “Que o fato de ter gostado muito havia tornado menos interessante a leitura dos livros sacros e das Vidas dos Santos”. Desta forma, falando uma vez com uma sua sobrinha que era muito inclinada para tal leitura, citou-lhe seu exemplo, recomendando-lhe a deixá-los de lado e aplicar-se mais aos livros de maior proveito moral e assim fazendo encontraria mais felicidade.

Gostava muito de freqüentar assiduamente os Santíssimos Sacramentos e muitas vezes convidava também suas irmãs para acompanhá-la à Sagrada Mesa Eucarística, sabendo muito bem ela com quanta freqüência deveriam as jovens munir-se deste alimento dos fortes a fim de começar e perseverar no bom caminho.

Tímida e delicada, algumas vezes magoava-se com alguma correção um pouco mais severa que lhe era feita, mas nunca respondia com ressentimento. Só se percebia que estava sofrendo pelo corar do rosto. Pouco depois, porém, refletindo, arrependia-se e procurava puxar conversa com quem lhe havia repreendido, para mostrar que não estava ofendida.

Era admirável sua capacidade de mortificação, não se permitindo nenhuma fraqueza física, embora se soubesse quanto era frágil e débil sua compleição. Isto porque, vivera, como ela mesma confessava, inteiramente subordinada aos pais e especialmente à mãe, a qual, embora bondosa e de grande coração, não dava muita trela às filhas nem queria que se habituassem com delicadezas. Quando ela sentia qualquer pequeno incômodo, oferecia-o secretamente a Deus sem nada dizer a ninguém, contente de poder imitar de alguma forma, as mortificações e exemplos dos santos .

Também no vestir-se adaptava-se em tudo e por tudo ao que dispunha sua sábia mãe, que queria os filhos sem luxo e sempre vestidos com simplicidade, não permitindo que seguissem a moda. Na cidade, todos admiravam os jovens Cerioli, que sendo tão ricos, vestiam-se sempre muito modestamente.

Os domésticos nunca tiveram motivos para queixar-se de Constança, pelo contrário, amavam-na, respeitavam-na e de

muita boa vontade, obedeciam-na. Dizia que, embora suas condições sociais fossem bem diferentes, eles eram nossos irmãos e agradecia ao Senhor porque a havia feito nascer na abundância, em lugar de outros que talvez merecessem mais que ela tanta fartura.

Sempre que podia , além daquilo que já se fazia na casa pelos necessitados, distribuía suas próprias esmolas, usando para isso o dinheiro que os pais lhe davam para satisfazer seus pequenos desejos e sentia-se muito contente de poder privar-se de algum prazer para diminuir a miséria alheia.

Mas, é talvez desta época da vida de Constança que pudemos recolher menos notícias. Certamente o fato dela ter tanto amor à solidão, somado ao seu caráter humilde, fizeram com que ficassem escondidas aos olhos dos homens muitas de suas virtudes e ações que seriam dignas de serem anotadas. Porém, o que chegou até nós parece bastar para fazer-nos entender qual foi o gênero de virtude no qual ela foi criada desde a mais tenra idade, virtudes estas que a tornaram forte para enfrentar as adversidades que a vida lhe reservava. E, apesar de tudo, soube manter-se sempre virtuosa, forte e resignada e pode cumprir o único objetivo de sua vida que era ajudar o próximo para a glória de Deus.

É nossa obrigação aqui esforçarmo-nos o máximo possível para apresentar com fidelidade a idéia que se nos apresenta da vida de Constança. Ela surgiu e desapareceu silenciosa, delicada, suave, constante e beneficentemente como a lua que, iluminada pelo sol, espalha em torno de si sua cândida luz, igualmente tranqüila e benigna para todos que a admiram e também para aqueles que não a admiram. Sua alma eleita só se inspirava de Deus. A ninguém enganava ou provocava, nem de longe nem de perto. Concentrada no íntimo recesso de si mesma, agia sempre em espírito, sustentava-se com a verdade e apresentava-se ao mundo com justiça, simplicidade e candura.

4º CAPÍTULO

CASAMENTO DE CONSTANÇA

Enquanto Constança estava inteiramente dedicada em tornar-se cada vez mais virtuosa e portanto, muito longe de pensar em casamento, confessando ela mesma, com ingenuidade que nem sabia o era casar-se, seus pais anunciaram-lhe que tendo-se apresentado um partido respeitável na pessoa do Senhor Caetano Busecchi Tassis, rico senhor de Comonte, vila perto de Seriate, Província de Bérghamo, eles haviam julgado por bem aceitar o pedido, convictos de contribuir para sua felicidade e cumprindo assim o desejo de ver casadas todas as filhas antes de morrer.

Diante de tal notícia sentiu-se desfalecer, pela aversão que tinha pelo estado matrimonial, se bem que, como já dissemos, não conhecesse ainda os sacrifícios, as penas e as obrigações por ele exigidas. Apaixonada, como era, pela vida angelical das virgens, horrorizou-se diante da imprevista resolução dos pais. Mas, apoiada na divina fortaleza, com sublime heroísmo, passou por cima de seus mais santos direitos e com humildade, pacífica e submissa, aceitou a decisão dos pais, por reconhecer na vontade deles a vontade de Deus, respondendo somente com estas palavras: “Aceito, Constança me chamo e constante serei ! “.

Assim ela obedecia aos desígnios celestes que, por caminhos totalmente desconhecidos, exatamente opostos àqueles que ela havia pensado, guiava-a àquela nobre meta que alcançou, cheia de virtude e de méritos nas suas empresas.

O esposo não era nada jovem, tendo já chegado aos sessenta anos⁴ e era também de saúde frágil. Era viúvo da Condessa Tassis, da qual havia merecido a mão pela nobre arte

⁴ *Na realidade o Senhor Caetano Busecchi, na época do casamento, havia há pouco completado os 58 anos. (Cfr. “Famiglia Nostra” N º 6, ano LIX de 1978, em Ricerche storiche...”)*

que praticava, era um distintíssimo maestro de música, e por motivo da morte da mesma, havia herdado toda a sua grande fortuna , tornando-se deste modo, um riquíssimo senhor. Habitava então na vila de Comonte, no amplo e delicioso palácio que lá possuía, levando vida isolada da sociedade.

Constança se tornou de repente noiva deste senhor, quase sem o saber, só para cumprir os desejos de seus pais. Em breve arrumou-se tudo para a realização do casamento, que ela contraiu com todo o respeito e recolhimento no dia 20 de fevereiro de 1835, abandonando então a casa dos pais e se transferindo para um lugar estranho, com um marido também desconhecido.

Desde o princípio a diferença de idade entre ela, jovem de dezenove anos e ele, já sexagenário, fez com que ela o olhasse mais como a um pai do que como a um marido.

Mas, ouçamos de sua própria boca as primeiras impressões que teve de sua nova e imprevista situação: “ É difícil compreender em que situação se encontrava o meu ânimo no meu novo estado civil e no silêncio de minha casa, longe de todos, sem uma pessoa a quem confiar meus tormentos...

Meu marido era um homem muito educado e bondoso, mas por causa de sua pouca saúde, tinha o humor imprevisível e era também muito apegado a seus hábitos. Por outro lado, sendo já idoso, agia de modo tão distante, que eu não ousava abrir-lhe o coração, nem mesmo para manifestar-lhe o menor desejo. Assim sendo, ele mesmo, apercebendo-se da minha reserva, chamava-me com freqüência de filha. De fato, nada mais fazia do que obedecer-lhe cegamente até nas coisas contrárias ao meu gosto. Como se pode ver, tinha ocasiões de sobra para renegar sempre a minha vontade”.

Se Constança não fosse sustentada por profundos sentimentos religiosos e já não estivesse habituada a uma grande abnegação de si mesma, pode-se imaginar quanto ela estava sendo infeliz e quanto tornaria também desafortunado e descontente o pobre marido. Mas não era novidade para ela ter que se sacrificar e soube fazê-lo de tal modo, que se tornou verdadeira consolação para aquele homem. Tinha-lhe muito respeito, amava-o com afeto de filha, assistia-o, tratava-o com tanta doçura que ele depois lhe fazia, com freqüência e espontaneamente, os mais singulares

elogios, contando para as mais ilustres pessoas as suas virtudes, os méritos e afeto imensos que ela tinha para com ele.

Entretanto não foram poucas e nem leves as lutas que teve de travar consigo mesma, para jamais contradizê-lo e atendê-lo em todos os seus gostos. Acontecia, às vezes, que vindo visitá-la amigos distintos, o Senhor Caetano, como era seu costume, punha-se de boa vontade ao piano para tocar uma bela música qualquer. Ela era, porém, obrigada a sentar-se perto dele e ficar, mais do que nunca, atenta e tomar cuidado de não distrair-se. Os visitantes, que teriam preferido entreter-se conversando com ela e não ouvido música, acabavam quase sempre pedindo licença para ir embora. Tão enfasiados pela inconveniência do marido, quanto admirados pela respeitosa submissão da mulher, ficavam imaginando a quantas mortificações ela tinha que submeter-se.

Às vezes, pensando agradá-la, o Senhor Caetano levava-a a passear de carruagem. Apegado como era aos hábitos de seu tempo, obrigava a mulher a usar ricos vestidos, mas fora de moda. Ia em geral a Bérgamo, desfilava pela rua principal em carruagem de grande valor, enfeitada à antiga. Parava diante de um café público, onde entrava. Em tais ocasiões, pode-se imaginar o que devia sentir Constança, tímida e sensível como era, vendo-se a si mesma e ao marido como alvo de olhares curiosos e de tantos sorrisos maliciosos. Gostaria de esconder-se, de partir logo, mas o marido não percebia, pois estava fazendo o que gostava e ela, obediente, submetia-se àquilo sem deixar transparecer a mínima contrariedade, oferecendo a Deus a sua humilhante figura, insuportável para qualquer outra mulher menos virtuosa.

Às vezes, levava-a a fazer visitas de conveniência, a entretenimentos e a festas de sociedade, para os quais era muito procurado, por ser excelente músico. Em meio a tais reuniões, muitas vezes com outros músicos, ele se sentia muito contente e imaginava que ela também sentisse prazer nisso. Pelo contrário, para ela era um verdadeiro martírio. Criada no decoro e no recolhimento, acostumada a tratar com pessoas íntegras e de bons costumes, sentia-se deslocada no meio da sociedade brilhante e sedutora. Alegre e jovial por natureza, mas de grande delicadeza de sentimentos, a menor piada ou gesto liberal causava-lhe profundo constrangimento. Sofria, tendo que suportar toda

espécie de pessoas, as quais só falavam de coisas mundanas e viviam a se fazer reciprocamente elogios, causando-lhe mais tormentos que alegria.

A tais entretenimentos seguiam-se, algumas vezes, bailes. O marido, pensando diverti-la, apresentava-a, alegre, a todos. Nesses momentos é que mais sofria, por causa dos muitos perigos a que temia ser exposta, especialmente pela sua pouca idade. Quando, porém, era convidada para dançar sabia sempre esquivar-se sem hesitação, alegando simplesmente que era péssima dançarina, porque tanto em família quanto no Educandário jamais havia dançado. Procurava, em seguida, um lugarzinho escondido no salão e ali retirada, sempre com digno e modesto comportamento, sem mostrar-se enfastiada com a festa, permanecia até que tudo tivesse terminado e o marido a procurasse para levá-la para casa.

Fora estes divertimentos, que para ela eram o maior sacrifício, Constança passava a sua vida no maior isolamento, não tinha nenhuma confidente de sua mesma posição social com a qual pudesse livremente conversar, ao menos de vez em quando, e abrir o coração. Era o mais difícil para ela, como se pode deduzir de algumas palavras que mais tarde saíram de sua boca: “Fazem-me pena aquelas senhoras que se casam e vão para longe da casa paterna sem ter pessoas amigas com quem confidenciar, ficando inteiramente submissas, na família em que estão casadas. Como é difícil, pior ainda se são muito jovens e não encontram nenhuma alma com quem partilhar suas preocupações !” Era seu caso. Gostaria, ao menos, de ir com mais freqüência à sua casa natal para encontrar os pais e talvez isso lhe fosse concedido mas ela achava difícil pedir isto ao marido.

Todas as suas alegrias , portanto, consistiam em poder retirar-se para seus aposentos para ler um bom livro ou para dedicar-se a algum trabalho feminino. Ocupava-se então dos afazeres domésticos, a supervisionar e a orientar os numerosos serviçais com presteza e amor, pois ela também era elogiada por ser sempre uma boa e ativa dona de casa.

Nos dias festivos unia-se às suas domésticas e dirigia-se à Paróquia para assistir às sagradas funções, mas, uma vez cumpridas suas obrigações, voltava rapidamente, dedicando o

resto do dia a trabalhos com as empregadas, isto é, fazendo roupas, meias, etc., para os pobres.

O marido, como é costume nas famílias abastadas, dava-lhe mensalmente uma boa soma em dinheiro para que comprasse suas roupas ou o que lhe agradasse. Mas, asseguravam as suas camareiras, ela fazia melhor uso desse dinheiro, pois além de não ser vaidosa nem ambiciosa, dizia que “de roupas estava repleta, enquanto os pobres, que também são nossos irmãos, não tinham com que cobrir-se”. Portanto, comprava cobertas, tecidos, etc., e distribuía-os a quem mais precisava. E isto fez com mais intensidade ainda quando morreram os seus pais, pois herdou um riquíssimo patrimônio e, tendo então maiores recursos, ficava satisfeita em ter muito para muito poder distribuir.

NOTA EXPLICATIVA AO CAPÍTULO 4^o:

O casamento da jovem Constança tornou-se o assunto mais controvertido do testemunho de suas Companheiras bem como de todos os seus biógrafos.

O historiador da Congregação, Pe. Nicolau Di Bianchi, na sua publicação “Riccerche Storiche e Documenti Sulla Beata Cerioli,- Laboratório Gráfico Pagazzano, 1994”- assinala o fato de que as Companheiras, para enaltecer a própria Fundadora, sustentaram a lenda, que acabou transmitindo uma idéia errada a respeito de seus digníssimos pais, bem como também errada foi a idéia transmitida sobre seu esposo, o senhor Caetano Busecchi Tassis (conforme o.c. pág. 64).

Nas suas pesquisas, Pe. Nicolau assinala as seguintes incoerências no Manuscrito Longoni:

- 1) O casamento da jovem Constança não foi apressado, pois o namoro entre os dois durou uns 4(quatro) anos.
(Cfr. o.c. pág. 54, nº 20; pág. 76-77, nº 12).
- 2) É mesmo inverídico afirmar que a Fundadora ao se casar, não sabia sequer o que significava o casamento.
(Cfr. o.c. pág. 76-77, nº 12).

Pelo contrário, tudo dá a entender que Ela ansiava pela maternidade, como de fato a maternidade realizar-se-ia na sua vida de uma forma muito particular.

(Cfr. o.c. pág.74-76, nº 11).

Em hipótese alguma, jamais Ela colocou em dúvida a sua vontade de casar-se.

Se, às vezes, deparamos com hipóteses suas a respeito do casamento, estas se referem tão somente a casamento com pessoa mais jovem, possibilidade esta que Ela realmente descartava.

(Cfr. o.c. pág.76, nota79).

3) Os pais não a constringiram, com a própria autoridade, a casar-se, forçando assim a sua liberdade.

(Cfr. o.c. pág.70-71, nº 8 e nota nº 54; bem como o nº11 nas págs. 74-76, já acima citado).

Muito significativa é, a este respeito, a carta que a própria Constança escreveu ao noivo aos 2 de abril de 1835.

(Cfr. o.c. pág. 81, nº15).

Para defender a honra dos pais da Fundadora, a sobrinha dela, a nobre Josefina Cerioli, casada Scotti, apresentou um escrito no processo diocesano da Beatificação da Cerioli.

4) O esposo, o Senhor Caetano Busecchi Tassis, apesar de seu caráter um tanto extravagante e da doença que o atormentou podemos afirmar que, no fim de sua vida, era:

- um cristão de sólidos princípios e de absoluta coerência.

(Cfr. o.c. págs. 63,71,83).

- um músico de renome como compositor, executor e também como cantor.

Muito procurado como animador de festas familiares da elite de Bérgamo.

Foi íntimo da mais alta nobreza da cidade.

(Cfr. o.c. págs. 64-67).

5ºCAPÍTULO

CONSTANÇA TORNA-SE MÃE

De seu matrimônio Constança teve três filhos⁵, mas a Divina Providência, que a havia destinado para grandes feitos, tirou-lhe logo dois, deixando-lhe somente um menino que devia tornar-se depois o centro de seus afetos maternos, a origem de suas maiores dores e ardentes aflições e enfim, a inspiração de suas heróicas resoluções e magnânimas obras.

Também este precioso tesouro, o seu Carlinhos, este era o seu nome, Deus não quis deixar-lhe e levou-o tão logo estavam maduros os desígnios celestes.

Ela era muito feliz por possuir esse filho. Desconhecendo o futuro, fazia dele o objeto de suas mais suaves e justas alegrias. Uma sua sobrinha que teve a sorte de passar a maior parte de sua juventude na casa da tia e em companhia daquele amado menino, não consegue narrar toda atenção, carinho e cuidado que lhe dispensava Constança, para educá-lo como desejava. Não o abandonava nunca, nem mesmo por um só momento. Todas as suas atenções eram dirigidas, por um lado para lhe proteger a saúde e o bem-estar do corpo, por outro, em proveito de sua alma, para adorná-la com todos os dons e virtudes que nos tornam felizes a todos, nesta e na outra vida. Ensinou-o, desde a infância, como dizem as Sagradas Escrituras, a temer a Deus e a ter horror dos menores pecados. Para tanto não deixava de corrigi-lhe os defeitos, estando sempre atenta para que o afeto materno por seu único filho, delícia e apoio das suas mais belas esperanças, não a fizesse amá-lo exageradamente.

Consciente da grande responsabilidade de criar os próprios filhos dada por Deus diretamente aos pais, ela não o confiava aos empregados, muito embora estes fossem modelos de

⁵ *A Cerioli teve quatro filhos, como resulta nos livros da Paróquia de Seriate. (cfr. “Famiglia Nostra” nº 11-12, ano LIX de 1978 em “Ricerche Storiche...”).*

religiosidade e sabedoria. Ela mesma fazia-o recitar com grande devoção as orações da manhã e da tarde, e com sete anos já o havia ensinado a ajudar à Santa Missa, que todos os dias celebrava-se na capela da casa.

Queria-o presente, principalmente, quando distribuía suas esmolas aos pobres e, naqueles momentos, alegrava-se de modo particular em vê-lo muito comovido e enternecido à vista da miséria do seu próximo. Dava-lhe, muitas vezes, a esmola para oferecer com suas próprias mãos aos mendicantes que se apresentavam à porta da casa e ensinava-lhe todos aqueles cuidados e maneiras delicados, de que a caridade deve usar para não humilhar, mas consolar os pobres.

Além disso incentivava-o às práticas de piedade para com Deus e, particularmente, a ter uma suave devoção a Maria Santíssima, em honra da qual freqüentemente sugeria-lhe abster-se de frutas aos sábados ou de fazer qualquer outro pequeno ato virtuoso, que estivesse de acordo com a sua idade. E aquele querido menino devolvia à mãe a mesma quantidade de amor que dela recebia, aceitava com muito prazer as suas santas sugestões e estava sempre ao seu lado e muito contente.

Mas, cuidava também de uma outra coisa, que era fazer com que Carlinhos nunca pensasse em perder o amor e o respeito pelo pai o qual, envelhecendo e tornando-se cada vez mais fraco de saúde, muitas vezes mostrava-se com ele muito exigente e podemos dizer, a bem da verdade, que tratava-o com exagerado rigor. Ela, com bons modos, nestas ocasiões, pedia ao pai desculpas pelo filho, correndo o risco de ela mesma sofrer uma repreensão. Depois dirigia-se ao filho recomendando-lhe que obedecesse sempre ao seu pai e que o satisfizesse em qualquer coisa, explicando-lhe que receberia na terra e no céu um grande prêmio por todos os sacrifícios que fizesse pelos seus pais. Mas, quanto sofria, no entanto, esta mãe! Eram, na verdade, pequenas e passageiras cenas familiares, que não chegavam a perturbar profundamente a boa harmonia que reinava naquela casa, mas que, mesmo acontecendo só de vez em quando, eram para Constança ocasião de sofrimento e amarguras íntimas, que ela oferecia continuamente a Deus, sem contudo deixar transparecer

nem um pouco de sua amargura. Não seria demais mencionar aqui um episódio relativamente freqüente.

Apaixonado como era pela música⁶, muitas vezes o Senhor Caetano Busecchi gostava de colocar-se ao piano, cantando algum trecho ora melancólico, ora alegre, sério ou brincalhão, que, com muita maestria, acompanhava com a música. Constança ficava então atenta a escutá-lo mas, por não conhecer nada desta arte, nada entendia. Mas se esforçava para mostrar-lhe satisfação como se fosse, também para ela, a mais agradável das ocupações. No entanto, Carlinhos e sua pequena prima brincavam pela sala, perto da mãe e, como é natural nas crianças, em determinados sons e em certas notas mais marcantes começavam a rir. Constança chamava-lhes a atenção para que o marido não se irritasse, mas ele, pensando que as crianças estivessem rindo dele, enfurecia-se, fechava com ímpeto o piano e saía gritando: “Vocês não têm educação!...” E ela tinha o duplo desprazer de ver o marido desgostoso e de ter que corrigir severamente as crianças por ato tão inocente, obrigando-as a um rigor e a um controle superior à sua idade.

Outro grande desgosto experimentava, como já foi dito, quando ia a Soncino visitar seus velhos pais, rever a família e os lugares de infância. Teria gostado muito mais destas visitas se pudesse levar consigo o seu Carlinhos, principalmente quando ele já era mocinho, e apresentá-lo a todos os seus familiares e conhecidos. Mas o marido negava-lhe este prazer, por ciúmes que sentia do doce afeto que ela demonstrava por aquele filho. Quando concedia a ela licença para ir, dava logo a entender a sua vontade de que o filho permanecesse com ele e ela não ousava contradizê-lo.

Isto amargurava-a muito, sobretudo por saber do rigoroso tratamento que seria dispensado ao filho durante sua ausência, não pela falta de amor que o pai lhe tinha mas pela sua idade avançada e pelos inúmeros achaques que o tornavam impaciente, contra sua vontade. “Proibir-me – revelou um dia à sua confidente

⁶ *Caetano Busecchi Tassis era amigo de Simone Mayr, mestre de Donizetti.*

– proibir-me de levar comigo o meu único e querido filho, era como impedir-me de ter comigo a minha alma. Isto estraçalhava-me o coração e aquela viagem se transformava num martírio. Somente quem sentiu o amor de mãe por um filho único e amor de filho tão afetuoso como era o meu, pode conhecer-lhe a força e a intensidade”. Recordando essas coisas, conta sua confidente, comovida e enternecida até às lágrimas ainda perguntou: “Como a senhora conseguia suportar tanta opressão, sem nunca se queixar?”

E ela: “O meu conforto, respondeu, eu o tinha em Nossa Senhora das Dores, com Ela desabafava minha dor, Dela recebia conforto, consolação e ajuda”.

Mas por que não comunicar o marido seu desejo?

“Ele podia muito bem imaginá-lo, respondeu, e eu, contrariar sua vontade, que considerava ser a de Deus? Desta forma dispunha Deus as coisas para separar, pouco a pouco, o meu coração daquele que, infelizmente, seria a vítima sacrificada por tantas outras almas que, de outra forma, não teriam jamais conforto?”

“Mas, seu filho, o que dizia? Não se queixava de ter que ficar em casa sem a Senhora?” “Ele – concluiu - era mais virtuoso do que eu e compreendia que eu sofria por abandoná-lo, mas dissimulando a própria dor, confortava-me: Fique tranqüila mamãe, que eu estarei bem, a Senhora vai ver como nada de ruim vai me acontecer. O que a Senhora quer? Papai me obriga a ficar em casa com ele, é sinal de que me ama e eu estou contente, divertir-me-ei com minhas pinturas, com meus livros, etc.”

Então narrava quão afetosamente beijava-o na testa, entregava-o nos braços de Jesus e Maria e resignada a não mais lamentar-se de qualquer coisa que dela exigisse o Senhor, cortesmente despedia-se do marido e partia.

Chegou a hora de pensar em algum Colégio público onde colocá-lo, a fim de que fosse educado conforme requeria a sua posição. E este foi, para ela, um outro pensamento que agitou demasiadamente o seu coração, parte porque seria forçada a afastar de si aquele filho tão querido e parte por ter que encontrar um estabelecimento onde, além das letras e ciências, Carlos tivesse também condições de aprender os mais sólidos princípios

de vida cristã e, sobretudo, fosse neles educado. Fez as mais diligentes e cuidadosas pesquisas. Finalmente decidiu-se pelo novo Colégio de Santo Alexandre, em Bérgamo. De fato, na época, o Padre Alexandre Valsecchi, excelente padre, que depois foi Pároco da Catedral, posteriormente Bispo de Tiberíades e Auxiliar, com direito à sucessão de Monsenhor Speranza, estava fundando-o, de acordo com todas as exigências da sabedoria e da prudência, que bem rápido fizeram seu colégio adquirir a fama que todos conhecem.

Ela o matriculou e ele se tornou assim o primeiro aluno que aquele digníssimo Reitor aceitou no novo Colégio, de modo que, depois, tinha prazer em chamá-lo de primeiro rebento. E tinha razão em alegrar-se, porque em breve ficou tão contente com ele que não raras vezes dizia que enxergava naquele primeiro rebento um penhor da bênção de Deus sobre a sua obra. Munido de inteligência, o rapaz mostrou logo que fazia bom proveito dos estudos mas, de modo especial, brilham sua conduta edificante e a sua boa índole. O próprio Dom Valsecchi, falando, depois da morte de Constança, do quanto seria bom que alguém lhe escrevesse a vida, expressou o desejo de introduzir nela algumas cenas da vida deste caro jovem.

Consolava-se entretanto aquela mãe com as boas informações que dele recebia através do Rev. Sr. Reitor, de viva voz e por escrito. Dirigindo-se freqüentemente ao Colégio para visitá-lo, não é necessário dizer o estímulo que lhe dava para continuar assim, tanto nos estudos quanto na obediência e na virtude, no amor à religião e à piedade, deixando bem claro que ela esperava tudo isso dele. O jovem correspondia plenamente aos seus desejos, por isso ela ficava cada vez mais satisfeita e agradecia grandemente a Deus pela escolha daquele Instituto, concebido e conduzido com tanta sabedoria cristã. Restava-lhe somente o natural desgosto de precisar viver sem o menino, e se isso é normal em qualquer mãe tanto mais o era em Constança, considerando-se as suas particulares circunstâncias. Eis como ela própria se exprimia: “Era para mim – dizia – uma grande consolação ter sempre boas notícias a respeito da conduta e da aplicação do meu caro filho. Cada vez que eu ia vê-lo era um grande sacrifício afastar-me outra vez. Sozinha, fazia o retorno

para minha casa, sofrendo com a penosa separação, sem outro consolo na vida senão a companhia de meu único filho. Com meu marido pouco falava. Sua idade dificultava-lhe compreender-me. Não havia ninguém de minha confiança que pudesse participar da minha alegria ou da minha dor”.

Chegava, porém, o tempo das férias e então trazia-o do Colégio para casa e não é necessário dizer que nunca o abandonava. Todos os momentos passava-os com ele. Procurava diverti-lo com a leitura, que faziam juntos, de livros adequados e com conversas condizentes com sua piedade e amabilidade. Ela gostaria de ser mais instruída para tornar cada vez mais agradáveis e ao mesmo tempo, mais úteis, suas conversas. Escutava-o, com muito prazer, falar sobre as coisas que aprendera na escola. Para testá-lo, fazia-lhe objeções a respeito das várias matérias, inclusive da religião, apreciando a sagacidade com que respondia e rebatia os erros.

Não se deve pensar, entretanto, que estes momentos de alegria não eram nunca perturbados. Deus queria mesmo esta serva sempre fixa na cruz. Era natural que Carlos desejasse ter, algumas vezes, mesmo nas férias, a companhia de algum amigo seu ou colega de classe, para juntos recordarem-se dos muito momentos vividos juntos na escola e das tarefas no Colégio. A mãe via nisto um desejo mais do que justo e honesto, mas o menino, para não vê-la aflita em não poder atendê-lo, nunca pedia-lhe isto. Havia sempre o obstáculo do velho pai que, gostando excessivamente da quietude e da solidão, não permitia nenhum estranho em casa. Era, portanto, necessário resignar-se e nem mesmo falar-lhe sobre isto, para não correr o risco de desgostá-lo. E assim faziam, tanto a mãe quanto o filho. Para manter a tranqüilidade e a perfeita união da família e não faltar nem um pouco com o respeito devido ao chefe da casa, os dois sufocavam tudo dentro de seus corações e nem mesmo faziam comentários para não haver lamentos inúteis. Especialmente Constança, como ela mesma o disse mais tarde, ficaria com a consciência pesada se permitisse a mínima observação a respeito do procedimento do marido. Entretanto, parece que deveria tê-lo feito. O médico da família, pessoa ilustríssima, atestou que Carlos não pode alcançar aquele grau de desenvolvimento físico

necessário para a sobrevivência, por causa da opressão moral imperiosa que o pai exercia sobre ele. Mas ela não previa isto, como certamente não o imaginava o pai e só fazemos referência a tais coisas para tornar conhecida a virtude dela e as dores de seu coração.

Sucedia que obtendo, uma vez ou outra, permissão de levar Carlos a um passeio de carruagem, toda alegre e contente dava ordens para que se preparassem os cavalos e avisava o filho, que por sua vez, também se mostrava muito alegre. Mas, quando o empregado anunciava que tudo estava pronto e eles se dispunham a partir, vinha o pai dizendo que havia mudado de idéia e ordenava que ficassem. Ela, sem perguntar o porquê daquela mudança, dizia: “Como você quiser !” Entrando em casa pacificamente e sem tardar, persuadia o filho de que o pai não os deixava sair temendo talvez que eles corressem algum perigo.

Havia, no fundo do jardim, um lugar que ficava escondido da visão de quem olhava dos quartos habitados do palácio, e uma saída secreta que dava para a estrada . Aquele era, portanto, o único lugar onde o menino podia receber, às escondidas, algum jovem amigo que viesse visitá-lo. Quando tinha que mandar alguma pessoa confeccionar roupas ou fazer outro serviço qualquer, o marido não se recusava em pagar regamente aqueles que trabalhavam, mas quando se tratava de alguma coisa necessária para o filho, ele parecia não se preocupar. Portanto, supria ela mesma a estas necessidades, usando daquilo que era lícitamente seu e evitando assim que o marido fosse perturbado.

Apesar da contínua abnegação que devia fazer de todo o seu ser e particularmente de seu coração tão freqüentemente ferido, ela nunca deixava de estar em volta dele com a mais suave afabilidade e inalterável paciência.

Além dos contínuos cuidados, sempre pesados e muito cansativos que a saúde dele requeria por causa da fraqueza do corpo e da mente, ela multiplicava seu trabalho querendo fazer tudo com suas próprias mãos quando, muitas vezes, poderia perfeitamente ser substituída. Acompanhava-o pelos corredores e jardins, prestando-se docemente a apoiá-lo com seu próprio corpo. Não se cansava de ficar longas horas com ele e conversava

sobre seus assuntos favoritos, sempre que o via com disposição para conversar. Quando lhe parecia que ele desejava ficar em silêncio, observava se nada lhe faltava, retirava-se silenciosamente para seu quarto e dedicava-se a seus afazeres. A qualquer mínimo aceno dele, ela prontamente o atendia, muito contente de cumprir, ela mesma, os seus desejos como se fossem ordens. Ele, por outro lado, não ignorava esta virtude dela, pois quando a solicitava, chamava-a docemente com o apelido de monjazinha, demonstrando assim o quanto estava seguro de ser prontamente obedecido por uma mulher que já tinha, na verdade, a maior das virtudes religiosas, que é o desapego de si mesma. “Esta mulher foi sempre o meu consolo. Em todos os momentos, deu-me assistência e foi companhia admirável”. Este elogio saiu espontaneamente do Senhor Caetano um dia em que, já estando no final de sua vida, falava com Monsenhor Valsecchi, o qual havia se tornado, então, íntimo da família. Enquanto proferia estas palavras, voltou-se repentinamente para Constança com grande comoção, atestando assim a gratidão que sentia. Ela corou, ao ouvir tal elogio, estando certa, na sua humildade, de não ter feito nada além de sua obrigação.

6ºCAPÍTULO

DOENÇA E MORTE DO FILHO CARLOS

Carlos havia começado o seu sétimo ano de Colégio⁷. Sempre incansável nos estudos, dava as mais belas esperanças em relação ao seu futuro. Também a sua saúde física parecia duradoura e tinha se conservado, até agora, relativamente boa. Era um conforto para a mãe, que em meio a todas as suas tribulações, consolava-se em pensar no futuro daquele filho: “Se soubesse, - assim dizia um dia à sua confidente – se soubesse quantos projetos eu fazia para aquele querido objeto de meu amor! Quantos pensamentos passavam pela minha imaginação! Quantas

⁷ *O seu sétimo ano no colégio corresponde ao ano escolar de 1852-1853.*

felicidades sonhava e imaginava para seu futuro!”. Dizia que ele não procurava nenhuma espécie de divertimento e se mas mostrava contente com qualquer pequena recreação que o distraísse de vez em quando, de suas contínuas ocupações. Ela, algumas vezes, distraía-o falando-lhe de seus projetos e procurava fazê-lo se entusiasmar por eles. Então, lamentava-se dizendo que não sabia exatamente o que teria feito para torná-lo feliz.

Não se cansava nunca de falar-lhe das felicidades terrenas com que tanto sonhava para ele. Com muita freqüência, porém, fazia-o pensar também nas maiores e mais seguras alegrias que a todos esperam no céu. “Nas belas noites de outono, - dizia mais tarde – convidava o meu Carlinhos para admirar a grandeza e a onipotência de Deus nas belezas da natureza; depois, como para compensá-lo das privações às quais devia submeter-se aqui na terra, levava-o a refletir sobre as alegrias que gozaria um dia no céu, exclamando: “Quando estivermos lá em cima a passear sobre as estrelas! Se é tão bonito o céu visto daqui, como não será o paraíso? Meu Carlos, virá o tempo em que nos encontraremos lá e veremos e gozaremos a presença de Deus e Pai amorosíssimo... Muito comovida, apertava-lhe a mão como que para lhe penetrar com meus pensamentos. Meu Carlos compreendia-me muito bem e enternecia-se até às lágrimas”.

Querido juvenzinho! Era naquela felicidade que logo ele deveria chegar, mesmo porque só pôde vislumbrar de longe, algo da felicidade terrena. Deus, nos seus altos e impenetráveis desígnios, havia estabelecido tirar também este único filho daquela virtuosa mãe, traspassando assim o seu coração com a espada mais aguda e afiada. Mas, assim faz Deus com os seus santos e esses, muito embora reclamem, adoram-no e são obrigados a reconhecer os misericordiosos fins para os quais Ele assim os trata. Constança, que tanto amor dedicava àquele filho, sofria muito em vê-lo assim sacrificado pela vontade do pai, naquela risonha idade. Admitiu um dia: “Providência de Deus! Se eu tivesse tido a liberdade de fazer tudo o que o meu amor mandava , procurando-lhe amigos, prazeres e diversões, tê-lo-ia estragado. Devo, então, agradecer à Divina Bondade, que valeu-se desta aparente escravidão, para conservar imaculada e pura a vontade do meu Carlinhos”.

Era o mês de junho de 1853 quando o Reitor do Colégio, a cuja vigilância nada escapava, percebeu que o jovem Busecchi não tinha mais o costumeiro vigor e parecia antes um tanto sofrido. Com a máxima presteza procurou o médico, mas vendo que o menino não reagia, avisou aos pais. Logo que Constança recebeu a triste notícia foi ao Colégio para buscá-lo e trouxe-o para casa, com a maior esperança de rapidamente recuperá-lo. Não houve cansaços, nem cuidados, nem meios que esta boa mãe não usasse para animá-lo. Para termos uma idéia, escutemos as suas palavras: “Quando estava doente, não sei dizer quantas noites nem mesmo me deitei ; estava continuamente ao lado do seu leito e tentava tudo para curá-lo; porém, mais que nos médicos e nos remédios, confiava em Deus e fazia sempre novas promessas e novas súplicas ao Altíssimo, dava esmolas com grande generosidade, mandava celebrar missas e tinha tanta fé em ser atendida e tais e tantas foram as promessas com as quais me comprometia com Deus que , se não fosse mesmo determinação Divina tirá-lo de mim para assim proporcionar abrigo aos abandonados, seria impossível que o Senhor não me tivesse atendido porque, em tais circunstâncias, impossível haver quem tivesse tido mais fé que eu. É necessário mesmo dizer que a oração não cai no vazio, produz sempre seu efeito que, se não é aquele que se deseja, são favores talvez maiores, muito embora diferentes daqueles solicitados”.

Entre as promessas que Ela tinha feito naquela ocasião havia aquela de fechar-se em um sagrado retiro logo que Carlos pudesse cuidar de si próprio. E parece que, pouco tempo, depois o céu quis ouvi-la, pois parecia que a doença houvesse tomado um bom rumo e o enfermo estava em vias de sarar. Mas, bem pouco durou a melhora. Carlos, passado cerca de um mês, recaiu, desta vez mais grave que antes, de modo que, bem depressa, foi obrigado novamente a ficar de cama. Naquele período, quem poderia descrever como foi sua vida ? Obrigada, além de tudo, a cuidar continuamente do marido, agora reduzido ele também a uma condição cada vez mais deplorável, extremamente exigente em tê-la sempre a seu lado e ainda mais exigente em não querer que Ela demonstrasse mais dedicação pelo filho do que por ele. Ela não teve, literalmente, mais um instante livre que não fosse

dedicado ao pobre enfermo, ou então, não o passasse inconsolavelmente diante do altar na sua capela, a suplicar e rogar ao Deus misericordioso que afastasse dela aquele cálice de amarguras que, infelizmente, previa ter que beber logo. Confessou que, uma vez, considerando as dores de Maria Santíssima e imaginando o momento em que ela viu a morte de seu Divino Filho, sentiu um tal pressentimento e um tal aperto no coração que quase desmaiou. “Não sei, - dizia depois – como eu consegui sobreviver, magra e extenuada como estava”.

Mesmo que não lhe faltassem empregados e pessoas afeiçoadas à família, cada atenção e cada cuidado para com seu querido Carlinhos, todavia, eram seus. As noites que passava junto a ele, passava-as falando em coisas santas, com as quais animava-o a ter paciência e resignação. Quando ele dormia, entretinha-se em orações e conversas com seu Deus, a fim de que Ele tivesse a piedade de curá-lo, mas, por mais orações que fizesse, por mais cuidados que excelentes médicos lhe dispensassem, Carlos piorava sempre mais, de modo que alcançou bem depressa o ponto de não deixar mais esperanças de vida. Constança entendeu então que também este sacrifício, por maior que fosse e sem dúvida seria o maior de todos, Deus exigia dela. Reuniu então toda sua fé, suas virtudes e implorando que não lhe faltassem as forças necessárias, procurou aceitar e resignar-se com tudo. Não quis entregar-se a choros e desmaios, antes, orientou suas forças para enviar ao céu aquele que não podia mais esperar ter consigo nesta terra e haveria de encontrar o mais breve possível lá em cima. Por isso, corajosamente sufocando a angústia interna que sentia, dispôs-se a lhe sugerir, com todo o amor e amabilidade que, vendo o mal persistir tão obstinadamente, ficaria muito contente se recebesse, sem medo, os Santíssimos Sacramentos, antes que o mal se tornasse maior. Ele não sabia que encontrava-se naquele perigo, no entanto, não criou nenhuma dificuldade e sem mesmo perturbou-se. Respondeu que o faria com prazer. Foi chamado o confessor, foi avisado o pai e os familiares e tudo isto se fez com a máxima discrição e tranqüilidade. Daquele momento em diante, nem o filho nem a mãe falavam mais de esperança de cura; falavam entre eles

somente do céu. Era o próprio Carlos que, com as mais doces expressões, confortava, muitas vezes, a mãe.

No momento em que ele lhe expunha seus últimos desejos, percebeu que ela tinha sido tomada de grande angústia e assim lhe disse: “Não entristeçamo-nos muito, querida mamãe, eu morro com prazer, você também oferece seu único filho em sacrifício a Deus”. “Mas que farei eu aqui sozinha sem você ? E o que fazer dos teus bens ? “. Carlos respondeu: **“Oh ! O Senhor te dará outros filhos”**.

“Estas palavras, - assim narrou ela posteriormente – ao invés de confortar o meu coração dilacerado, apertou-o ainda mais, pois interpretara de forma errada as suas palavras, ignorando então que aquela alma inocente havia penetrado nos mistérios de Deus.

Daquele momento até a sua morte fiquei como que petrificada. É impossível descrever como me achava então, só Deus o sabe. Seja para sempre bendita a Sua bondade, que tudo dispõe pelo bem de seus filhinhos!”

Mas, o momento fatal havia chegado e a morte arrancou dos braços de Constança aquele tesouro. Deus, podemos dizer, colheu aquela flor, de que a terra era indigna, para transplantá-la no céu. Carlos expirava, tranqüilo e quieto, na tenra idade de 16 anos, no dia 16 de janeiro do ano 1854.

Ouçamos Ela mesma: “No instante em que meu filho expirava, voltaram-me à mente as palavras pronunciadas por ele pouco antes , e, naquele momento, a interpretação errônea que havia feito das palavras de Carlos, isto é, de que o Senhor me daria outros filhos, mudou e proporcionou-me grande conforto e alívio no momento de sua morte. Percebi mais claramente o sentido de suas palavras e concebi o pensamento de um Instituto para camponeses pobres e abandonados que se chamasse : Instituto Carlinhos. Mas, no momento, imersa na dor, era incapaz de reflexões; este pensamento, porém, permaneceu como um conforto, sem saber entretanto, nem quando e nem como poderia realizá-lo. Entretanto, no mais profundo de minha dor, não sabia mais o que fazer neste mundo”.

Deu a última prova de ternura materna realizando um esplêndido funeral na Igreja Paroquial de Seriate. Os pobres

foram, nesta ocasião, largamente beneficiados, estes vieram em multidões a pagar-lhe, com orações, as esmolas que tinham muitas vezes abundantemente recebido.

É mais fácil imaginar do que tentar descrever a dor de Constança. Não conseguia pensar em outra coisa, senão em seu Carlinhos, que havia perdido. Cada lugar, cada objeto, cada coisa, tudo só fazia recordá-lo.

“Não sabia, - dizia Ela – o que fazer de mim; em qualquer lugar que fosse no palácio, cada coisa recordava o meu querido filho, tudo me afligia. Vendo as pessoas com as quais me havia relacionado quando meu filho ainda era vivo, sentia-me esmagada por uma profunda dor, alimentada por reflexões desse tipo: Veja! todas estas pessoas ainda vivem e estão aqui, mas o meu querido Carlos não está mais! Ele via com tanto prazer estas pessoas! Ficava tão contente quando podia conversar com o seu Reitor e com os seus professores! Por isso, a presença de todas essas pessoas me cortava-me o coração. Sofria ao vê-los e escutá-los. Ao invés de me trazerem conforto, aumentavam a minha pena.

Meu único conforto era então a Virgem Dolorosa. Pensar na sua dor profunda aliviava a minha angústia”.

Perguntada por sua confidente se, em tal estado de aflição, procurou algum desafogo, alguma distração, fora de casa, respondeu: “Não, jamais, pelo contrário, sentia por tudo um tão grande horror, que nem sei explicar. Muito embora tivesse oferecido a Deus todo meu sofrimento, ainda assim, a minha dor era tão grande, que pensava que ia morrer”.

O Reitor do Colégio, Mons. Valsecchi, vinha freqüentemente visitar o seu dileto aluno durante a doença e confortar, o quanto era possível, a desolada mãe. Tão logo o filho lhe foi tirado, ele a incentivou a lhe escrever sobre alguns aspectos da doença e sobre a morte de seu querido Carlinhos, sem dúvida para lhe aliviar um pouco da dor e desabafar o seu transpassado coração, uma vez que a via incapaz de qualquer outro conforto humano. Sua intenção, como já dissemos, era compor um resumo da vida do menino, para servir de modelo aos jovens colegiais e também para o conforto da desolada mãe, a quem, portanto, tal convite abriu grandemente o coração, mais do

que poderia qualquer outro esforço humano. Aceitou prontamente e eis as cartas que lhe escreve:

“Revm^o. Sr. Reitor! Os dias passam, mas a minha dor pela perda do meu querido Carlos faz-se cada vez mais viva; perdi tudo naquela alma pura e imaculada! A minha vida era muito ligada à dele para poder esquecê-lo facilmente, ajude-me com as suas orações, Senhor Reitor, espero poder aproveitar de tão grande desgraça para tornar-me digna, quando Deus me chamar para junto de si desta terra de exílio, de ser companheira dele no céu como sempre fui na terra”.

O senhor deseja que o informe de algumas particularidades que façam conhecer melhor aquela bela alma, por ocasião de sua doença. Da maneira com que sou capaz, faço-lhe aqui com muito prazer, uma pequena descrição:

A sua resignação foi admirável. Durante todo o tempo de sua longa enfermidade, que ele arrastou por sete meses, nunca se ouviu de sua boca uma palavra de impaciência, muito embora a própria natureza da doença lhe ocasionasse grande tristeza. Eu, durante todo este tempo, não o vi rir nenhuma vez sequer, nem mesmo quando o outono parecia haver-lhe restituído a saúde. Acredito que padecia durante todo o tempo, mas escondia-me o seu sofrimento com medo de aumentar a minha pena, que já era grandíssima. Muito embora eu procurasse controlar-me, minhas lágrimas muitas vezes me traíam. Nos últimos dias, quando já não podia mais esconder as suas dores, dizia, com uma expressão facial que inspirava compaixão: ‘Se soubesse, mamãe, o quanto sofro! Paciência...’ E paciência dizia também todas as vezes que era necessário virá-lo, levantá-lo, etc. Um dia lhe disse: ‘Escute, Carlos, se Deus, prevendo talvez que se lhe restituísse a saúde, você não se salvaria e que, pelo contrário, para premiar-lhe pelo seu ótimo comportamento, quisesse levá-lo agora para o paraíso, você iria com prazer?’ Respondeu-me depressa, com presteza: ‘Claro, mamãe, seria uma grande graça’. Disse-lhe outra vez: ‘Eu tenho muita fé que a Virgem lhe restituirá a saúde’. Ele respondeu: ‘Como há de fazer Nossa Senhora para agraciar-me com o milagre? Não lhe digo mais os Pai-nossos’. Era verdade, como seu estado de saúde tinha se agravado, achei por bem não fazê-lo rezar, com medo que o esforço lhe prejudicasse o

estômago e nós sempre rezávamos os Pai-nossos juntos. Um outro dia falava-lhe com um pouco de ressentimento: ‘Fiz tantas devoções, tantas, Carlos! e você até agora não sarou’. ‘É sinal de que não o merecemos’, respondeu-me com resignação. Quando lhe exprimia o meu temor de talvez não ter obedecido bem ao médico ou que não tivesse seguido bem as suas ordens, dizia-me: ‘Nem pense nessas coisas, mamãe, se Deus me quisesse são, estaria são, é este o meu destino!’

Uma outra vez disse-me: ‘Mamãe, sinto muito morrer por não ter assim oportunidade de retribuir-lhe os muitos cuidados que a senhora teve para comigo’. Tais palavras me compensavam amplamente de tudo. Vendo-o mais acabrunhado do que de costume, disse-lhe: ‘Carlos, em que você pensa?’ ‘Estava pensando em todos os projetos que fizemos, respondeu, e agora?’ ‘Não se martirize, Carlos, Deus te compensará abundantemente no paraíso’. “Eu o sei, mamãe, não me importo; sou indiferente a morrer, porém, quando me sinto um pouco melhor, sararia com prazer’. Havia feito espontaneamente uma promessa a Nossa Senhora de Ardésio e quando eu lhe perguntei: ‘Você ainda tem fé, Carlos?’ Respondeu-me: ‘Oh! Sim, a minha fé continua intacta mas para mim tudo está acabado’. Essas foram, pode-se dizer, as suas últimas palavras. A sua obediência continuava sendo exemplar. Uma tarde, dez dias antes que esta bela alma fosse para o céu, como começasse a piorar, algumas pessoas fizeram-me entender que não se podia perder tempo em fazê-lo cumprir suas devoções e convinha prepará-lo para receber os sacramentos. Eu, entretanto, depois de ter lutado longamente entre as angústias da incerteza, isto é, entre o amor de mãe a quem se tornava difícil fazer isto e o dever de cristã, que me estimulava a fazê-lo, disse-lhe finalmente : ‘Carlos, parece-me que você está pior do que de costume e temo que piore ainda; sempre tive tanto cuidado com o seu corpo e não terei mais cuidado ainda com a sua alma ? É melhor você se confessar!’ Respondeu-me então com indescritível doçura: ‘Mamãe, parece-me não estar em tal situação, porém, se a senhora acha, confessar-me-ei’. E confessou-se logo em seguida.

Quando percebia que seu sofrimento era muito, dizia-lhe: ‘Tenha paciência que Deus o premiará logo com o paraíso’. ‘Oh! Não diga isso, mamãe, é certo que espero ir para o paraíso mas

assim tão logo, não, pois também cometi pecados e tenho ainda que repará-los, veja que estou lúcido!...' 'Ofereça a Deus a sua juventude, dizia-lhe, a sua doença e as suas dores, as brilhantes perspectivas que desfilavam diante de seus olhos!...' Então calava-se, fazia, talvez, no seu coração a oferta e Deus a aceitava. Oh! Deus é justo e saberá premiá-lo...".

Acredito que seus últimos dias foram repletos de mortificações. Tomava os remédios sem hesitar, quando tinha por eles uma grande repugnância. Vomitava-os quase sempre, até que o médico os suspendeu. Aceitava, com paciência e silêncio, outros remédios que lhe davam, que também foram suspensos nos últimos dias, para não mais atormentá-lo.

Carlos sabia o que é a amizade. Demonstrava o amor que tinha pelos colegas quando eu lhe perguntava com insistência, se havia algum desejo seu que quisesse ver realizado, que eu o cumpriria escrupulosamente, disse-me: 'Distribua entre os meus amigos os mais belos livros da minha pequena biblioteca, pois não tenho outras coisas'. Deixava-lhes assim a coisa mais querida que tinha, os livros, nos quais empregava a maior parte de seu tempo. Sua paixão por seu livros era tão grande, que quando entrou em agonia, fez-me colocar um livro debaixo de seu travesseiro. Perguntei-lhe se queria lê-lo, respondeu-me: 'Quem sabe se não lerei ainda!...' Foram suas últimas palavras".

Era grande a sua. No dia de Natal, depois de assistir a três missas, entrei no seu quarto e lhe disse: "Carlos, assisti a três missas, uma para mim, uma para você e outra para aquela pobre juventude que hoje certamente não irá à Igreja. Respondeu-me: "Eu também conheci um rapaz que não ouviu a Santa Missa no dia de Natal, tenho pena desses pobres jovens. Quando estou em companhia deles e que fazem algum comentário contra a religião, envergonho-me por eles". Numa outra ocasião dizia-me: "Aquele jovem é bom mas tem o infortúnio que seus pais não cuidam muito bem dele e, pobrezinho, corre o perigo de perder-se com as más companhias".

O seu modo de pensar era superior à sua idade. Eu o considerava como meu amigo, meu conselheiro e como tal, o consultava para tudo e, seus conselhos podiam ser seguidos de olhos fechados, sendo todos eles ditados pela prudência.

Abominava a mentira, era leal e sincero. A sua fisionomia exprimia a sua bondade.

Ainda nos primeiros anos do colégio encontrei, certa vez, nos bolsos das calças, seus propósitos dos Santos Exercícios e outra vez, uma novena à Virgem Maria onde, cada dia era marcado por uma mortificação especial. Passaram-se os anos mas eu os conservo ainda entre as minhas cartas mais queridas e pretendia restituir-lhe futuramente para que se recordasse do fervor de sua primeira juventude!...

Quantas vezes não chorei de alegria!... Meu Deus, por que o tirou de mim?... Por que dar-me tanto consolo para tornar depois mais amarga a minha perda?... Era a mais feliz das mães, e agora?... Ah! Senhor Reitor, direi também, a exemplo do meu Carlos: “Paciência”! Deus me deu uma grande cruz, mas peço-lhe sempre que me faça, ao menos, a graça de aproveitá-la para que eu possa obter, um dia, o prêmio prometido àqueles que choram.

Desde pequeno o meu Carlos, no sábado, abstinha-se de frutas, em honra à Virgem Santíssima. Quando, às vezes, à mesa, esquecido de que era Sábado, pegava uma fruta, eu lhe dizia baixinho, para que ninguém ouvisse: “Carlos, hoje é Sábado”! “Tem razão, mamãe”, e a deixava na fruteira, embora estivesse com vontade.

“Pobre Carlos ! Reze por mim,- dizia-lhe nos seus últimos momentos - que eu rezarei sempre, sempre por você”. Respondia-me: “Sim, mamãe, não duvido de você!...” Sabia muito bem o quanto o amava !...

Senhor Reitor, eis, à minha maneira, uma sucinta narração do que me pediu. Não caberia a uma mãe fazer elogios a seu filho, procurei ser o mais sincera possível. O senhor o conhecia e o educou por tantos anos, poderá assim verificar se este era realmente o seu caráter. Deus me perdoe se usei de complacência, talvez Ele tenha querido punir-me porque eu andava muito orgulhosa daquele seu presente e, talvez amasse mais a criatura que o Criador!...Seja feita a Sua vontade e perdoame alguns desabafos em lágrimas”.

Poucos dias depois de escrita esta carta, Constança escreve também a seguinte:

“Reverendíssimo Senhor Reitor,

como lhe prometi, acrescento ainda alguns particulares referentes àquela bela alma do meu bom e querido Carlos, mas, Senhor Reitor, fazendo isto, não quero, nem devo fazê-lo parecer um santo, ele também tinha os seus defeitos mas, levando-se em consideração a sua pouca idade, os seus belos sentimentos anulavam muitas imperfeições. A leitura destas cartas pode servir de exemplo a seus companheiros e ajudá-los a compreender a importância que têm, para a juventude, os princípios sadios e religiosos, de que provêm todas as riquezas, que só são de fato úteis, quando Deus nos chama para junto de si.

Carlos tratava com muito respeito os empregados. Evitava, quanto possível, incomodá-los. Aquilo que podia fazer sozinho, fazia-o com prazer e quando era obrigado a usar de seus serviços, particularmente durante a sua doença, pedia-lhes com bons modos, acrescentando sempre: faça-me o favor de fazer isto, faça-me o favor de fazer aquilo, de modo que era amado pelos seus dependentes, muito embora Carlos fosse de poucas palavras. Ele havia desenvolvido em seu coração o conceito de que nascer rico é sorte e não uma virtude, por isso, considerava os servos como nossos irmãos infelizes. Assim considerava também os pobres e nunca se recusava, quando lhe pediam, de tirar de seu bolsinho alguma coisa e dá-la.

De como era zeloso nas práticas religiosas já falei na outra carta, não obstante acrescento ainda que desde muito pequeno tinha o mesmo cuidado. Recordo-me que, esquecendo-me às vezes de fazê-lo recitar as orações costumeiras no fim do dia, depois que já estava deitado e eu prestando-lhe aqueles mil cuidados e atenções que somente uma mãe conhece, lembrando-me do esquecimento, dizia-lhe: “Carlos, esta tarde esquecemo-nos de dizer as orações”, ele depressa me respondia: “Está bem, levantar-me-ei já e di-las-ei”, e se preparava, de fato, para fazê-lo. Eu, entretanto, confesso que, por temer que o fato de levantar-se o incomodaria e pudesse prejudicar-lhe a saúde, acrescentava: “Não, não, Carlos, fique tranqüilo, pode dizê-las também na cama”. Não percebia que assim fazendo, estava colocando Deus abaixo da criatura e procurava com estes pretextos, cobrir o meu

cego amor: tinha mais zelo pelo seu corpo do que pela sua alma imortal!... Reconheço-o agora. Mas Carlos certamente intercederá por mim junto ao Senhor, como prometeu-me antes de morrer... Recordo-me que no começo de sua doença, à tarde, como se costuma fazer em todas as famílias cristãs, recitava-se o rosário. Não indo rezá-lo na capela de casa, como de costume, mas, por qualquer motivo, recitando-o na sala onde nos encontrávamos, Carlos queria sempre ajoelhar-se e eu pedia-lhe que ficasse sentado, temendo que ele se prejudicasse em sua doença já avançada. Só me obedecia quanto estava muito mal. Quando me escutava, era sinal de que estava pior do que de costume e de fato, depois, quase sempre pegava a vela e se retirava. Uma noite, uma boa camareira me alertou que eu fazia mal em não deixar a liberdade a Carlos de seguir o impulso de sua devoção, dizendo-me que Deus não permitiria que por isso sua saúde fosse prejudicada. Veio-me então o arrependimento e como que para reparar o mal feito, fiz Carlos me prometer que quando estivesse curado, deveria sempre recitar o rosário ajoelhado, mesmo quando já adulto, estivesse entre os seus companheiros. Pobre Carlos! Prometeu-me isto com muito prazer!... No colégio adquiriu muita firmeza religiosa. Uma vez, perguntando-lhe se era melhor dar uma esmola aos pobres ou mandar celebrar uma missa, respondeu olhando-me quase assustado com a minha ignorância: “Uma Missa, mamãe, uma Missa!... esta não tem preço!”

Carlos, como geralmente todas as almas de Deus dotadas de sentimentos, amava e admirava as belezas naturais e onde encontrar uma mais bela e mais surpreendente e que mais desperte a nossa imaginação do que um belo céu sereno, em uma noite de outono? Justamente nestas queridas noites Carlos me convidava para passear pelo jardim. A vista perdia-se no firmamento e contemplando aquele número tão grande e tão variado de estrelas, aquele quadro imenso da natureza, eu exclamava: “Não é verdade, Carlos, que os céus narram a glória de Deus?”

Aquela grandeza, aquela majestade parecia elevar-me acima da minha pequenez.

Outras vezes, muito emocionada, dizia-lhe: “Carlos, quando estaremos lá, a pisar nas estrelas? “Numa destas tardes benditas, Carlos me explicava a função dos anjos, os coros, o número deles e estas eram lições aprendidas com o Senhor Reitor!... Uma outra vez, recitava os versos de Manzoni, de Dante, de Tasso, eu não os tinha estudado mas gostava deles porque Carlos gostava. Gostaria de ser culta, inteligente para saber os nomes dos planetas, das estrelas, para entretê-lo. Eu não invejava nenhuma mãe, gostaria, isto sim, que todas participassem da minha felicidade. Mas Deus determinou que nenhuma felicidade terrena fosse isenta de amargura, turvava estes meus êxtases o pensamento de que Carlos não era feliz, plenamente feliz, que alguma coisa lhe faltava!... Ele não dizia nada mas é difícil que algo possa ser escondido aos olhos de uma mãe!... Carlos havia herdado um temperamento dócil, manso e talvez um pouco tímido, acompanhado de uns traços de melancolia. Havia chegado naquela idade em que os jovens têm necessidade de desenvolver-se, de alegria, de um amigo, enfim, em quem confiar e abrir o coração...A fortuna que lhe foi pródiga em tantas outras coisas, foi-lhe avara nisto: o sistema de sua família, o isolamento no qual vivia o seu pai, já velho e enfermo, impedia-lhe de ser alegre e a mim impedia de contornar este impedimento, coisa que gostaria muito de fazer. Se, às vezes, externava-lhe esta minha preocupação, dizia-me: “Rogo-te, mamãe, não perturbe meu pai, eu estou contente” e jamais, jamais daquela boca se ouviu um lamento. Como para compensá-lo, eu procurava entretê-lo, em nossos passeios, falando na sua felicidade futura que pintava-lhe com cores muito vivas e muito alegres. Carlos dava asas à imaginação muito contente... e isto tornou-lhe, talvez, mais a amarga a morte quando esta o raptou. Deus o pegou...

E o enviou às floridas avenidas da esperança,

Aos campos eternos, ao prêmio que aos desejos superam”.

Conservamos estas cartas e com prazer as transcrevemos aqui para mostrar a todos o exemplo da virtude e da piedosa morte de Carlos que nelas são descritas, bem como para tornar conhecidos os sentimentos da Senhora Constança naqueles dias de tanta aflição. Mas é necessário dizer que o Senhor quis conceder-lhe, em meio aos seus sofrimentos, uma especial ajuda

na pessoa do Digníssimo e Reverendíssimo Reitor, que oferecendo-lhe ocasião de escrever-lhe estas mesmas cartas, não deixava de visitá-la de vez em quando, para confortá-la com palavras mais eficazes, ou escrevia-lhe, como se pode ver nos seguintes trechos de algumas cartas suas, que também transcrevemos aqui.

Ilustríssima Senhora

“A memória do sacrifício que a Bem-aventurada Virgem Maria fez por amor a nós, na morte de seu Divino Unigênito, valerá nestes dias, mais que tudo, para confortá-la na dor da perda que a Senhora sofreu e também para todos aqueles que conheceram de perto o seu Carlinhos. Eu mesmo perdi nele o primogênito do meu Colégio e me conforto pensando que será como as primícias dos frutos oferecidos a Deus, para a fecundidade deste campo que plantei e que cultivo com tanta dificuldade, para a salvação da nossa juventude”.

Em outra ocasião:

“Achei interessante para o meu Instituto onde seu Carlinhos trilhou os sólidos caminhos da ciência e da virtude, nos quais, em idade ainda bastante jovem, viveu, sempre querido e respeitado por todos, e amadureceu para o céu!...”

7ºCAPÍTULO

MORTE DO MARIDO, SENHOR CAETANO

Constança, depois da morte do filho, dedicou-se inteiramente ao marido, cuidava para que nada lhe faltasse e observava atentamente os empregados que o atendiam, para ver se faziam bem os seus deveres . Já há algum tempo ele vinha sendo atormentado por repetidos ataques de paralisia e havia também entrado em um forte estado de apatia. Constança, além de ser sacrificada pela assistência contínua ao enfermo, sofria também

em vê-lo padecer tanto, sem receber dele nenhuma palavra de conforto.

Ela estava sozinha no seu sofrimento e sozinha bebia todo o amargo cálice de suas dores. Os empregados asseguravam que, embora ela sofresse imensamente, tanto física como moralmente, procurava tudo dissimular diante do marido. Com os mais afetuosos cuidados assistia-o, consolava-o e se empenhava ao extremo para que nada lhe faltasse. Com toda bondade e paciência fazia-lhe companhia, cuidava dele e o acompanhava quando queria passear, uma vez que, parálítico como era, quase não podia mais ficar de pé. Os empregados admiravam-se das suas virtudes e como não se ouvia jamais de sua boca, não digo um lamento, mas nem mesmo uma palavra de desconforto ou de queixa, todos chamavam-na de santa.

Também nos momentos em que o Senhor Caetano, oprimido pela doença, impacientava-se e isto acontecia com muita freqüência, Ela se tornava ainda mais doce, consolava-o e levava-o, com bons modos, a resignar-se. Depois desculpava-se diante das pessoas presentes pelos modos dele, de forma que ninguém, na sua presença, ousava dizer uma palavra contra ele.

Nos raros momentos que se encontrava livre, fechava-se então no seu quarto ou no seu oratório e lá dava vazão à sua dor. Somente Deus era seu conforto e com Deus somente desabafava seus sofrimentos. Nele procurava aquele alívio que lhe era impossível encontrar em outro lugar. Muitas pessoas que a conheciam, indo visitá-la, sugeriam-lhe que ela se distraísse um pouco com alguma espécie de diversão, mas Constança, muito embora se comovesse com as preocupações destas pessoas e agradecesse a cada uma pela atenção que lhe dispensavam, não sentia nenhum alívio com estas visitas, pelo contrário, pareciam aumentar-lhe a angústia. Não podia nem ao menos ouvir falar em divertimentos, o seu único conforto era pensar no seu Carlos quando encontrava-se sozinha e recordar tudo quanto ele havia dito e feito, renovando enfim o seu martírio e oferecendo-se inteiramente a Deus que estava dispendo os acontecimentos de acordo com seus altíssimos fins.

Mas, enquanto isso, ela percebia que também o marido ia enfraquecendo cada vez mais e por isso, redobrava cada vez mais

as suas atenções para com ele, não o abandonando também por um momento sequer. Vez por outra desejava que ele fosse confortado pelos Santos Sacramentos, coisa que não era possível fazer com muita frequência, porque sua doença era uma contínua alternância de ligeiras melhorias e imprevistos ataques que, para Constança, eram novas feridas, uma vez que ela amava seu marido e sofria com o seu sofrimento. O seu coração era um verdadeiro tufo de espinhos: de um lado, a lembrança do filho perdido e, de outro, a visão do marido sofrendo, que, não se pode negar, mesmo com tudo que se tem dito, amava-a desesperadamente e se a fazia sofrer não era senão por ciúmes de querer por ela ser amado com exclusividade. Estas duas coisas despedaçavam-lhe o coração.

Prova de que era verdade que o Senhor Caetano amava-a de coração e reconhecia o quanto lhe devia de gratidão, foi o fato de tê-la constituído, por testamento, herdeira absoluta de toda sua grande fortuna. Com frequência conseguia ainda falar-lhe com ternura: “Pobre filhinha, como fará quando eu estiver morto ? Quem administrará tantas coisas que você tem ? Quem cuidará de tudo ? “ Ao que ela sempre respondia: “Não pensemos nisso agora, Deus providenciará”. Na verdade não tinha nenhuma preocupação com o futuro fora a de empregar bem a sua fortuna em favor dos pobres.

Havia entretanto chegado o momento em que Deus queria mais um sacrifício. O marido estava quase moribundo e nos momentos mais difíceis, dava, às vezes, um suspiro. Levantava os olhos aos céus e dizia com tristeza: “Seja feita a vontade de Deus!...” Algumas amargas e involuntárias lágrimas banhavam-lhe as faces. O Senhor Caetano chegava ao fim de suas forças. Constança apressou-se então em providenciar que lhe fossem administrados os últimos Sacramentos. Depois recebeu com viva e sensível dor, suas últimas palavras, em que ele, afetuosamente, a agradecia pela fiel companhia e amorosa assistência e a deixava, como dissemos, herdeira de todo o seu patrimônio. Ela não o abandonou mais até que exalasse o último suspiro. Ele morreu às duas horas da tarde do dia de Natal de 1854, apresentando todos os sentimentos de um verdadeiro cristão, maneira na qual sempre viveu. Constança pranteou-o

sinceramente e, ordenando que lhe fossem feitos funerais solenes, honrando assim dignamente a sua memória, mandou celebrar também muitas missas pela sua alma.

Estava ainda muito viva em sua alma a ferida causada pela morte do filho e eis que se junta a esta , a dor da perda do marido. Em menos de um ano ela havia ficado sem os dois e achava-se só e abandonada!... Seus irmãos e sobrinhos ofereceram-lhe suas casas e sua companhia, para distraí-la, mas não quis de modo algum afastar-se de Comonte. Para ela tudo era tristeza, tudo lhe lembrava a perda de seus entes queridos e a única consolação que encontrava era a de retirar-se para a solidão de sua igrejinha e entregar a Deus e Àquela que foi a mãe das dores, seu coração dilacerado. Estava resignada, mas uma grande tristeza a oprimia e ela deixava-se levar por ela achando que aquilo era normal, devido às circunstâncias em que ela estava vivendo. O digníssimo pároco Padre Bortolo Tomasi, que cuidava com muito zelo da região de Comonte, vinha com freqüência confortá-la com boas palavras ou então, deixava-lhe escritos alguns trechos das Sagradas Escrituras, para proporcionarem alívio nas suas necessidades. A este benemérito sacerdote, Constança afirmava que devia muitas obrigações e sorrindo dizia mais tarde: “Era mesmo duro, queria que eu me despojasse de qualquer afeto, proibindo-me de atormentar-me e de chorar em meio às minhas angústias. Queria que fosse generosa na luta, mas eu não me aproveitava da caridade de seus conselhos. Pareciam-me contrariar o amor materno que sentia em mim e, por isso, o achava demasiado duro. Tinha o espírito de santo Inácio, em cuja ordem havia tentado entrar no passado, mas eu não conseguia me conformar com o que dizia. Sofri muito com este bom religioso; seu espírito forte não se adaptava à minha extrema fraqueza.

8º CAPÍTULO

A VIUEZ DE CONSTANÇA

Desde a morte do filho havia feito o dom total de si mesma a Deus. Alimentava em seu coração o propósito de dedicar-se inteiramente a Ele. Este propósito foi renovado mais fortemente depois da perda do marido. Vinham-lhe freqüentemente à memória as palavras de seu filho Carlos, ao morrer: “O Senhor lhe dará outros filhos em quem pensar”. Pensava e refletia nisso e projetava um estabelecimento de órfãos pobres, mas era sempre uma idéia confusa. Continuava a rezar ao Senhor para que a fizesse perceber com clareza sua santíssima Vontade. Estaria pronta a executá-la, fosse qual fosse, entregando-se totalmente nos seus braços.

Dizia, algum tempo depois, à confidente: “Na minha solidão não pensava em outra coisa que não fosse pedir a Deus luz e conforto porque, como poderia eu manter-me, imersa como estava numa total desolação, se não tivesse tido a ajuda de Jesus e Maria? Atravessava um período de tanta obscuridade espiritual, que não podia saber com exatidão o que Deus queria dela.

Dedicava-se com o máximo empenho a fazer da sua vontade e da sua vida uma total doação a Deus, mesmo na incompreensão de seus desígnios. Rezava ardentemente para que Deus se dignasse manifestar-lhe seus desígnios. Toda manhã, dadas as ordens aos empregados, fechava-se sozinha, por bem duas horas, no quarto onde havia morrido seu filho e, fechadas as persianas, em perfeita obscuridade e silêncio, ficava prostrada diante do Altíssimo e estabelecia com Ele uma profunda e íntima oração. Somente Deus sabia tudo o que se passava entre Ele e esta sua serva, nestas duas longas horas nas quais permanecia solitária naquele humilde quarto, cuja entrada era proibida a quem quer que fosse. Quanto a nós, o que percebíamos é que, saindo ela de lá, tinha o rosto tão iluminado e o aspecto exterior tão grave e compenetrado, que mostrava bem que estivera todo aquele tempo inteiramente absorva em Deus. Com freqüência, ouvia-se ela falar: “Seja feita a vontade de Deus. Ele dispõe tudo sempre da melhor maneira. Se fosse sua vontade, eu partiria imediatamente desta

casa e iria sem sentir o mínimo desgosto. Deixaria com prazer casa, roupas e alimentos, retirar-me-ia para qualquer barraco a fim de não ter mais nada a ver com os homens e poder, desta forma, pensar somente em Deus”. Assim, pensamos nós, o Senhor achava por bem retirá-la completamente do mundo antes de fazê-la conhecer sua santíssima vontade. Algumas vezes exclamava: “Ó Senhor, faça-me a graça de separar-me o mais depressa possível das ligações com o mundo! Que felicidade não ter mais preocupações com a vida do corpo!...”

Depois do almoço, reunia-se por um breve espaço de tempo com a família, falando então de coisas úteis e edificantes. Depois de um pequeno descanso, retirava-se de novo para o quarto, onde se podia vê-la lendo e meditando. Depois saía para dar ordens aos empregados e punha-se a trabalhar por algumas horas. Mais tarde, dirigia-se à capela da família, permanecendo ali uma hora inteira. Depois saía para fiscalizar os dependentes e em companhia de alguém da casa, subia a pequena colina vizinha, onde, numa Igreja pouco depois restaurada com o seu dinheiro, rezava durante longo tempo diante da imagem da Rainha das Dores, enquanto as mulheres que a haviam acompanhado, entretinham-se esperando-a fora e escondidas, furtivamente a espreitavam e viam-na fixa, quase estática olhando para a imagem da Virgem, sem mover lábio, imóvel por mais de uma hora.

A ordem que reinava no seu palácio era tal, que mais parecia um convento do que a casa de uma família secular. Cada um tinha suas horas destinadas à oração, ao trabalho, ao lazer e ao repouso e, as tarefas eram justamente distribuídas. Tudo caminhava com exatidão, economia e calma, de maneira que, quem entrasse na casa, ficava admirado com tanta ordem e harmonia. No decorrer do dia ela falava pouquíssimo e quando falava, era de coisas edificantes e instrutivas. Depois da oração da noite, dizia: “recolhamo-nos e aquietemo-nos” querendo dizer que se deveria ir repousar em silêncio, hábito que a preparava para aquele silêncio do qual foi depois sempre uma ciumenta defensora.

À noite, quem se encontrava no quarto vizinho ao seu, escutava-a levantar-se, devagarinho, no escuro, mas não podia perceber o que fazia, o certo é que rezava e não se sabe mais nada.

Nos dias festivos, depois de haver participado da missa que era celebrada em seu oratório, dirigia-se à paróquia de Seriate para assistir à missa paroquial e, tanto na ida como na volta, visitava os enfermos mais miseráveis nos seus barracos, onde, não encontrando muitas vezes nem ao menos uma cadeira para repousar um pouquinho, sentava-se na lareira, depois ajudava-os a arrumar a sua cama e sozinha, sem ajuda, servia-os, limpava-os e medicava-os. Com os mais desprezados permanecia mais longamente, cercando-os das mais pequenas atenções como, abaná-los e espantar as moscas em volta, aproveitando-se da ocasião para confortá-los com boas palavras, recordando-lhes o Paraíso que os esperava, incentivando-os a terem paciência e resignação com a vontade divina.

Dizia-lhes: “Os sofrimentos desta vida são como muitas coisas que acumulamos para o céu. Todos, um depois do outro, devemos deixar este mundo. Feliz aquele que sabe aceitar com calma e em paz o que o Senhor lhe oferece para sua santificação e exclamava: Benditos vocês que sofrem! É sinal que Deus os ama e os favorece, eu, por outro lado, sou indigna, todavia a sua bondade pode me tornar merecedora”. A estes, juntava outros belos sentimentos e exortações, segundo a necessidade, com tanta doçura e caridade, que aqueles infelizes ficavam maravilhados e desejosos de morrer para poder ir ver e provar a felicidade que com tanto fervor, ela tinha sabido descrever-lhes e fazê-los desejar tão vivamente.

A sua caridade não tinha limites. Ela não abandonava aquelas miseráveis habitações sem lhes ter deixado significativa soma de dinheiro, doces, bons vinhos, etc... Voltava dessas visitas muito feliz e alegre porque, no exercício da caridade, havia encontrado o verdadeiro remédio para as suas dores e satisfazia a imensa necessidade que seu coração tinha de amar.

Chegando em casa, ali permanecia sozinha boa parte do dia a fim de que todos os empregados pudessem ir ao catecismo na Igreja paroquial.

A casa era freqüentemente visitada pelos pobres, acima de tudo por mães pobres, viúvas e doentes. Distribuía-lhes roupas ou dinheiro, segundo a necessidade de cada uma. Uma pobre mulher que tinha um câncer no peito, vinha toda semana para

medicá-lo. Constança mesma tratava dela com tanta delicadeza e empenho, que a mulher quase não sentia dor. Medicava também uma lavadeira da casa que tinha uma ferida na perna. Aquela que narra estes fatos, estando presente nessas ocasiões, envergonhava-se de ver uma senhora de tanto respeito ocupar-se de uma coisa tão repugnante e por isso insistia em substituí-la, muito embora tivesse nojo. Ela porém, com muito jeito, recusava dizendo com naturalidade: “Ora! Eu estou habituada a este tipo de serviço” e, com santa habilidade continuava sozinha para vencer-se a si própria naquelas heróicas batalhas. Este era o objetivo principal de cada ação sua. Curava também as chagas das pernas de um velho servidor da casa, indo ao seu quarto para medicá-lo e, com particular delicadeza, tirava-lhe os vermes que haviam se criado. Devia, porém, travar uma intensa luta com sua natureza e estômago tão delicados e sensíveis à vista das mais pequenas coisas que pudessem causar náuseas. Tanto isto era verdade que durante tais operações o seu estômago, com freqüência se revoltava e era forçada a sair por um instante para voltar ao normal e poder assim concluir a sua caridade, a qual completava com incrível coragem.

Juntava à cura do corpo, os mais preciosos confortos espirituais, e aqueles pobrezinhos, dando vazão aos seus sofrimentos, confidenciavam-lhe as suas penas e retiravam de suas palavras e de seus conselhos as mais doces consolações. Oferecia a eles provisões de alimentos e providenciava-lhes o necessário em roupas para a casa, vestuários, dinheiro, etc... Aos jovens não dava dinheiro, mas roupas e comida, segundo a necessidade de cada um. Todas as crianças mendigas que vinham pedir esmola à sua porta, exigia que essas fossem apresentadas a ela e vendo-as maltrapilhas e macilentas, introduzia-as no palácio, onde ficava toda alegre em volta delas a perguntar-lhes de sua situação e da de suas famílias. Ajudada pelos empregados, tirava-lhes as roupas, limpava-as e vestia-as com roupas novas que tinha já preparadas com esta finalidade, acariciava-as e despedia-as alegres e satisfeitas, enquanto ela, cheia de alegria, exclamava: “Veja, demos vida a estas pobres criaturas. Não parecem mais aquelas. Que bom se pudéssemos tê-las aqui conosco agora que estão assim tão limpinhas! Pobrezinhos, não têm ninguém que

cuide delas, são órfãs, no entanto, são filhos de um mesmo Pai, são nossos irmãos”. Dizia também às empregadas, para incentivá-las a estas ações de caridade de que tinham repugnância: “Vejam a grande caridade que vocês fizeram, o Senhor dar-lhes-á grandes recompensas “.

Anotava as respostas que os órfãos davam às suas interrogações, para poder colocá-los em algum orfanato, onde, sendo admitidos, continuaria a mantê-los às suas custas.

Quando se apresentavam a ela jovens já mocinhas, prevenia-as, com conselhos, contra os perigos da idade e se interessava tanto que, uma vez feita a caridade, obtinha delas as mais íntimas confidências a respeito de suas condutas. Ela aproveitava-se da ocasião para orientá-las em suas necessidades, recebendo em troca, as mais fervorosas promessas de emenda. Aquelas que mudavam de conduta, recebiam ainda maiores atenções e restringia sua mão benéfica àquelas que não davam melhor rumo para suas vidas.

Assim passava Constança os primeiros tempos de sua viuvez. Estas caridades eram o maior conforto para a sua angústia. Menos o tempo que consagrava a estas obras beneficentes e aquele que empregava para organizar a família, todo o restante era dedicado a uma contínua oração na sua Capela, onde, bastava parar para contemplá-la por algum tempo, para não duvidar e reconhecer rapidamente nela uma grande alma.

9ºCAPÍTULO

CARTAS DE DOM ALEXANDRE VALSECCHI À SENHORA CONSTANÇA⁸

Constança que, pela estreitíssima relação que teve com o Dom Alexandre Valsecchi (então ainda simples sacerdote), pôde conhecê-lo a fundo e apreciar-lhe as excelentes virtudes e os raros dotes mentais e de coração. Já o considerava como o próprio pai a quem confiava todos os seus segredos e as suas angústias. Confiou também a ele a direção de sua alma. Neste tempo, além de ter sempre fixa no coração a dor de suas recentes desgraças, achava-se também em um período de grande obscuridade e dúvidas acerca daquilo que devesse fazer de si e de seus bens, no futuro. Parecia-lhe que Deus queria dela uma obra particular na qual se deveriam realizar as últimas palavras de seu filho, no leito de morte, mas não chegava a tomar uma decisão, porque não conseguia compreendê-la. Por este motivo não cessava de rezar com grande fervor a fim de que Deus se dignasse a fazê-la conhecer claramente sua vontade. Enquanto isso, obedecia cegamente ao seu iluminado Diretor e, segura de ser muitíssimo bem apoiada, deixava-se guiar em tudo por ele, o qual, sabiamente, sugeriu-lhe que aproveitasse todas as ocasiões que se apresentassem para fazer o bem.

Visitava também, algumas vezes, as monjas Canossianas em Bérgamo, para fazer um dia de retiro ou então para conversar com elas, levando consigo sempre alguma pessoa conhecida para que ela também aproveitasse dos exemplos daquelas excelentes religiosas. Por isso é fácil adivinhar que elas não demoraram a perceber que bela aquisição fariam se ela se decidisse pela entrada em seu Instituto, não só por seus bens materiais, mas também pelo seu caráter e virtudes.

Por isso fizeram-lhe a proposta e deram-lhe as suas regras para que as lesse. Ela, entretanto, não se sentiu atraída

⁸ *Temos 89 cartas da Cerioli a Mons. Valsecchi e 50 cartas de Valsecchi a Cerioli.*

porque, como disse mais tarde, Deus lhe fez sentir internamente que havia uma grande diferença entre o que elas lhe ofereciam e o que Ele realmente queria dela. Por este motivo descartou logo a possibilidade de seu ingresso naquele Instituto.

Temendo entretanto que a morte pudesse surpreendê-la e querendo assegurar-se de que seus bens seriam usados em benefício dos pobres, logo depois da morte do filho, fez o próprio testamento, pensando especialmente no projeto de fundar um Instituto que fosse denominado **CARLINHOS**⁹. Usou para isto da ajuda e dos conselhos do seu Diretor e agrada-nos sobremaneira apresentar então algumas cartas escritas por aquele zeloso homem de Deus, nas quais, além de serem tecidas considerações a respeito desse projeto, revela-se também a forma com a qual ele dirigia àquela alma e as virtudes que ele queria ver formadas.

Ilustríssima Senhora

“Eis aqui o ato com todas as modificações possíveis e impossíveis. Esteja unida ao Sagrado Coração de Jesus e aprenderá melhor do que com as pessoas, como consolar e santificar a sua dor e solidão”.

Bérgamo, 26 de abril de 1854

Ilustríssima Senhora¹⁰

⁹ *Cfr. Carta 10 “...Por sua norma a renda anual dos Fundos que lego ao Orfanato Carlinhos será de cerca de 10.000 Liras anuais, sem as edificações e algum capital”.*

¹⁰ *Carta 47.*

Recebi e conservo a sua resolução que achei plenamente legal, menos a omissão de uma palavra no N. II, onde se fala do ORFANATO e faltam as palavras “NA IGREJA”. Por isso procurarei ir um dia a Comonte.

Alegro-me muitíssimo com os bons sentimentos que a animam nessa tribulação, permitida por Deus. Faça de maneira, porém, que tudo aconteça com muita calma e com a máxima humildade possível, sem esforço, sem violência, sem inquietação, seguindo a vontade de Deus como uma filha segue as vontades de sua mãe. Tenha sempre presente esta regra de conduta, mesmo quando parecer-lhe ter errado em qualquer coisa. Eu nunca pude aceitar certas pessoas que se propõem a realizar uma certa idéia e um certo grau de santidade, levando em conta somente sua própria vontade e não aquela de Deus. Acredito que uma grande parte da inquietação e dos mal-humor das pessoas devotas, têm origem nisto. A senhora não precisa desse meu conselho, mas eu quis dá-lo para mantê-la sempre o mais longe possível de um perigo ao qual o sexo feminino está particularmente sujeito. Ame a Deus abertamente, com todo o seu coração, esteja pronta para cada sacrifício que Ele exigir, tenha livre o coração de todo afeto que possa desviá-la de seus propósitos e o restante virá como consequência.

Neste mês, faça alguma coisa em honra de Maria e, especialmente alguma esmola a mais aos pobres. Fale também alguma coisa de mim ao seu Carlos que está no Paraíso, onde, por certo, ter-me-á perdoado tantos maus exemplos e terá de mim maior compaixão.

Com toda estima e respeito sou

De sua Senhoria
Humílimo, Devotíssimo e Obrigadíssimo Servo,
Pe. Alexandre Valsecchi

Bérgamo, 16 de maio de 1854.

Estimadíssima Senhora¹¹

“...A boa disposição em que Deus a mantém de amá-lo e servi-lo é a maior recompensa que poderia dar-lhe por tudo que tem feito e sofrido por Ele, agradeça-o, portanto, de todo coração. Procure servir a Deus todas as vezes que se apresentarem ocasiões de exercitar a abnegação ou a caridade, seja nas pequenas ou nas grandes coisas, mas seguindo calmamente as ordens da Providência, sem querer antecipar o tempo ou a graça de Deus. É necessário que sempre sejamos donos de nós mesmos e recordar-se sempre que Deus é aquele que **dat velle et perficere** (dá o querer e o cumprir) e, que da nossa parte devemos cuidar de não opor resistência à graça de Deus. **A memória dos novísimos** (últimas verdades que devem dirigir a vida dos cristãos: morte, juízo, inferno e paraíso), a meditação dos sofrimentos de N.S.J.C., a Comunhão freqüente, a devoção a Maria SS.ma são meios seguros e muito eficazes para orientar a direção de nossa vontade e dispô-la, sempre da melhor maneira, para as ações de Deus.

Consolo-me muito com a senhora, pois vejo que o Senhor se serve da senhora para o bem e a saúde de muitas almas. Procure ter-se sempre diante de Deus em total disponibilidade para tudo aquilo que Ele quer da senhora. Reze, procure e escolha aquilo que é mais útil para a humildade e abnegação. **Vanitas vanitatum et omnia vanitas** (Vaidade das vaidades e tudo é vaidade).

Pretendo ir um dia a Comonte mas não sei quando poderei realizar este desejo. Enquanto isso me recomendo inteiramente à senhora porque sinto uma extraordinária necessidade de mais orações por mim e por este Instituto ainda nascente, cheio de cuidados e de trabalhos”.

Com toda estima e devoção me professo:

De sua Senhoria
Humílimo,Devotíssimo e Obrigadíssimo Servo,
Pe. Alexandre Valsecchi

¹¹ *Carta 48*

Bérgamo, 02 de julho de 1854

Estimadíssima Senhora¹²

“...Sinto-me no dever de mandar-lhe uma cópia do programa que fiz imprimir no fim do ano escolar p.p. e lamento não poder mandar junto as memórias de seu Carlinhos. Espero porém poder fazê-lo dentro de poucos meses. De resto, não tenho outras coisas a dizer-lhe a não ser repetir as mesmas recomendações, convidando-a a compenetrar-se o mais profundamente possível da vontade de Deus, repetindo freqüentemente aquelas palavras tão simples e tão sublimes que estavam sempre nos lábios do seráfico S. Francisco: **Deus meus et omnia** – Meu Deus e meu tudo. Que luz, que riqueza, que prazer, que paz nestas palavras! Faça-as suas, mas de coração, evite tudo que possa torná-la diferente dos outros, pratique a abnegação toda vez que se apresentar uma oportunidade, purifique cada vez mais as suas intenções, dirija-se a Deus a todo momento, realize assiduamente cada trabalho e afazer doméstico, como fazia a Bem-aventurada Virgem e como faria uma pobre dona de casa humilde e temerosa a Deus.

Com estas poucas palavras quis retirá-la de sua solidão porque tendo-as sempre presente na memória não seria mais solitária: - **Deus meus et omnia.**- Poderão faltar todos os homens, poderão faltar todas as coisas, Deus jamais faltará, e Deus é tudo. **Deus meus et omnia.** Lembre-se d’Ele e tenha-me em verdadeira estima e gratidão.

¹² *Carta 51*

Humílimo Devotíssimo Servo
Pe. Alexandre Valsecchi

Bérgamo, 05 de outubro de 1854

Estimadíssima Senhora¹³

Estou devendo-lhe há um mês a resposta a uma carta sua que agora releio. Vejo, com prazer, que foi visitar as Reverendas Madres do Instituto do S. Coração e que também recebeu uma carta da Reverenda Madre Geral. É bom que a senhora cultive estas amizades. São mulheres verdadeiramente de espírito e de espírito muito bom e sólido e a senhora poderá retirar grande proveito para sua alma. Trate livremente e com simplicidade aquilo que deve fazer, principalmente quando se referir às coisas do espírito, mas que seja por necessidade e para a utilidade de sua alma, aproveitando também estas ocasiões para exercitar um pouco a abnegação. Não faça caso de todos os sentimentos internos, purifique-se, mantenha reta e firme a sua intenção de não querer senão a Deus e de agir só para Deus, despreze tudo o mais, principalmente as imperfeições e faltas leves nas quais pode incorrer.

O efeito que algumas vezes lhe produz a lembrança de seu Carlos, isto é, **um reconhecimento e gratidão para com Deus e uma satisfação de estar certa de fazer sua vontade**, é um efeito bom do Espírito Santo e, a senhora agradeça ao Senhor por isso, renovando os votos de querer fazer em tudo e sempre a Sua santíssima vontade.

A respeito do modo de rezar, em vez de **escutar pouco e falar muito** queria que **escutasse muito e falasse pouco**, favorecendo com isso o desenvolvimento interior da graça e do coração, imitando os exemplos de são Francisco que, nestas coisas, não é presunção, mas humildade e prudência aprender dos outros e especialmente dos santos, aquilo que devemos fazer.

¹³ *Carta 53*

Ainda, se não lhe sobrar tempo para todas as orações vocais, poderá completá-las da forma que lhe indicar o seu confessor e esta forma estará de acordo com os ensinamentos de São Francisco de Sales e a prática dos Santos. Mas todas estas coisas são internas, segredos entre a senhora, Deus e seu confessor e não pode ter medo de tornar-se diferente porque é assim que sempre acontece. Nestas coisas é necessário seguir o único Mestre, que é o Espírito Santo e que a nós se manifesta pelos impulsos internos e por meio da obediência. De resto, tenha sempre firme a regra de fazer tudo como fazem as outras mulheres de seu estado e de sua condição.

Agradeço-a pelas orações que por mim apresenta diante do Senhor e procurarei, segundo as minhas forças, retribuí-las nas minhas missas e orações. Alegro-me com a sua boa saúde e procure mantê-la para a maior glória de Deus e para o serviço do próximo.

Promova entre esta boa gente a devoção ao Imaculado Coração de Maria pela conversão dos pobres pecadores. Alegre-se com a Imaculada Conceição de Maria e festeje-lhe a definição como, estou certo, a festejaria Carlinhos (nesta época foi proclamado o dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX).

Desejo-lhe todas as bênçãos de Nosso Senhor nestas Festas Natalinas, também um bom Fim de Ano. Tenha-me sempre com todo o respeito e devoção e alegro-me em professar-me

Humílimo Devotíssimo Servo
Pe. Alexandre Valsecchi

22 de dezembro de 1854, do Colégio

10º CAPÍTULO

CARTAS DE SUA EXC. DOM PEDRO LUIZ SPERANZA, E CONTINUAÇÃO DA VIDA DA VIÚVA CONSTANÇA¹⁴

Confortada com tais sugestões, Constança multiplicava suas obras de beneficência, crescia e se fortalecia na virtude. Mas, seu exímio Diretor, percebendo também ter Deus reservado algum grande desígnio para esta alma e não se considerando, na sua humildade talvez, digno de poder guiá-la, pensou em persuadi-la a entrar em contato com Sua Excelência Rev.ma Monsenhor Bispo de Bérghamo, Dom Pedro Luiz Speranza, assegurando-lhe que assim agia porque Deus mostrar-lhe-ia clara e brevemente a sua vontade. O sacrifício de mudar de Diretor Espiritual lhe deve ter custado muito porque tinha nele total e ilimitada confiança pois foram tantos os consolos que dele tinha recebido e recebia ainda. Mas, era ele mesmo que a aconselhava, assegurando-lhe, por outro lado, que não pretendia abandoná-la. Como sempre, obedeceu-lhe prontamente e não quis criar dificuldades ao sacrifício que lhe pedia. Ele mesmo preparou o caminho ao novo relacionamento, iniciado por exortação sua. Por sua vez ela expôs ao novo diretor espiritual, desde o início, todos os seus sentimentos, suas dúvidas e suas angústias, plenamente resolvida a seguir-lhe as sugestões de forma total e absoluta. Nas duas cartas seguintes, escritas a ela pelo Senhor Bispo, no mês de fevereiro de 1855, aparece o julgamento que ele fez dela. Considerou-a uma alma bastante forte e disposta a cumprir todas as vontades de Deus. Procurou libertá-la de todas as suas dúvidas e angústias, tratando-a com uma energia à qual não estava acostumada. Eis a primeira carta, escrita aos 4 de fevereiro do supracitado ano.

¹⁴ *Temos ainda hoje oito cartas da Cerioli a Dom Speranza e 41 cartas de Speranza à Cerioli.*

Prezadíssima e Gentilíssima Senhora¹⁵

enquanto você estiver aqui na minha Diocese, é minha diocesana e devo dizer-lhe a verdade que a possa ajudar. Olhe que você está impedida e amarrada, não quero dizer por fios de estopa, mas por fios de aranha. Livre-se de tudo, liberte-se como aquele jovem do Evangelho, que queria seguir o Senhor mas tinha tantas coisas do mundo que o impediam.

Você diz estar disposta a não fazer outra coisa que não seja a vontade de Deus, e estar pronta a só procurar o melhor para fazer, mas, na verdade acredito que esteja ligada e impedida, não me parece entretanto vazia e morta, nem desapegada de tudo, como deveria estar. Tantos cuidados, tantos pensamentos, tanta importância que dá a coisas que não passam de bagatelas! Faz-me pena, deveras! Desapegue-se, morra para essas coisas, pense em sua alma, o mundo não é nada, e para você também são nada os bens dos quais pode dispor neste mundo. Que vale fazer o bem para os outros se nós próprios não estamos bem?... Primeiro nós, a nossa casa. Deus tem o direito de querer que, antes de tudo, o sirvamos bem. Se Santo Inácio estivesse aqui, colocá-la-ia nos exercícios por longo tempo, até que a senhora entendesse tudo plenamente. Eu lhe proponho de colocar-se na antecâmara da morte, e aí ficar, entre uma porta e outra, para poder entrar. Procure morrer para tudo, desapegue-se de tudo e de você mesma e viva no mundo como se já estivesse na eternidade com Deus, com os Santos e com a Virgem.

Jesus no coração, eternidade na mente, mundo sob os pés e sobretudo, amor, amor a Deus. Como dizia Santa Catarina de Gênova¹⁶, é verdade que não podemos caminhar sem que Deus nos chame mas, considerá-lo verdade depende de nós. Você está impedida, amarrada e pode ser de Deus enquanto não morrer.

A respeito das doações, tudo vai bem. Se lhe parece bom assim, faça assim, se lhe parece melhor de outro modo, faça de

¹⁵ *Carta 1*

¹⁶ *cfr. Catarina de Gênova, citada na Enciclopédia Católica, Vol IIIº, pág. 1145, no parágrafo “Dottrina”.*

outro modo. Não que não agradeça o bem que faz ou que tem intenção de fazer nesta minha Diocese. Ser-lhe-ei muito grato e farei que sejam cumpridas com precisão todas as suas determinações. Se quiser mudá-las ou levá-las daqui, não se esqueça de que você será sempre livre. Mas o que urge agora é encontrar-se a si própria. Faça tudo da melhor maneira e esteja em paz, aqui ou na sua cidade.

Faça aquilo que Deus a inspira, e daremos sempre o nosso conselho com a máxima rapidez possível e de graça, sem apressá-la ou forçá-la de maneira alguma, porque, quando estiver pronta, o Senhor lhe sugerirá ou de conservar ou de mudar as suas disposições e aquilo que Ele sugerir, você fará, pois não há dificuldade em dispor de nossos bens, a dificuldade está em bem dispor de nós mesmos.

Adeus. Abenço-o-lhe.

Afetuosíssimo Servo em

Cristo

Pedro Luiz - Bispo

Constança não se ofendia nem um pouco com estas palavras que podiam parecer muito ásperas. antes, sentia a força que lhe infundiam no ânimo e, crescia na gratidão e na confiança de quem lhas dirigia. O senhor Bispo, depois de lhe ter indicado novos projetos, escrevia-lhe, no dia 24 do mesmo mês.

“Caríssima e Estimadíssima em Cristo¹⁷

quem não sabe que a benfeitoria será boa também para Seriate? Mas agora você não precisa pensar nos bens, mas em você mesma. Quando você estiver pronta então colocaremos também os seus bens no seu devido lugar. Cuidado com os homens que a procurarão para apossarem-se de seus bens. Procure a Deus. Que importa todo o mundo? Na sua mente tem uma grande importância, todavia, não é nada para você, nem para os

¹⁷ Carta 2.

outros. Eu, se fosse você, não pensaria nos bens. Pensaria em procurar um homem de bem, mas que seja um daqueles que são raríssimos hoje em dia, e a ele daria a incumbência de fazer todas as contas e de organizar, de forma perfeita, todos os seus bens. Depois, queria que se cuidasse dos bens porque é graça de Deus e deles se deve fazer bom uso para que nada se estrague. Depois, pensaria no meu Deus, na minha eternidade, nas máximas da fé e me penitenciaria e me desapegaria de tudo da melhor forma possível e, logo depois, analisaria o que de melhor e mais bonito pudesse ser feito com esses bens. Abençôo-a. Venha quando quiseres.

Pedro Luiz - Bispo

Bérgamo, 24 de fevereiro de 1855

Bem se pode entender o ardor que semelhantes exortações deviam provocar no seu espírito, já tão ansioso de tornar-se totalmente de Deus e de não desejar outra coisa senão conhecer sua vontade para cumpri-la perfeitamente, sempre mais heroicamente, afastando-se de todas as outras coisas. Com esta finalidade, redobrava orações e sacrifícios. Ouvia-se freqüentemente ela exclamar, quando acreditava estar sozinha: “Senhor, desfaze-me e depois refaze-me até que eu não viva senão para vós... Senhor, mudai-me, transformai-me, atraí-me para vós, ó Senhor !...Senhor, que quereis que eu faça? Vamos! Fazei-me conhecer a Vossa Santíssima Vontade, fazei-me dócil a cada desejo Vosso.”

Estas palavras repetia-as de vez em quando, no meio das suas ocupações diárias. Percebia-se que ela estava imersa nestes pensamentos, de maneira que os serviçais, vendo-a tão preocupada, temiam que a dor lhe prejudicasse as faculdades mentais. Isto era comentado, não porque em casa procedesse diversamente do costume, mas por causa do seu profundo recolhimento diário, de suas orações quase ininterruptas e principalmente, por causa da profusão de esmolas em dinheiro e

em roupas e dos ricos e preciosos donativos que dava às igrejas e aos conventos, despindo os apartamentos de seu palácio de todos os enfeites e de todo luxo. Chegou a tanto, que os pobres aproveitavam-se até para depredar-lhe as propriedades, cortando lenha nos bosques, etc., com o pretexto que tinham sido destinadas aos pobres. Neste tempo, levou ela mesma, como presente à Nossa Senhora dos Milagres, em Dezenzano, as jóias que tinham-lhe sido dadas pelo marido, fazendo então expor-se aquela santa imagem e mandando que aí fossem celebradas muitas Missas, para obter da Bem-aventurada Virgem luz e conselho. Tanto que o padre que recebeu a preciosíssima oferta, que viu o fervor de sua devoção, maravilhou-se com caso tão extraordinário, perguntando ao cocheiro que a tinha conduzido quem era aquela boa senhora.

Desde o dia em que o Senhor havia-lhe tirado o seu Carlos em diante ela começou a usar roupas escuras e de confecção tão modesta que não parecia mais a senhora que foi. Conservava somente dois vestidos, de simples lã preta e de pouco preço, os quais, não sendo substituídos, rasgaram-se e foi necessário remendá-los. Uma vez, encontrou com um sacerdote, antigo conhecido da família. Ele, ao vê-la em tão tristes trajes, virou-se para quem a acompanhava e disse: “tenham mais cuidado com a senhora, está se vestindo de maneira exageradamente apostólica”. Bem longe de envergonhar-se, ela se alegrou e continuando o caminho, acrescentou à companheira: “Que mais é preciso ? Estou limpa e arrumada, o que me falta?... Nosso Senhor, dono de tudo, tinha só uma veste e eu, indigna serva sua, tenho duas e ainda dizem que tenho pouco ! Enfim, não se usa mais que uma por vez e, ter demais é um incômodo.”

Tinha também ela um precioso cuidado com o tempo e parecia-lhe sempre demasiado aquele empregado para pentear-se. Precisavam sempre apressar-se, senão, com boas maneiras e com sua natural destreza, prendia os cabelos, dizendo: “deixem que eu faço, olhem como se faz!...” e acomodava-os em um minuto, repetindo: “vamos, vamos que há outras coisas para serem feitas!...”

11º CAPÍTULO

INÍCIO DO INSTITUTO

Durante este tempo, o Padre que cuidava da Capela de Comonte¹⁸ entrou na Companhia de Jesus para iniciar seu tempo de provação. Para substituí-lo, veio um sacerdote espanhol, Pe. José Agnesis, homem muito bom e simples. Também ele costumava visitar D. Constança de vez em quando e confortava-a com seus modos humildes, respeitosos e cordiais, em contrapartida, ela o ajudava em sua pobreza

Um dia em que tinha ido justamente para lhe fazer companhia na sua solidão, na sua bondade, sem a mínima intenção de dar-lhe um conselho, contribuiu para o amadurecimento dos desígnios de Deus, quando lhe disse: “Se fosse a senhora, procuraria a companhia de alguma menina que precisasse ser criada. Ocupar-me dela me repousaria o espírito”. Constança, muito fiel à voz da obediência, a qual lhe sugeria de fazer sempre todo bem possível, não desperdiçou a sugestão daquele bom sacerdote que lhe havia posto diante dos olhos uma atitude simples, mas que poderia tirá-la de sua profunda solidão.

Era o momento de Deus!... Ela soube reconhecê-lo e, realizando a previsão de seu Carlos, naquele momento começava a tornar-se Mãe de outros filhos.

Apresentaram-se a ela, de fato, talvez naquele mesmo dia, mendigando, duas pobres meninas órfãs, de Seriate. Ela as recebeu, acertando detalhes com os familiares que ficaram felizes em confiar-lhes as meninas, estabelecendo, sem impor condições, que as mesmas ficariam com ela. Estavam, porém, em um estado tão repugnante que seus empregados, movidos pelo nojo, murmuravam, dizendo que em uma casa tão importante era um absurdo introduzir pessoas em tal estado. Mas que! Tiveram que resignar-se, uma vez acolhidas aquelas pobres filhinhas, sentiu como que dilatar-se seu coração e desaparecer rapidamente o pesadelo de sua dor. A sua mente encheu-se de alegria por estar

¹⁸

Padre Bartolomeu Tommasi

concretizando a preciosa previsão de seu filho e ela viu dissipar-se, em parte, o denso véu que recobria o seu futuro. Sentiu-se totalmente invadida por uma grande coragem para seguir sempre e mais fielmente, às cegas, os caminhos de Deus, muito embora lá no mais profundo do seu íntimo, ainda não compreendesse com toda clareza sua santíssima vontade.

Não era, todavia, naquele momento, intenção sua ficar com estas duas meninas definitivamente, mas só até que o Senhor a fizesse conhecer o lugar designado para terminar o resto de seus dias. Ela acreditava que seriam fora da província pois, de fato, não sentia, naquele tempo, nenhuma inclinação para ficar em Comonte.

Logo que encontrasse um lugar adequado para seu retiro, colocaria aquelas órfãs no Conventinho de Bérghamo ou em Callepio, junto com as Rev. Irmãs de Caridade. Posteriormente, falando de seu plano a Dom Speranza, como sempre fazia quando pensava em alguma coisa, obteve dele os seguintes conselhos: “Você não está fazendo nada de mal, antes, está fazendo somente o bem e para se fazer o bem sempre se obtém licença. Por enquanto, dê tempo ao tempo. O Senhor, que leva em conta todo o bem que fazemos, saberá servir-se também deste, para lhe obter mais luzes de Deus”. Entretanto, como se vê, nem mesmo o hábil diretor espiritual conseguia ver o que Deus pretendia dessa alma. Por este motivo sugeriu-lhe retirar-se, por algum tempo, ao Gromo, em Bérghamo, na casa das Venerandas Filhas do S. Coração, a fim de ver se Deus clareava os caminhos a serem tomados.

Ela obedeceu e foi acolhida por aquelas religiosas com todo o carinho. Trataram-na com o respeito que merecia sua condição e pela estima que lhe tinham. Poucos dias depois, Dom Speranza foi visitá-la e lhe perguntou como se encontrava, ela respondeu: “Bem, Excelência, até bem demais.” - “Então, pretende ficar aqui”? - “Como quiser vossa Excelência” - “Não, acrescentou-lhe, quero saber como você se sente internamente” - “Internamente não me sinto de forma nenhuma inclinada a isso, ou melhor, se antes tinha qualquer inclinação para ficar aqui, agora desapareceu totalmente. Sinto-me, isto sim, inclinada a ter uma vida mais pobre e a conviver com pessoas da mais baixa

condição.” Então o santo Bispo respondeu: “Volte o mais breve possível para casa , em paz e espere, fazendo sempre o bem e rezando para que Deus manifeste a sua santíssima vontade e nós a executaremos, está bem?” – “Muitíssimo bem, Excelência “. E partiu.

Uma vez em casa, sentiu em si maior vontade de levar avante o bem começado e sentiu um estímulo maior para rezar mais intensamente, a fim de que Deus se dignasse a consolá-la com a revelação do caminho para onde a guiavam os desígnios que Ele estava preparando para seu futuro. Esta alma bendita não perdia tempo com mesquinhas e aproveitava toda e qualquer ocasião para alegrar o próximo, especialmente os pobres.

Mantinha as duas órfãs recolhidas, o mais que podia, junto de si, para instruí-las e orientá-las a respeito da alimentação, do vestuário, etc., para evitar a extrema repugnância que os serviçais tinham por elas. Eram porém necessárias para este serviço, pessoas que pudessem dedicar-se integralmente. Pensou também nas jovens das propriedades vizinhas, que lhe causavam compaixão porque, pela distância, não podiam ir à escola em Seriate. Estando junto com as órfãs, poderiam aproveitar das instruções que seriam dadas a elas. Aconselhando-se então com o Senhor Bispo, este aprovou de imediato o seu pensamento, procurou e lhe enviou uma jovem de Bérgamo, que freqüentava o Convento das Filhas da Caridade. Ela desejava ardentemente consagrar-se ao Senhor naquele Instituto, mas ficava sempre desiludida porque seu confessor, o digníssimo Professor Tiraboschi¹⁹, que por dez anos consecutivos guiou-a, não lhe permitia nem ao menos fazer perguntas, pelo contrário, aconselhava-a para que, por enquanto, ficasse em casa onde havia muito a ser feito, com o pai enfermo e a madrasta com seis filhos. No entanto ela, queixosa por não poder fazer o que desejava,

¹⁹ *João Batista Tiraboschi foi Capelão junto às irmãs em S. Maria de Soncino, onde substituiu Pe. Francisco Gritti, de Bérgamo que, depois de uma visita judiciária, renunciara. Começou a trabalhar na Páscoa de 1863. Foi depois Diretor do “Patrio Liceo” e, enfim, Arcipreste de Costa di Mezzate.*

tomou conhecimento, através de uma sua amiga que fora camareira de D. Constança, que esta tinha ficado viúva e sozinha. Havia recolhido duas órfãs e precisava, em sua companhia, de uma boa jovem que a ajudasse nesta tarefa. Rogou portanto à amiga que falasse a seu respeito à referida senhora, estando disposta a assumir, além dos cuidados para com as órfãs, qualquer outro serviço junto à família. A boa camareira, com muito prazer, falou logo em seguida com a sua patroa, Dona Constança. Através das indicações recebidas, ela compreendeu logo que se tratava de uma certa Luíza Corti, que já tinha sido indicada antes para ela. Respondeu à camareira que pediria informações a respeito da referida moça. Sendo depois informada que a dita jovem freqüentava o Convento das Canossianas, em Rocchetta, Bérgamo, dirigiu-se à Reverenda Madre Superiora Anna Lucchini, a qual, bem contente em poder ajudar a jovem Luíza, não hesitou um momento em incentivar D. Constança a aceitá-la como colaboradora, dando-lhe as melhores referências. Depois, chamando Luíza, disse-lhe: “Cara Luíza, o Senhor quer abrir-lhe uma estrada para que você satisfaça os seus anseios. Há aqui uma nobre e boa senhora que gostaria de tê-la junto de si, eu a aconselho a aceitar porque, muito embora ela ainda não tenha a intenção de tornar-se religiosa, alguma grande obra ela pretende fazer. Procure cooperar fielmente que granjeará certamente seu reconhecimento.” A jovem, no momento, sentiu-se internamente amedrontada. Apresentada pela Madre à Senhora, esta última, nos primeiros momentos, ficou surpresa com o seu aspecto exterior que parecia revelar pouca saúde e disse: “Pobrezinha, você está doente e mesmo assim gostaria de dar aulas e cuidar de algumas órfãs” ? A superiora responde por ela: “Nunca estive doente, mas passou sempre por muitas atribulações. Pode ter a certeza de que quando estiver fazendo o que deseja e tiver colocado o coração em paz, ambas ficarão contentes”. Confiando nas palavras da Superiora, a Senhora aceitou e a jovem. Esta pediu e obteve uma licença de oito dias para informar tudo ao seu diretor espiritual, do qual obteve, depois de ter exposto tudo, permissão para aceitar e logo começar.

Entretanto ela fê-lo observar que devia deixar o pai enfermo e toda a família necessitada de sua ajuda, ao que o

homem de Deus pronta e precisamente respondeu: “A vontade de Deus é que você vá e depressa”. Diante de tão decidido e inesperado conselho ela ficou muito agitada e, voltando para casa, ao ver o pai doente e os frágeis irmãozinhos, teve medo de que o diretor lhe tivesse dado um conselho imaturo, dadas as circunstâncias nas quais se encontrava sua família. Por este motivo demorou alguns dias para voltar a falar com ele e quando o fez, antes que ela falasse qualquer coisa, disse-lhe: “Como ? Você ainda está aqui ? Não foi para onde a chama o Senhor ? Vá depressa que o Senhor ajudará muito mais a sua família com a sua partida do que com a sua permanência, porque você deve seguir a vontade de Deus, que a quer lá. Se você perder aquele lugar, arrepender-se-á logo!”...Assegurada de tal modo, não perdeu mais tempo a refletir. Deixou sua casa com o pretexto de que se dirigia à casa daquela senhora por pouco tempo e que retornaria em breve e, encontrando-se com a amiga que deveria acompanhá-la, dirigiu-se rapidamente para Comonte, junto à senhora.

Aquela jovem de então, nossa atual Superiora Geral, afirma ter sentido uma emoção muito doce quando entrou pela primeira vez nesta casa. Ao observar o habitual espírito de recolhimento de Constança, seu coração exclamou: “Que grande amiga não deve ser ela! ...” Naquele exato momento foi tomada por uma profunda veneração e por tal confiança nela que desde então adotou-a por sua mãe espiritual, sentindo despertar em si uma necessidade vivíssima de colocar-se em suas mãos e deixar-se dirigir por ela em cada ação. Coisa que, de fato, fez bem logo, ligando-se a ela, a conselho do próprio confessor, com voto de total obediência.

Ela foi, então, a primeira a experimentar com quanto zelo, doçura, sabedoria, prudência, discricção de espírito e inquebrantável virtude Constança conduziu-a a uma perfeita e pronta obediência. A Fundadora, devemos acrescentar, punha a capacidade de obedecer acima de qualquer outro bem, modelando assim o seu espírito e o de sua companheira de acordo com o espírito do próprio Jesus Cristo. Para obter os resultados desejados, precedia cada pedido seu com o próprio exemplo. Sacrificava para isso tempo, comodidade, gostos, prazeres, querendo com isso acostumar a si própria e aos outros a agir

sempre com todo desapego, atitude que sabemos sobejamente não ser nela coisa nova, pois sua vida foi sempre marcada por contínuos sacrifícios.

Tão logo recebeu a jovem que devia ajudá-la nas suas obras de caridade, confiou-lhe prontamente o inteiro cuidado das duas órfãs, as quais, daquele momento em diante, não deveriam procurar orientações senão com a nova companheira. Abriu rapidamente a escola que desejava para todas as meninas dos lugares circunvizinhos e colocando-a na frente de tudo, pode-se vê-la, em breve, rodeada por todas as camponesinhas das vizinhanças e de muitas cidadezinhas adjacentes.

A obra de Deus caminhava assim por si própria, nem mesmo Constança divisava com clareza os caminhos e não sabia que estava executando corretamente os desejos de Deus.

Nesse meio tempo despediu a camareira e colocou-a no lugar onde a havia tirado, isto é, no Conventinho de Bérgamo, pagando ela mesma um ano de pensão para mantê-la naquele lugar, pensando valer-se da nova jovem também para os serviços pessoais. Permaneceram ainda em casa duas mulheres e um empregado. Neste tempo sentia tanta alegria por ver-se inteiramente dedicada à caridade em favor do próximo, tanta paz no coração e tanta satisfação íntima que era possível deduzir tudo isso olhando somente o seu aspecto exterior. Ela estava sempre em atividade, ora dirigindo a família, ora ajudando na escola que se tornava cada vez mais populosa.

Sentia-se gratificada em poder ensinar àquelas pobres camponesinhas o trabalho mais necessário para elas, que é o saber remendar. Mas a sua maior atenção se fixava na instrução religiosa, procurando adaptar os seus ensinamentos à capacidade delas, a tal ponto de parecer também ela uma camponesa ignorante.

Aquelas rudes meninas juntavam-se em torno dela a ponto quase de sufocá-la e ela valia-se desta atração que exercia sobre elas para recomendar-lhes, de modo particular, a modéstia e o cuidado com a pureza do corpo, sendo esta última, tão descuidada na classe camponesa. Dirigia-se ela mesma à escola onde, encontrando alguma coisa em desordem ou não muito bem feita, corrigia a professora e indicava-lhe o melhor modo para

ensinar, mas fazia isto com tanta naturalidade e bondade materna que as filhinhas, em vez de perderem a estima pela mestra, admiravam-na cada vez mais por vê-la tão preocupada com o bem delas. Quando alguma aluna pedia explicações sobre algum trabalho um pouco mais difícil, Constança mesmo sendo tão hábil em todos os gêneros de trabalho, para deixar todo o mérito para a professora e não adquirir nenhuma estima particular por parte da aluna, respondia-lhe: “Espera que chamarei a professora e ela a ensinará.”

O empenho e a solicitude que empregava para tornar profícua esta sua caridade eram tais que não permitia que se prestasse nem o menor serviço a ela em particular, para não se perder nem mesmo um minuto de tempo. Arranjava-se como podia. Devia, porém encontrar dificuldades, dissabores e sacrifícios porque, habituada como era à ordem, às gentilezas, à precisão, não tínhamos dúvidas de que sofria. Mas parecia não ligar para si mesma, tanto que não se preocupava com sua sobrevivência, devendo-se, com freqüência, obrigá-la a se alimentar e a repousar.

Também com referência à ordem e fineza do aspecto da casa, de que cuidara com prioridade e muita precisão, tornaram-se agora secundários, de modo que os domésticos admiravam-se. À sua companheira que estava mais preocupada com o porquê de ela não se cuidar um pouco mais e não se importar com a arrumação da casa, respondeu: “Pedi ao Senhor que me despojasse dos meus excessivos cuidados com estas futilidades e Ele me atendeu.”

Suas refeições foram reduzidas à máxima frugalidade possível, tanto pela qualidade dos alimentos quanto pelo modo como eram servidos, não faltando entretanto aquilo que era básico e a limpeza, mas, como já foi dito, tudo muito simples e comum. E mesmo tendo sempre à sua mesa o antigo capelão da casa, não era colocado sobre ela nada além do necessário. Sua companheira deve ter estranhado muito que nesta casa fosse servida, no jantar, a sopa que tinha sobrado do almoço, requentada. Mesmo quando estavam seus parentes, a situação era a mesma – cordialíssima hospitalidade e nada mais que o ordinário – de modo que uma sua cunhada, certa vez, disse-lhe sorrindo: “Vê-se logo que você

fez votos de pobreza e por este motivo trata-nos assim, com tanta simplicidade, mas eu não os fiz ainda”.

Havia, enfim, mudado tão radicalmente a respeito das coisas do corpo e do mundo que os familiares, surpreendidos a toda hora por estas mudanças, comentavam entre eles e com a jovem professora, a respeito da sua estranha conduta que parecia tornar-se, pouco a pouco, talvez pela grandeza das dores sofridas, uma espécie de loucura. As pessoas que habitualmente a visitavam por causa da amizade que tinham tido com o seu marido, ficavam admiradas com o pouco interesse que ela demonstrava com tudo o que se referisse à sua própria pessoa, às suas coisas e às alheias e de seu modo humilde de vestir-se e começaram a ter, em relação a ela, um sentimento de compaixão, pensando que estivesse para ficar, como diziam, caduca. Um dia, ficando a sós, sua companheira com algumas senhoras, esta ficou surpresa e magoada quando lhe perguntaram: “O que você acha da senhora? Parece-nos que os desgostos sofridos a estão fazendo perder o juízo!...”

Ela respondeu-lhes: “Ao contrário, penso que o Senhor esteja fazendo dela uma grande santa, porque fala e faz obras de santa.” Mas elas, olhando-se entre si e fazendo ares de surpresa por observarem as salas e o jardim reduzidos a tão grande simplicidade, concluíram: “Parece estar meio aparvalhada”. Quando Constança voltou, trocaram algumas palavras e despediram-se. Quando se foram, Constança perguntou à companheira o que aquelas senhoras haviam conversado em sua ausência. A companheira não queria dizer, mas ela insistiu: “Diga, diga, vamos, pois gostaria de saber !” E ela contou tudo. Constança, rindo, acrescentou: “Viu como fala o mundo e qual o seu espírito ? Quem se age como um louco, tem fama de sábio. Quando se faz o bem, ganha-se a fama de tolo; peçamos ao Senhor para que as faça entender. Pobrezinhas, são mártires, escravas dos idéias mundanas. Como o fui também eu”.

Crescia , entretanto, o número de alunas e de órfãs, as quais, tendo aprendido a cantar os Louvores do Senhor e da Virgem, faziam ecoá-los pela casa, para a suprema alegria de Constança, que freqüentemente exclamava: “Como não devem estar contentes os antigos proprietários desta casa vendo-a assim

mudada para realizar obras que causam tanto bem. O pobre do meu marido tinha um temor tão grande de um dia vê-la nas mãos de estranhos!... Certamente preferiria os bens que aqui agora se operam às mais brilhantes festas e às mais alegres conversações”.

Nestes primeiros tempos Dom Speranza vinha visitá-la com muita freqüência. Vendo-a trabalhar tanto para realizar o bem, tão dócil e obediente a cada conselho seu, resolveu mudar totalmente a maneira de guiá-la. Antes a tratava com severidade, quase não a escutava, como atesta quem a acompanhava quando ia ao Episcopado. Agora incentivava-a a continuar e louvava, na sua presença, os progressos obtidos na obra começada. Deixava transparecer sua alegria interior. Visitava a casa, as escolas e conversava longamente com Constanza, interessado em tudo que ela lhe contava, alegre como uma menina.

Nada fazia nem modificava nas obras, sem consentimento do bispo. Certa ocasião, o bispo, quase brincando, disse-lhe, na presença de todos: “Sabe o que dizem de você em Bérghamo ? Que você é uma louquinha”. Alegre, ela respondeu : “Tomara o fosse, Excelência, louca da loucura da cruz!”.

12º CAPÍTULO

PROGRESSOS DA OBRA

Quando se espalhou a notícia do progresso da obra, em vez de visitas sociais, havia uma multidão contínua de sacerdotes e párocos com a finalidade de obter lugar para órfãs. Constança gostaria de acolher a todos e atender a tudo, mas, uma grande dúvida a preocupava e, de quando em quando colocava-a em grande angústia espiritual. Isto tudo era causado pela dúvida se estava realmente cumprindo a vontade de Deus, ou se Ele gostaria que ela tomasse outra direção? Eram sempre decisões difíceis, uma vez que nem mesmo seu iluminado diretor explicava-lhe as coisas com absoluta clareza. Enfrentava, por isso, em certos momentos, uma forte luta. Temia avançar demais e sobrecarregar-se com um empreendimento além de suas forças. Sentia, além

disso, repugnância em permanecer lá, naquele palácio, moradia agora tão dolorosa. Gostaria, isto sim, de estar longe, abandonar tudo para sempre e retirar-se para algum mosteiro longínquo e ficar lá para sempre, pensando em Deus e na perfeição de sua alma, na paz, no silêncio e no recolhimento. Mas depois, dirigia-se de novo a Deus, em oração incessante e abandonava-se em suas mãos. No fervor da oração, cessavam aqueles tumultuados pensamentos, dando lugar à paz e à tranquilidade de ânimo, sinais seguros de que o Senhor agradecia sua obra. Então se encorajava, reanimava-se e com maior ardor, prosseguia a sua empresa, estudando sempre o modo mais adequado para que a obra se tornasse cada vez mais adequada, tudo sempre para a maior glória de Deus.

A sua companheira confirma que, neste período alternado de lutas e de calmarias, dizia: “Desejo aumentar o número de internas e cada vez que acolho mais uma, novamente me parece mesmo ser vontade de Deus mas, por outro lado, preocupa-me o pensamento de vir a arrepender-me, pensamento este que me parece provir do demônio, pois se isto acontecer, o que será destas pobrezinhas que tanto amo”? Mas todas essas perturbações desapareciam quando ela as relatava ao seu conselheiro, vindo-lhe, logo em seguida, um grande consolo na alma.

Entre o grande número de órfãs que se apresentavam, escolhia sempre as mais abandonadas e necessitadas, dando preferência às camponesas. Cada vez que admitia mais uma órfã, sentia uma satisfação tão grande que não sabia como exprimi-la. Parecia-lhe que do céu o seu Carlinhos aprovava a sua obra e com frequência voltavam-lhe à mente as suas últimas palavras: “Console-se, mãe, se eu morro, o Senhor lhe dará outros filhos!...”

Nos dias de festa, igualmente, depois das celebrações paroquiais, vinham as jovens dos sítios e dos povoados vizinhos para brincar no quintal do seu palácio. Ela as recebia com tanta amabilidade e com tanta gentileza, que ficavam encantadas: escutava-as, aconselhava-as, divertia-as, dava-lhes de presente um escapulário de Nossa Senhora ou qualquer livrinho de devoções ou ainda uma imagem, deixando com isso, nos seus corações, ao

despedir-se, a mais viva ansiedade de voltar a vê-la. Ficava toda contente quando via estas camponesinhas todas reunidas e recomendava muito à professora para apresentar-se e acolhê-las sempre com simpatia e bons modos a fim de despertar-lhes as virtudes.

Quando acolhia uma nova órfã, conduzia-a ela mesma à Capela da casa, onde a entregava a Deus, confiando-a à sua proteção. Isso tornou-se hábito naquela casa e ainda hoje se faz o mesmo quando se aceita uma nova asilada. E, como a maior parte das órfãs apresentavam-se mendigando e portanto rasgadas, sujas e cheias de insetos nojentos, ela, toda prestativa e alegre, aproximava-se delas, despi-as e as limpava, dando-lhes depois uma roupa nova, o uniforme. Depois, toda alegre, exclamava: “Eis uma filha da Providência. Pobrezinha! Parece renascida, não está mais feia como antes”.

Sabia, como ninguém, aproveitar de cada oportunidade para exercitar o seu incomparável senso de caridade, executando com as próprias mãos, esses serviços extremamente repugnantes. Fazia-os com a desculpa de querer fazer uma surpresa à companheira, apresentando-lhe a menina bonita e limpa, mas esta, que conhecia a sua virtude, afligia-se por não ter podido substituí-la ou, ao menos, ajudá-la neste serviço tão sacrificado.

Em outra ocasião sucedeu que uma das órfãs, passando pelo quintal, caiu numa fossa tão profunda que a pobre menina ficou imersa até o queixo. Uma Irmã tirou-a, mas vendo-a naquele estado lamentável não teve coragem de despi-la. Chegou, naquele momento, a bendita Madre que, sem nada dizer, arregaçou as mangas do hábito, pegou a menina pela mão, suja como estava e despiu-a com tal desembaraço e competência, que parecia até ter prazer naquilo.

Entregando a nova filha à mestra, explicava-lhe o novo dever que ela teria, exortando-a a criá-la bem, protegê-la e instruí-la, dizendo: “Este é um vaso tão precioso que vale mais que todo ouro do mundo. Queira-lhe muito bem”. Estava sempre atentíssima, vigiando a instrução e a educação daquelas pobrezinhas. Ela mesma, de vez em quando, substituí-a a mestra para observar se elas estavam tendo os cuidados necessários com a educação das crianças, respeitando porém, os limites impostos

pelas suas condições. Interrogava-as sobre a doutrina cristã, testava as suas leituras, examinava as vestes íntimas para verificar se estavam limpas e bem remendadas, fazia-se, enfim, de verdadeira mãe. Sabia adaptar-se tão bem aos usos e costumes dos camponeses, que parecia ter vivido sempre no meio deles.

A obra já tinha crescido tanto que não lhe bastava mais uma só companheira para atender a tantas ocupações, devendo também cuidar, ao menos por enquanto, dos negócios administrativos da herança e executar também muitas disposições das últimas vontades do marido, as quais não tinha tido até agora tempo para poder cumpri-las.

Entre as empregadas que tinham ficado na casa, nenhuma tinha capacidade para isso, nem mesmo para ajudar na obra, elas não faziam nem mais, nem menos do que tinham feito a vida toda e ainda , podendo ajudar em qualquer coisa, não queriam. Viam com maus olhos as pessoas e as coisas novas introduzidas na casa e reclamavam continuamente.

Até com a professora tinham todo tipo de descuidos e, podemos até dizer, de dureza , porque, saindo da escola, depois de longas horas de ocupação com as órfãs e as alunas de fora, devia ela retirar-se com as suas filhas para preparar o almoço para si e para elas e, diga-se de passagem, um almoço muito limitado e mísero, que apenas satisfazia à necessidade, ainda mais que, às vezes, nem o café da manhã tinha sido tomado por falta de alguém que o preparasse.

Por tudo isto e para que a escola e a casa pudessem caminhar em ordem e regularidade, fazia-se necessário procurar novas monitoras que, com boa vontade, ajudassem na empresa.

E Deus, na verdade, já tinha preparado algumas com estas disposições. De fato, bem cedo, apresentaram-se. A primeira foi uma certa Senhora Rosa Masoni, nascida em Almenno S. Bartolomeo, conhecida e amiga da Senhora Luíza Corti e parece ter sido escolhida por Deus, pelo seu grande coração, ornado com as mais belas virtudes domésticas às quais ajuntavam-se também o bom senso e a idade madura.

Com sua chegada, não foi mais preciso preocupar-se com a saúde de D. Constança, porque não podem ser enumeradas as

finezas, as solicitações com que a cercava e o grande amor que demonstrava por ela.

Depois de um ano foi aceita uma outra , como auxiliar da primeira mestra. Era jovem, de ilibados costumes, era mesmo como se tivesse sido talhada especialmente para o Instituto, de nome Adelaide Carsana. Ela já era professora municipal em Seriate e era nativa de Careno.

Esta serviu muito nas escolas e nos recreios festivos.

Depois de um mês, chegaram duas jovens camponesas de Arcene, uma para arranjar emprego e a outra, para acompanhá-la. Mas, ninguém conhece os desígnios de Deus ! Aquela que veio pelo emprego, não era idônea, a outra, ao contrário, uma certa Maria Passera, ficou e foi de ótimo proveito, pois além de jovem, possuía bons hábitos e era cheia de fervor no serviço de Deus.

Dali a três meses, entrou uma outra jovem, também de Seriate, Leonilda Valsecchi, de índole serena, dócil e muito afeiçoada às jovens, a quem conseguiu educar maravilhosamente.

A este ponto já eram seis, inclusive a Fundadora e se podia, por isso, atender com regularidade aos diversos trabalhos , sem que nenhuma ficasse excessivamente cansada. Por este motivo, aos poucos, D. Constança pode despedir o restante dos servos, encontrando porém para cada um deles um bom lugar para alojar-se e arcando com todos os inconvenientes e despesas.

A casa e a obra iam se organizando. Todos se colocavam em expectativa, não sabendo como tudo isto terminaria. Era um vaivém de sacerdotes, senhores e senhoras curiosos em saber em que ponto estavam as coisas. D. Constança , sempre tranqüila e cuidadosa com a publicidade que queriam fazer, respondia: “Eu não faço nada”. E eles: “E tantas jovens, tantas órfãs e escolas? Vemos uma obra que cresce e ela diz “nada”...” “Sim, nada, nada mesmo, sabem!” E eles: “Mas, e tantas mudanças e tantas novidades, tudo isto, sem dúvida, quer dizer alguma coisa.” E ela : “Talvez, S. José o saiba, eu nada sei”. De fato, ela ainda não sabia de nada, somente deixava-se guiar cegamente pelos dois santos prelados que repetiam-lhe estas palavras : “Vá em frente, faça o bem e para fazer isto você sempre obterá permissão”. Fazia tudo com a maior sensatez e perfeição, não preocupando-se nunca inutilmente com as obras já executadas.

Cheia de fé em quem a dirigia, nunca duvidava que a conduziam para o cumprimento dos divinos desejos. Contava-lhes tudo o que pensava e depois ia em frente, sem nunca voltar atrás, como um cego, deixava-se guiar e caminhava segura, apoiando-se em Deus.

Sentia-se amedrontada quando alguém elogiava e louvava a obra, perturbada dizia: “Mas, o que estamos fazendo aqui de tão especial? Que obra? Não sei de obra nenhuma!” Para acalmar-se, ia a Bérgamo e, meio perdida, revelava a angústia de seu coração abatido ao santo diretor, que se alegrava de vê-la tão humilde e desapegada de qualquer glória e , quase brincando, dizia-lhe : “Viu? O mundo a atormenta e você deve rir dele, ele é curioso, não se preocupe, você não está fazendo nenhum mal, antes, está fazendo o bem, portanto, por que temer ?

Quase todas as semanas Dom Speranza e também o Pe. Valsecchi iam a Comonte para animá-la e apoiá-la na obra que vinha de encontro aos seus próprios anseios e, às coadjuvantes recomendavam para obedecê-la sempre em todas as coisas .

Eles não tinham dúvidas de que Deus estava olhando com complacência tudo quanto esta sua serva estava fazendo por amor àqueles que o próprio Jesus Cristo dignou-se chamar “os seus pequenos” e com os quais quis particularmente identificar-se, prometendo que tudo aquilo que fosse feito em favor deles, seria considerado como sendo feito a Ele próprio.

Não duvidavam pois que ela não obedecesse senão a tudo aquilo que Deus, diretamente e por especial graça, lhe inspirava e Ele a conduziria até cumprir tudo que fosse do Seu pleno agrado. Não se enganavam, como agora veremos.

13º CAPÍTULO

FUNDAÇÃO DO INSTITUTO

Como antes foi dito, Dona Constança sentia-se encorajada pelas exortações dos Superiores e, por eles apoiada,

prosseguiu com sua obra, sem temores desnecessários. Todavia, um pensamento ainda não deixava de preocupá-la continuamente e por isso rezava sempre para que o Senhor se dignasse iluminá-la. A preocupação era como tornar estável e duradouro, mesmo depois de sua morte, todo bem que agora se fazia. “Eu poderia – assim falava à sua primeira companheira – eu poderia faltar de um dia para o outro e essas queridas criaturas voltariam a mendigar e também as pobres camponesas daqui não teriam mais escola”.

Finalmente, numa manhã, demorou-se um pouco mais do que de costume para sair do habitual recolhimento em seu quarto. Saindo, encontrou sua companheira. Esta ficou tão surpresa em vê-la com o rosto particularmente iluminado, parecendo transfigurada que não ousou perguntar-lhe porque havia demorado tanto. Mas ela, adivinhando a pergunta da companheira, foi logo dizendo: “Hoje fiquei retirada por mais tempo que de costume porque redigi, por escrito, as minhas idéias a senhor cônego Valsecchi. Quanto é bom o Senhor!...”

De fato, naquela manhã havia composto um livrinho no qual havia colocado os primeiros esboços da fundação do seu Instituto, agora estabelecido sobre aquelas normas.

Aquele livrinho ficou, nas mãos de Pe. Valsecchi, que dele se servia para ajudar a Fundadora na composição das regras e na determinação do seu espírito, de forma mais ampla, dadas, em seguida, ao Instituto. Infelizmente tal livrinho foi extraviado e não se conseguiu encontrá-lo, por mais que procurasse entre suas coisas e entre as nossas. Somente depois de muitos anos da morte do venerando prelado, foi encontrado, quase que por acaso, no meio de um pacote de cartas que os herdeiros haviam remetido ao convento de Comonte.

Transcreve-lo-emos aqui, por nos parecer justo e necessário dar a conhecer o conteúdo deste importante documento, do qual o acima citado Pe. Valsecchi fez, muitas vezes, os mais amplos elogios. Nele, a Benemérita Fundadora soube, de forma sucinta mas muito clara, concretizar a idéia do Instituto, assentando ali, solidamente, o alicerce de sua obra. Por isso, quando o saudoso prelado, depois da morte dela, ia a Comonte e via traduzido na prática tudo quanto estava contido naquele livrinho, com muito júbilo exclamava: “Quanta coisa

continha aquele livrinho de dois centavos ! Aquilo, na verdade, foi escrito sob ditado do Espírito Santo!”.

Ele expressou a extraordinária impressão muito favorável causada em seu ânimo por aquele livrinho, nas duas seguintes cartas:

A.M.D.G.(AD MAIOREM DEI GLORIAM)
Prezadíssima Senhora²⁰

Louvado seja o Senhor ! A idéia do novo Instituto que a senhora deu-me para ler, parece-me uma coisa verdadeiramente muito perfeita , muito simples e também a mais providencial, porque tem em mira uma classe da sociedade muito desprezada e quase excluída por todos os outros Institutos. Eu não hesito em dizer que a sua idéia seja uma inspiração preciosíssima de Deus que quer fazer um grande presente àquela pobre gente que tantas vezes não recebe, por causa da injustiça e da dureza do coração dos homens, a recompensa devida ao seu trabalho e às suas fadigas. A senhora tem, pois, grandes motivos para regozijar-se e agradecer ao Senhor por tê-la escolhido como instrumento para realizar os seus desígnios. Por outro lado, analise bem o quanto isto aumenta a responsabilidade de amar a Deus com todo o coração e de fazer-lhe o sacrifício de integral doação a Ele, pois é isto que Deus quer da senhora, muito mais que todos os seus bens.

Também a maneira com que foi escrita, aquela idéia, parece-me muito conveniente e própria porque é simples e afetuosa. Todavia, estou me permitindo algumas alterações para maior clareza, nunca tocando porém na substância, menos a respeito da idade para admissão, ponto sobre o qual é bom aconselhar-se com o senhor Bispo e amadurecê-lo com orações. Quando fizer outra cópia do mesmo escrito, entregue-a sem mais demora ao bispo para que ele emita a sua opinião e, enquanto isso, não pense em outra coisa que não seja fazer a vontade de Deus atuando no Instituto.

Reze, reze muito e sempre. Nunca faça nada sem rezar.

²⁰ *Carta 54*

Restituo-lhe também aquelas disposições testamentárias tão bem conhecidas pela senhora, uma vez que vão ser anuladas e substituídas por outras. O senhor Bispo disse-me alguma coisa muito ligeiramente mas, por enquanto, não nos entendemos ainda.

Recomende ao Senhor também a minha alma e as minhas obrigações e me considere com todo respeito e estima.

Devotíssimo Obrigadíssimo Servo
Pe. Alexandre Valsecchi

Dia 10 de março de 1857. Bérghamo

A.M.D.G.

Estimadíssima Senhora²¹

Há mais de um mês sou-lhe devedor da resposta de uma carta sua que me foi muito cara, especialmente pelas notícias consoladoras que me dava a respeito de sua preciosa saúde e da obra de caridade que a senhora está encaminhando pelo bem das almas e para a glória de Deus. Eu nunca duvidei que Deus, tirando-lhe o seu Carlos a fim de que a malícia deste século não o corrompesse, torná-la-ia, depois, Mãe de uma maneira toda espiritual e angélica de muitos outros filhos e filhas, que a senhora recolheria, cuidaria e educaria para o Paraíso.

Que grande graça o Senhor lhe fez! Que intercâmbio precioso aconteceu entre a senhora e Deus! Aprenda, pois, a ser sempre mais generosa nos seus sacrifícios e a abandonar-se totalmente nas mãos de Deus, nosso Pai. Continue com coragem e cumpra a boa obra para a qual foi chamada, mas faça as coisas com grande simplicidade, olhando sempre para o futuro, seguindo e não prevenindo o impulso de Deus, não confiando em si mesma. Regulando-se em tudo segundo o conselho e a obediência, assim sairá tudo sempre bem.

²¹ *Carta 56*

Ouvi do Pe. Bortolo o ótimo sucesso obtido com os Santos Exercícios e tenho sentido grande consolo com a paz de sua alma e pelo bem que isto trará para o Instituto que nasce.

Recorde-se de mim junto ao Senhor para que me ajude e me sustente. Procure e ame unicamente a Ele. São estes os meus desejos. Rezo para que estes desejos se realizem.

Professo-me com toda estima e respeito

Humílimo Devotíssimo e Obrigadíssimo Servo
Pe. Alexandre Valsecchi

P.S. –Mando-lhe a cópia de um artigo publicado pelo meu Colégio porque sei o interesse que V.S. nutre pelo Instituto onde o seu Carlos recebeu sólidos princípios da ciência e da virtude e também viveu durante algum tempo querido e respeitado por todos, amadurecendo para o céu.

E agora transcreveremos o livro escrito pela Revma. Madre, por ela mesma intitulado:

“A Fundação”.

O Senhor, nos decretos de sua admirável e divina Providência, reuniu esta pequena sociedade de mulheres, destinando-as , como outrora destinava nossos primeiros pais e antes deles os Patriarcas e até os ilustres antepassados de Jesus Cristo, a cultivar e trabalhar a terra no intuito de fazer renascer e prosperar novamente o amor e o gosto por esta arte tão bela, tão nobre e agradável e que agora, para nossa desgraça, está tão desprezada e desprestigiada por influência dos costumes e hábitos corruptos e falsos do mundo atual.

Por esse motivo, Deus entregou e confiou à nossa pequena sociedade a educação e o futuro das pobres filhas de são José, que estão sendo criadas e instruídas para uma arte tão rica e fecunda de tantas vantagens, que é a arte de cultivar os campos. Estão sendo educadas na simplicidade e na inocência, com normas e sentimentos adequados às suas condições, para que possam depois, segundo os desígnios de Deus, espalharem-se um

dia pelo mundo, como sementes caídas do céu e resgatar, com o amor ao cansaço e o gosto pela vida campestre, a inocência dos costumes, a simplicidade nos modos, a sinceridade das palavras, abundância e a paz nas famílias e, deste modo, chegar àquela singular felicidade campestre, tão exaltada por todos, mas que os homens estão muito longe de possuir. Que esta felicidade, uma vez atingida, conduza-nos e guie-nos àquela outra, que é perene e inalterável, lá no céu.

As Irmãs da Sagrada Família, este será o belo título com que serão agraciadas as componentes da nova Sociedade, as atuais e todas aquelas que Deus, nos seus altos desígnios, chamar, com vocação especial, para participar desta tão grande missão, de qualquer estado ou condição que sejam, ricas ou pobres, nobres ou plebéias, formarão uma só classe e ordem de Irmãs, animadas todas de um mesmo espírito, ligadas umas às outras com os vínculos da paz e da caridade. Quão doce e quão cara não deverá ser aos seus corações esta unidade que as une mais estreitamente com os laços da fraternidade e do amor mútuo!... Havendo um só coração e uma só alma, mantendo-se fiéis à grande missão para a qual foram chamadas e eleitas por Deus, as Irmãs da Sagrada Família deverão, indistintamente, desenvolver suas atividades na roça. O campo oferece a todas trabalho com que ocupar-se, segundo a força, a capacidade e os talentos de cada uma. A mão-de-obra, a instrução, a guarda, etc., etc., eis outros tantos serviços e ministérios diferentes que eliminam os pretextos daquelas jovens que, por seu nascimento e educação, acreditam que não seja para elas a nova instituição.

A vida de uma cristã, mas muito mais de uma religiosa, deve ser uma vida de abnegação e de sacrifício, o Homem-Deus deu-nos o exemplo, eis o nosso exemplo, eis o nosso modelo !

Quando Deus chama para uma missão, dá também a força, os talentos e a capacidade para cumpri-la. Ai de quem voltar atrás sob vãos pretextos! Ai de quem, por soberba, desprezar os ofícios e trabalhos humildes e simples, e a companhia de Irmãs desprezíveis aos seus olhos, mas grandes aos olhos de Deus! Que espetáculo edificante não davam , no passado, aos olhos do mundo, os discípulos de são Bento e de um são Bernardo, quando despojados de seus ricos patrimônios, de

seus privilégios, de suas dignidades, de seus tribunais e cargos, com a arma e a divisa da humildade, revolviam e cultivavam a terra, levando depois ao mundo que os desprezava, os frutos obtidos com o trabalho rude. Ninguém podia então, certamente, negar que eram bons e reais. As Irmãs da Sagrada Família, animadas assim por exemplos tão nobres, não economizarão forças ou cuidados para cooperar em tudo aquilo que lhes cabe, por desígnio de Deus. Com esta finalidade, deverá haver, no Instituto, uma escola agrária para a instrução das Irmãs, a fim de que possam depois, instruir as órfãs a elas confiadas e outras jovens e meninas que desejarem também aproveitar de seus conhecimentos (menos a casa do Noviciado).

Devem ainda, as Irmãs da Sagrada Família, levar uma vida de ocupações e de esforços, não terão nem coro e nem jejum além daqueles prescritos pela Santa Igreja.

Meia hora de meditação e a Santa Missa, pela manhã; visita ao Santíssimo, ao meio-dia; meditação e o terço, à noite, eis as nossas práticas cotidianas de religião. Abnegação contínua da vontade e trabalho contínuo, eis as nossas penitências.

Haverá uma mesa discreta, um repouso discreto, um hábito adaptado aos nossos trabalhos e todas terão o simples e modesto título de Irmãs, exceto as irmãs de quatro votos, que serão chamadas de Madres e por todas e com todas ter-se-á o mesmo cuidado, o mesmo respeito e a mesma preocupação com a saúde e conservação, seja espiritual ou material.

Nesta Sociedade haverá dois anos de noviciado, além dos seis meses que se mora na casa usando roupas seculares. Depois destes dois anos, far-se-ão os Votos simples e privados, nas mãos da Superiora, tendo as Irmãs obrigações em relação ao Instituto, mas não o Instituto em relação a elas. Depois de cinco anos, farão os votos solenes e perpétuos, nas mãos do Ordinário. Para aquelas Irmãs nas quais a Superiora descobrir, além das qualidades necessárias para serem boas e edificantes Religiosas, talentos e habilidades especiais, para administrar os negócios, dirigir a contabilidade, governar o Instituto ou toda a Sociedade, ajuntar-se-á aos três votos costumeiros de Pobreza, Castidade e Obediência, um outro voto particular, isto é, de procurar sempre, em todas as suas operações, a maior glória de Deus, o bem e a

vantagem do Instituto. Mas, como nesta Sociedade as Religiosas são consideradas todas iguais, para a escolha das Irmãs de quatro votos não se levará em conta quem, no mundo, foi rica ou pobre, quem teve nascimento ilustre ou plebeu, só a virtude, só os merecimentos reais, só a capacidade deverão servir como base à eleição e ainda, merecer a estima, o amor, o respeito e obediência das co-irmãs, quando a eleita for uma camponesa. Somente as Irmãs de quatro votos poderão ocupar os cargos de Superiora, Secretária, Diretora, Econômica, Assistente, Conselheira e Mestra das noviças e só em caso de necessidade poderão as Irmãs de três votos, depois que tiverem professado os citados votos solene e perpetuamente, substituir, em caráter temporário, a Irmã que ocupava um desses cargos. A Superiora poderá abreviar para um ano o tempo de noviciado, bem como poderá abreviar para três anos o tempo destinado para os votos solenes e perpétuos, tudo isto quando a Superiora Geral perceber retidão e firmeza de intenções. As Irmãs, porém, não poderão importunar a Superiora com pedidos de abreviação do noviciado e de antecipação dos votos solenes e muito menos insistir para ser admitida aos quatro votos, porque sendo habilitadas, com estes votos, a exercer cargos mais relevantes na Sociedade, estariam assim expostas a grandes obrigações e deveres dos quais deveriam, depois, dar conta a Deus.

CAPÍTULO 14º

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO INSTITUTO

Constança, radiante com a extraordinária graça recebida por inspiração, pôs-se a trabalhar na obra com o maior fervor. Pediu e obteve um horário para o regulamento da casa e das colaboradoras, redigido pelo senhor Bispo. Pediu e lhe foi concedida a permissão de ter o SS. Sacramento na sua capela. Era sempre ela que precedia a todas no cumprimento exato das regras, a primeira a aceitar a distribuição das tarefas de acordo com o horário, enfim, suas companheiras não tinham senão que segui-la.

Dispôs-se logo, juntamente com suas companheiras, a adotar uma vida de pobreza em comum, vida que foi posteriormente abraçada por ela com rigor, a ponto de abandonar até o último luxo a que se permitia, de usar um serviço de mesa igual aos das famílias de condição média, limitando-se a uma mesa nua e aos mais pobres utensílios. Uma tal vida, com mil privações e dificuldades e também a convivência com pessoas de condições diversas da sua, teria, sem dúvida, provocado não poucos problemas em uma alma menos generosa que a sua, mas ela, pelo contrário, gostava, saboreava, digamos assim, a total doçura da pobreza abraçada por amor a Deus. Reduziu o seu quarto a uma simples cela. Uma pequena cama, dura e pobre, uma velha escrivaninha, duas cadeiras, um crucifixo e um ou dois quadros de papel constituíam toda a mobília. Suprimiu todo e qualquer conforto, até mesmo necessário, particularmente no inverno, quando sua saúde se tornava mais delicada por causa do frio. Entre as comodidades supressas estava a estufa, que a aquecia no rigoroso inverno.

Também os exercícios piedosos foram organizados e colocados em hora oportuna, a fim de que a pequena comunidade pudesse participar integralmente. É quase impossível traduzir em palavras o esforço e a dedicação da Fundadora para conseguir que a pontualidade, o recolhimento e a devoção fossem sempre marcados pelo espírito de fé. As horas consagradas a tais práticas eram quatro, subdivididas entre o princípio, meio e fim da jornada, como passou ser, posteriormente, a regra fixa do Instituto. Seu comportamento na igreja era tão compenetrado e seu ânimo de tal forma revestido de sentimentos da mais viva fé na augusta e real presença de Jesus no Sacramento, que só em vê-la os outros sentiam-se também cheios de veneração. Jamais sentava-se, a não ser nas horas em que isto era indispensável ou em algumas raras ocasiões que estava se convalescendo de alguma doença. Em 1º de novembro de 1856, fez, de próprio punho, algumas regras que submeteu ao julgamento do senhor Bispo e uma vez aprovadas por ele, foram imediatamente colocadas em prática.

A 18 de janeiro de 1857, obtive do Bispo a permissão de fazer em casa os Santos Exercícios, com suas companheiras, as quais, somadas a ela, perfaziam o número de seis. Duraram doze dias e foram feitos segundo a regra e o espírito de santo Inácio, tendo sido chamado para pregá-los o Pe. Bartolomeu Tommasi, recentemente saído da Companhia de Jesus, a qual, depois de uma provação de dezoito meses, não pode admiti-lo por causa de sua frágil saúde²².

Não se pode descrever o conforto que Ela experimentou naqueles santos dias e mesmo que quisesse escondê-lo não seria possível, pois suas companheiras, principalmente a primeira delas que ocupava com Ela o mesmo quarto, já tinham percebido esta felicidade incomum. Ela, porém, vendo-se observada, quis permanecer sozinha com Deus, para que somente Ele fosse testemunha de suas manifestações emocionais. As companheiras, então, não mais puderam vê-la a não ser na igreja e à mesa, onde comparecia absorta e com ar angelical, sinais claros e evidentes de que Ela estava totalmente compenetrada em Deus.

Enquanto as outras, naqueles dias, estavam impressionadas pelas meditações sobre as eternas verdades, ela transbordava de íntima e santa alegria, tanto que, admirada de ver as outras tão concentradas em si mesmas, não pode deixar de comentar, um dia, com uma delas: “Como é que vocês estão assim tão pensativas e eu não posso conter a minha alegria? Tenho medo de escandalizá-las por me verem tão diferente de todas”.

Era a graça extraordinária que Deus a fazia experimentar já nesta vida, como uma pequena amostra do prêmio que estava sendo preparado no céu para ela, como recompensa pelos benefícios que com tanta generosidade havia realizado. As companheiras, pelo contrário, podiam somente prever a vida de sacrifícios que teriam que abraçar. Apresentava-se, com

²² *Deste Retiro Espiritual fala-nos Dom Speranza na Carta nº 8: “Fico satisfeito que o Retiro Espiritual tenha sido um sucesso e tenha produzido frutos, como me relatou ontem o Pe. Bortolo...”. Esta carta é datada 18 de abril de 1857.*

frequência, ao diretor do retiro espiritual, prostrava-se aos seus pés e vencendo todo e qualquer natural retraimento, revelava-lhe todos os seus sentimentos, inspirações e desejos tidos, permanecendo ali até obter dele a permissão para praticar atos humilhantes diante da comunidade e ele facilmente concedia-lhe, para satisfazer seu fervor, sabendo, porém, com discrição, moderá-la. É difícil dizer o quanto se emocionavam as companheiras ao vê-la humilhar-se diante delas, acusar-se, pedir perdão, beijar os pés delas e aniquilar-se totalmente. Era de se chorar a visão daquelas cenas e não foi possível impedir que a demonstração de tanta humildade, por parte de uma pessoa tão digna, perturbasse os ânimos de suas queridas companheiras. Esse primeiro retiro espiritual jamais será esquecido pelas primeiras cooperadoras, na fundação do Instituto, pois foi forte e excepcional a graça com que Deus dignou-se comunicar-se com elas e que valeu para fortalecer e estabilizar para sempre o fervor pela vocação que queriam abraçar. Uma dentre elas, cedendo ao natural medo de ter que se sacrificar muito, imediatamente afastou-se e partiu. Quanto a Constança, fez, nesta ocasião, sua confissão geral com as disposições e o fruto que cada um poderá imaginar. Repleta de santo ardor pelo bem, recomeçou, com redobrado fervor, a prática do novo regulamento.

Até aqui, tanto as cooperadoras como as órfãs tinham-na chamado de “senhora”, mas agora que ela se tinha rebaixado tanto, a ponto de não ter mais nada que a distinguisse, fosse nos hábitos, fosse no modo de vida que levava. Vestia, alimentava-se, descansava e repousava como todas as outras companheiras, que pediram então ao senhor Bispo a permissão de poder chamá-la de Superiora. Além dela não permitir e também porque as Irmãs e as órfãs mostraram preferência por chamá-la de Madre, pois, de fato, já a amavam com amor filial, ficaram, portanto, muito felizes de começar, daquele momento em diante, a chamá-la de Madre.

Introduziram-se também, nesta época, um pequeno xale e véus pretos, como uniforme da comunidade nascente. Em seguida, ela decidiu, de uma vez por todas, realizar finalmente aquilo que já há muito tempo, com todo ardor, sentia-se impulsionada a fazer, isto é, o seu sacrifício a Deus de proferir os

votos perpétuos religiosos. O demônio, até então, havia confundido os seus pensamentos, sugerindo-lhe que tomasse cuidado com aquilo que estava fazendo, porque depois se arrependeria e não poderia mais anular os votos proferidos e ela já tinha realizado tantos benefícios, mesmo sem os votos. Mas com a ajuda de Deus, que lhe mostrou a armadilha do tentador, e com o conselho iluminado do diretor, tendo já no Natal passado, feito o voto de Castidade, emitiu também os outros dois votos perpétuos de pobreza e obediência, no dia 8 de fevereiro de 1857, domingo da septuagésima e festa de São Jerônimo Emiliano, com a aprovação do senhor Bispo. Acrescentou mais tarde ainda um quarto voto, de trabalhar sempre para a maior glória de Deus²³.

Não deve ter sido pouco o esforço que precisou empregar para ir contra às sugestões do maligno e vencer a própria natureza, uma vez que, ao chegar em casa naquele dia, teve que deitar-se. Entretanto Deus não tardou em mostrar-lhe o seu agradecimento, fazendo com que fosse invadida por uma grande paz interior que transparecia em todo o seu ser e a fazia sorrir.

Quis também cortar os cabelos para demonstrar seu total domínio sobre os sentimentos e logo depois trocou seu nome de batismo por um outro religioso, coisa que fez chamando em torno de si todas as companheiras e dizendo-lhes com toda a alegria: “Agora vocês não me chamarão mais de Constança mas de Irmã Paula Elizabete”. Completado assim o seu total e irrevogável ato de perfeita oblação, deu fim a tudo quanto ainda restava de supérfluo no palácio. Tudo quanto havia em ouro, diamantes, mobílias, roupas de luxo, ela vendeu, despojando o palácio e a si mesma. O dinheiro foi empregado na compra de camas e tudo o que era necessário para equipar o orfanato, enquanto isso, cheia de alegria, dizia: “Não acham que o dinheiro está muito melhor empregado agora? Com aquelas jóias pudemos providenciar conforto e abrigo para essas pobres criaturas sem teto e sem pão”.

²³ *Nota explicativa do tradutor: os votos de Pobreza e de Obediência não foram feitos nas mãos do Bispo, mas diretamente a Deus, logo após a comunhão feita no dia 8 fevereiro 1857, conforme a instrução dada pelo próprio Bispo.*

Assim fazia depois cada vez que precisava arcar com alguma despesa, revistava cada canto da casa até encontrar alguma coisa que julgasse supérflua e rapidamente a vendia, conseguindo assim dinheiro para as suas novas provisões, e dizia : “Para pobres como nós somos, não ficam bem estas coisas, para nós basta o resto que temos e isto está sendo melhor empregado adquirindo novos colchões, panos, etc., para nossas filhinhas”.

As companheiras, diante de tal desprendimento, ficavam admiradíssimas, parecendo a elas muito estranho ver a nobre Senhora desfazer-se de tantos móveis e enfeites preciosos com tanta indiferença a ponto de parecer que ela lidasse com coisas que não eram suas e sua alegria era tanta que mais parecia ter feito uma grande aquisição e não uma venda. A sua forma de vestir-se não teve necessidade de reformas, pois vestia o marrom-escuro desde a morte do filho, não tendo usado, daquela época em diante, nenhum outro tipo de roupa.

Pensava, todavia, já há algum tempo, em dar às companheiras um uniforme, como distintivo, para tornar conhecida a nascente comunidade e também como meio para estreitar cada vez mais os laços internos de união fraterna.

Mas, neste sentido, agia com muita lentidão, pois tinha, como sempre, muito receio de fazer coisas diferentes que pudessem fugir da meta inicial do seu Instituto, que era a de máxima humildade e simplicidade, devendo todos evitar qualquer coisa que pudesse, mesmo com a mínima possibilidade, excitar a vaidade ou despertar a menor das ambições. Por isso, nem ao menos havia falado com suas companheiras sobre seu desejo de constituir uma verdadeira ordem religiosa. Por outro lado, elas não tinham nada para perguntar-lhe, porque, desde o princípio ou seja, desde o momento em que se uniram a ela, tinham como coisa certa que um dia tornar-se-iam religiosas, coisa esta que todas esperavam ansiosamente. Por este motivo, quando ela propôs-lhes de adotar um uniforme, estas disseram-lhe que preferiam um hábito religioso. Mas ela, sem negar radicalmente e tendo sempre como objetivo afastar qualquer idéia de vaidade que porventura pudesse existir em alguma delas, respondeu dizendo: “Vocês estão sendo movidas pela vaidade. Queremos vestir-nos como religiosas e não sabemos o que é necessário para sermos

religiosas”. Assim agindo, esperava ela incutir no ânimo das suas companheiras aquele espírito de sólida virtude e zelo puro, pelos quais esperava que todas fossem unicamente movidas. No entanto, desagradava-lhe a idéia de recusar a sugestão das companheiras, sugestões estas que, aliás, solicitava humildemente cada vez que pretendia introduzir algo de novo nos costumes da instituição e, achando-a justa e cabível dentro do espírito do verdadeiro bem, ficava muito satisfeita e dizia: “Desta maneira vocês formarão e conhecerão o espírito da nossa instituição”. Mas, com toda delicadeza, conseguia sempre guiá-las pelo caminho da renúncia de si mesmas, tomando porém o cuidado de não se tornar egoísta, fazendo somente aquilo que era a sua vontade. Fazia estas coisas com tal destreza e sensibilidade que as outras nem percebiam.

Quando elas revelavam sua repugnância em fazer alguma coisa, ela dizia logo: “Vençam estas limitações, não se preocupem, cumpram com os seus deveres. Que importa o que vocês sentem ou não sentem, toquem para frente, não é nada”. Também quando manifestavam-lhe que não tinham ficado contentes, satisfeita com a confissão, respondia-lhes, dizendo graciosamente: “Porque querem contentar a natureza e satisfazer, ao mesmo tempo, o amor próprio? Se não procurassem a auto-satisfação, estariam contentes. A simplicidade, a humildade e a firme vontade de não mais pecar são as coisas que realmente contam. Vocês se confessam para limpar a alma, humilhem-se e não pretendam que o confessor satisfaça e console vocês, pois não sabemos se merecem isso . Caminhem até lá com boa vontade, não percam seu tempo no confessionário e nem façam com que o confessor também perca o seu. Muitas vezes acho que se fazem algumas confissões inúteis, isto é, confessa-se tão somente por confessar ou para se satisfazer. Minhas caras, não procuremos estas formas de amor próprio, mas a graça do sacramento, que o Senhor dá a quem a procura”. Também a respeito da Comunhão não queria manifestações exageradas, mas fé no augustíssimo Sacramento . Ela nunca foi vista comungando mais de três ou quatro vezes por semana e quando foi formado o Instituto, tendo recebido do senhor Bispo as comunhões de regra, permaneceu com o mesmo costume. Dizia freqüentemente que a comunhão

diária requer vida santa e quem comunga com tanta facilidade, sem jamais emendar-se dos próprios defeitos, desonra a piedade.

Mas havia também uma outra coisa que desejava ardentemente praticar, tanto a respeito de si própria, como das outras: nunca se importar com o que o mundo pudesse dizer. Ria e ficava muito satisfeita ao ouvir que os outros a censuravam, pois estava segura de que tudo aquilo que fazia era a vontade de Deus e lhe havia sido permitido pelos Superiores. Algumas vezes, principalmente no começo, quando as pessoas, vendo-a despojar-se de todos os seus ricos pertences, dando e vendendo-os para abrir a casa aos pobres e viver no meio deles, murmuravam com a novidade da mudança, achando que se tratava de uma esquisitice. Avisada por suas companheiras, em vez de perturbar-se ou desencorajar-se, exclamava : “Talvez seja melhor que falem de mim e do que eu e vocês fazemos, do que pecar falando dos outros ? “.

Ouvindo alguém dizer: “O que o povo vai dizer? Imediatamente retrucava: “Que querem que digam? E mesmo que dissessem, que nos importa o mundo? Procuremos, isto sim, trabalhar para Deus, agindo com pureza de intenção. Se mesmo assim o mundo falar, deixem que fale e vocês dêem risada dele, da mesma forma que ri de vocês”.

Se, às vezes, tocavam em algum ponto de honra, respondia que a honra das servas de Cristo é serem escarnecidas por Cristo, desde que este escárnio não seja provocado por uma má conduta ou por leviandades. Quando se tiver trabalhado bem, segundo a própria vocação, se o mundo, assim mesmo, desprezar, não se deve nem mesmo preocupar-se.” A gente é por demais ingênua – dizia – quando faz caso dos julgamentos do mundo! “Quanto a ela, o desprezo que tinha por tudo isso e por si mesma era tal, que quando começou a reunir, nos dias festivos, as meninas do condado para brincarem no quintal externo do seu palácio, depois das atividades da paróquia, e descendo para o meio delas, contra todos os seus hábitos, para animá-las nos jogos, dava-lhes o exemplo correndo diante delas e provocando com isso, a risada de muitas, intimamente ficava satisfeita com aquela humilhação.

Queria também que as cooperadoras, juntamente com ela, participassem das inocentes brincadeiras daquela juventude simples e inculta que, muitas vezes, retribuía com zombarias suas benfeitoras. Ela, entretanto, não permitia que as cooperadoras demonstrassem qualquer sinal de ressentimento e exigia que continuassem fazendo sempre aquilo, sem se importar com risadas e zombarias. Também nas roupas sabia, com muita destreza, exercitar a renúncia e o desprezo por qualquer valor humano, fazendo remendá-las com panos de diversas cores e remendendo, ela mesma, as suas vestes pretas de tal modo que quando as deixou, para vestir o hábito religioso, não serviam mais para nada. Percebendo que as companheiras envergonhavam-se de se apresentar assim tão mal vestidas, fazia-lhes entender que se estavam deixando levar pelo amor próprio, persuadindo-as de suas fraquezas e misérias e exigindo que continuassem vestidas daquela forma humilhante. Quando encontrava alguma um pouco mais rebelde à humilhação, colocava-a num lugar de destaque na escola e nas salas de reuniões, vestida daquela maneira. Dizia que a rebeldia era indício de estar ainda muito escravizada pelo mundo.

Não permitia que nenhuma delas procurasse ter qualquer coisa além do necessário, dando, ela mesma, exemplo contínuo de como deveriam contentar-se com o que tinham. Deste modo, qualquer coisa que lhe fosse dada além do estritamente necessário, ela, sempre com boas maneiras, recusava, mostrando claramente que privar-se daquilo dava-lhe maior liberdade de espírito, enquanto que, se daquilo fizesse uso, sentir-se-ia oprimida. Desta forma estava sempre preocupada em formar as suas companheiras segundo o espírito e o projeto que aos poucos Deus vinha, através dela, realizando, mas, cuidava sobretudo que progredissem no total desapego de todas as coisas corporais e, de modo particular, das coisas espirituais.

Não era, porém, necessário que ela desse tantas instruções para levar as outras a praticá-las, bastava vê-la trabalhar para deduzir a regra. Por outro lado, considerava-se inferior a todas e por este motivo, incapaz de aconselhar e governar. Somente a obediência pôde fazer com que ela guiasse

as companheiras e fazia isto usando sempre a maior cordialidade e carinho, tratando-as e amando-as como irmãs.

Certa vez, admiradas de sua santidade, as irmãs lhe disseram que o Senhor a havia feito proceder, em relação a elas, da mesma forma que Ele havia procedido, em relação aos seus Apóstolos, isto é, elegendo as pessoas mais pobres e inaptas para fundar a sua Igreja. Ela, entretanto, continuava a recusar a idéia de ser a superiora delas, por qualquer mérito que tivesse e respondeu: “O Senhor manifesta os seus segredos aos pequenos, aos simples e aos pobres, não necessita de sabedoria, nem de riquezas para o cumprimento de seus desígnios, mas Ele quer boa vontade e quando vocês a possuem, isto já é suficiente. De fato, ela parecia gloriar-se de conviver com elas em igualdade de condições. Dissimulava certas inconveniências cometidas por elas em relação à sua posição social, não porque não a respeitassem, pois tinham-lhe verdadeira veneração, mas porque não conheciam aquelas regras de delicadeza social devidas à sua condição e ao seu cargo. Isto, porém, não acontecia só em casa, mas também fora.

Ela, em todas as reuniões, colocava-se sempre em último lugar e as companheiras, não tomando cuidado, punham-se no lugar que era dela, e quando, às vezes, percebiam a falta cometida, afligiam-se e lamentavam-se docemente com Ela porque não as instruía a respeito dos cuidados com os quais deviam comportar-se, ao que Ela, balançando graciosamente a cabeça, dizia : “Ora ! Não nos preocupemos com as exigências do mundo. Não é necessário que vocês sejam tão civilizadas. Entra-se no céu também sem tanta civilidade”. E dizendo-lhe elas que ignorando as etiquetas sociais poderiam depois cometer as mesmas inconveniências também com estranhos, ela respondia: “Que importa que digam que somos grosseiras e rudes, isto não desonra uma religiosa”. Exigia porém grande sensatez no falar e nos modos e gravidade de comportamento, para incutir respeito nos outros.

Chamava a atenção das cooperadoras pela mínima leviandade que cometessem, querendo com isto despojá-las de todo e qualquer costume mundano, dizendo sempre que semelhante conduta desgostava a Deus e não edificava o próximo.

De modo especial, não deixava passar inobservada nenhuma palavra de adulação que fosse dirigida a quem quer que fosse. Cada vez que ouvia alguém elogiar alguma pessoa e sabendo também que o elogio não era sincero, imediatamente chamava-lhe a atenção, dizendo: “Não queiram vocês fazer como é de agrado do mundo, ou seja, imaginar virtudes e méritos onde se sabe que não existem, isto é enganar o próximo, calem-se ou então falem com simplicidade. O mundo, infelizmente, está cheio daqueles que tecem elogios por puro interesse e subserviência, principalmente aos ricos, a quem, pode-se dizer, ninguém fala com sinceridade. Posso falar disso com segurança, pois já vivenciei estas situações e garanto que tais pessoas fazem pena. Quantas senhoras, pobrezinhas, cometem esse engano, eu, por outro lado, não cessarei nunca de agradecer ao Senhor que tendo-me cercada de pobres, faz com que eles me falem com sinceridade”.

Da maneira que queria que os outros falassem, assim falava Ela, não sabendo jamais fingir nada do que sentia no seu coração.

A este respeito contava uma história que muitas vezes ouvimos. Sua sobrinha²⁴ que havia, como narramos no princípio, passado a infância na sua casa, em companhia de Carlinhos, foi colocada depois, pelos seus pais, no célebre internato do Mosteiro de Santa Grata, em Bérghamo, para ser educada. Havendo passado alguns anos e tendo obtido boas notas de aproveitamento e conduta, jovem, na flor da idade, cheia das mais doces esperanças, logo que saiu do convento quis, naturalmente visitar a tia. Apresentou-se toda radiante de inocente alegria e cheia de orgulho que vinha de um coração verdadeiramente satisfeito. Imaginou que a tia também a receberia com muita alegria. Seria acariciada, louvada e elogiada. Mas a tia,

²⁴ *Josefina Cerioli (10-9-1837 / 25-12-1914), com o seu marido Paulo Scotti, viveu sempre com a tia, ajudando-a na obra. Em 1868, com o marido, que era procurador do ramo masculino do Instituto, assiste a subdivisão dos bens entre as Irmãs e Religiosos, na presença de Dom Speranza e do Cônego Valsecchi.*

olhando-a e parando para contemplá-la com olhos doces e piedosos, disse-lhe estas palavras: “Pobrezinha, você causa-me pena... Você está iludida!...” Continuou mostrando como só a ilusão a fazia acreditar que era bonita, inteligente, rica, feliz, invejada, pois todos a enganavam quando diziam essas coisas.

A menina ficou de tal forma mortificada que chorou amargamente e foi necessário que, ao voltar para visitar suas sábias professoras, estas a confortassem dizendo-lhe que as palavras da tia não eram senão efeito de sua santidade e não tinham sido ditas com a finalidade de repreendê-la e que ela continuasse a ser boa. A menina, porém, jamais se esqueceu daquela lição aplicada com tanto afeto e seriedade, que ela começou a amar e estimar ainda mais a virtude de semelhante mulher.

Casada, logo em seguida, com um distinto e piedoso senhor, tornou-se também ele um benfeitor do Instituto e ficava muito feliz quando podia, ao lado dele, passar alguns dias em Comonte, na casa em foi, durante tanto tempo, testemunha familiar das virtudes da venerável tia.

Irmã Paula odiava também qualquer fingimento, adulação ou hipocrisia no falar ou no agir com os outros. Era ela quase um modelo de simplicidade e dizia que a humildade e a simplicidade deveriam ser as virtudes características das pessoas chamadas por Deus para educar os pobrezinhos. Por isso fazia delas o objetivo principal de seus ensinamentos para as companheiras. Parecia-lhe, antes de tudo, que não possuir estas virtudes, era a principal causa das faltas cometidas por elas. Corrigindo-as, dizia muitas vezes: se vocês se conhecessem a si próprias e tivessem tido um mínimo de simplicidade, não teriam que se arrepender de tal erro” .

15º CAPÍTULO

CORRESPONDÊNCIA COM O BISPO.

CONSOLIDAÇÃO DO CONVENTO DAS IRMÃS.

Dom Speranza, o bispo, demonstrava ver com muito bons olhos a formação e o crescimento, na sua Diocese, deste novo instituto beneficente. Alegravam-no ainda mais, as intenções puras e a retidão de espírito da Fundadora, que ela, aliás, se esforçava-se por incutir também em suas companheiras. Vinha a Comonte com muita freqüência. Embora parecesse às vezes não dar muita importância, tinha grande prazer em se entreter familiarmente com as irmãs, incentivando-as de modo admirável a cultivarem as virtudes sólidas, principalmente o desprezo do mundo, a humildade e o desejo puro de fazer o bem em nome de Deus. Estimava e admirava cada vez mais o espírito da fundadora, animando-a e estimulando-a a levar em frente a sua obra. Ela, por outro lado, aconselhava-se com ele sobre todas as coisas e até, de forma ingênua, manifestava-lhe tudo o que lhe passava e sucedia em sua alma. Ele era obrigado a reconhecer-lhe a retidão, a humildade e a extrema delicadeza, sentido-se, de fato, seguro de guiar uma alma a quem Deus dava luz e graças particulares. Por isso, facilmente concedia-lhe o que ela pedia, fosse para sua própria direção, fosse para estabelecer novas regras para as companheiras e para as órfãs, novos rumos para a casa. Tranqüilizava-a nas suas ansiedades e dúvidas e sempre a encorajava a não temer nada e a ter toda a fé em Deus. Foram conservadas muitas cartas, tanto de uma como de outro, as quais referem-se a este tempo e nós, com muito prazer, transcrevemo-las aqui, como maior prova de todas estas coisas.

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo²⁵

²⁵ *Carta 3.*

Temendo, Excelência, que não possa, nesta quaresma, vir até Comonte, escrevo-lhe esta e incluo em anexo um escrito meu, já examinado pelo Pe. Alexandre Valsecchi, que me mandou remetê-lo a V.Excia. que o lerá quando melhor lhe aprouver. Imagino ser necessário, Excelência, à medida que comece a amanhecer mais cedo, que as filhas de São José tenham um novo horário, e distinto do nosso, se quisermos aplicar nosso princípio de educá-las para que aprendam os serviços do campo. Procurarei acabar de elaborá-lo nesses dias, e, logo que o terminar, submetê-lo-ei à sua apreciação. Enquanto isso, eu as faço levantar-se meia hora mais cedo, isto é, às 5:30. Sendo camponesas, acostumadas a acordar muito cedo, não é bom deixá-las na cama por tanto tempo, depois de acordadas.

Aproxima-se a Páscoa. Gostaríamos de saber se V.Excia nos daria a permissão de celebrá-la aqui em Comonte, sem ter que ir à Paróquia, como é de obrigação? Quinta-Feira Santa não poderemos fazer a exposição, podemos fazê-la na quarta-feira? Eu pensei em acrescentar, pois me parecem necessárias, mais algumas regras àquelas já existentes e aprovadas por V.Excia. e coloco-as aqui no final para que o senhor dê o seu parecer. O Pe. Alexandre Valsecchi havia me externado o desejo de dar três dias de retiro às nossas meninas, para aquelas um pouco mais velhas da escola e para qualquer outra jovem das cidades vizinhas e que eu queria ajudar, dando às que moram mais longe, o almoço, a fim de que elas possam ficar aqui durante todo o dia, assim viriam de manhã e voltariam para casa somente à tarde. Se o senhor achar que assim está bem, basta dizer-me que eu farei com muito prazer e só marcar a data e dizer qual o sacerdote que virá. Somente lá pelo final da semana Pe. Antônio terminará as instruções diárias para a confissão e comunhão e digo-lhe isto para que o senhor fique sabendo.

Agora Excelência, preciso colocar aqui um pouco do meu exame de consciência e de como anda o meu relacionamento com Deus, se não estou agindo bem, o senhor dir-me-á. Preferiria falar-lhe pessoalmente, mas temo não poder vê-lo tão cedo..... Com Deus.

Ando meio desinteressada e, poderia mesmo dizer, um pouco indiferente nas minhas práticas religiosas, fazendo-as ,

muitas vezes, mais por hábito que por puro amor a Deus e isto faz com que, às vezes, por não me sentir bem e às vezes, por puro esquecimento, eu deixe de fazer as orações na hora certa. Isto também acontece quando algum pensamento me perturba, particularmente os de ordem familiar. Fico muito distraída e inquieta, deixando-me tomar por um certo desinteresse a respeito de tudo aquilo que se refere à alma, ao corpo e à casa. Quando preciso me recolher, seja para trabalhar ou para fazer qualquer outra coisa, é necessário fazer um grande esforço para conseguir me concentrar, embora seja este o meu desejo, mesmo assim não consigo ficar por muito tempo concentrada, daí, creio, provenha o meu desinteresse.

As poucas vezes que sinto devoção e experimento algo do amor de Deus, coisa que acontece quando olho para o céu com recolhimento ou quando fico imaginando como seja esse céu. Por exemplo, se estou na Igreja, que me representa Jesus Cristo na sua Humanidade, então sinto um grande desejo de assemelhar-me a Ele e a segui-lo sobretudo nas perseguições, cruz, humilhações e sofrimentos . Muito embora a minha natureza recuse, sinto-me estimulada a rezar ao Senhor para que me faça experimentar, como de fato rezo, mas com temor. Como pode tudo isto combinar, Excelência, com minha pouca mortificação, quando se trata de ter paciência e suportar os defeitos do próximo, especialmente das minhas companheiras, como lhe direi mais adiante, e quando se trata também de calar-me, ao invés de dizer palavras inúteis? Não posso pensar nas imensas graças que Deus proporcionou-me sem experimentar no meu coração uma grande comoção e ternura em relação ao Senhor e isto eu também sentia em meio aos meus maiores tormentos, porque então o Senhor dava-me mais amor Mas o meu caráter inquieto e impaciente me impede de deter-me muito, divagando rapidamente para outras coisas e eu creio que aqui entra o espírito do mal, pois esse pensamento de gratidão seria capaz de levar-me a fazer grandes coisas para o Senhor.

Deveres para com o próximo. Suporto com dificuldade os defeitos do próximo, particularmente os pequenos, como, por exemplo, quando o pessoal de casa não age com precisão, limpeza, atenção etc. Tudo isso me leva a faltar com a caridade e

a impacientar-me, dando assim péssimo exemplo às companheiras, porque não me contendo, não espero, corrigindo na hora quem cometeu o erro e nisto entra somente a natureza e o temperamento.

Orgulho, condescendência, vaidade e amor próprio. Eu não sei distinguir um do outro. Às vezes encontro-me muito perturbada por escrúpulos e tentações sobre estes pecados porque, por exemplo, aparece-me um pensamento de vaidade ou de orgulho, quem sabe? e não me parece que eu seja suficientemente rápida no descartá-lo. Esses pecados, depois que os cometo, fico inquietíssima porque tenho mais medo deles do que de outros tipos pecados. Quando, às vezes, alguma de minhas companheiras se sobressai em alguma atividade e por isto venha a ser elogiada, experimento na hora um pouco de desprazer, produto certamente ou da inveja ou da soberba e se não ficar atenta a mim mesma, não consigo impedi-lo. A maior parte dos meus defeitos provém do motivo de não ser sempre dona da situação e, às vezes, me vem à mente que, se me dessem licença de carregar, por algumas horas diárias, o cilício, talvez me alegrasse com isto, muito embora nunca tenha visto e nem saiba como seja. Creio estar sendo atacada até no interesse, porque quando faço qualquer coisa ruim ou que uma outra coisa qualquer sai errada, fico muito aborrecida e inquieta. Por mais que queira afastar o pensamento, por um momento que seja, volta-me sempre à mente, até quando estou na Igreja. Estou desanimada, Excelência, quando penso e examino a mim mesma, procurando descobrir porque não faço aquilo que Deus pretende de mim e não possuo um coração suficientemente grande para poder vencer as minhas paixões. Ao ler as vidas dos Santos, experimento grandes remorsos, sinto forte estímulo a imitá-los e faço grandes promessas a Deus, mas convém que não superestime minhas forças, pois sou sempre a mesma.

Excelência, se errei, se falhei, se causei-lhe aborrecimentos com o que escrevi nesta folha, diga-me, pois é a primeira vez que faço isto. Não tenho prática, nem conhecimento. Dar-me-ia a licença de beijar os pés de minhas companheiras no refeitório, um dos dias da semana santa? Como também nos levantamos às 5:30, agora, às 6:00 horas, já está quase claro.

Perdoe- de tudo, tenha compaixão de mim, corrija-me e me considere sempre

De Vossa Excelência, Humílima e Obrigadíssima Serva
Cerioli Constança, Viúva Busecchi
Comonte, 29 de março de 1857

P.S.- E aquelas cartas que devia me trazer ?

Excelência²⁶

“Em anexo V. Excia. encontrará um formulário preparatório para a Santa Comunhão, que, desejaria, se lhe aprovar, recebesse sua aprovação, segundo as necessidades na Igreja, para uso das filhas de São José, para o qual foi escrito por um sobrinho meu, estudante da Universidade de Pádua²⁷. Quereria, Excelência, obter do senhor o especial obséquio de poder permanecer na Igreja algum tempo a mais que minhas companheiras e do estabelecido pelas regras. O senhor retirou-me a licença, temendo que se permanecesse na Igreja mais tempo do que as outras, pudesse, por isto, ser tomada de soberba ou considerar-me mais santa. Foi muito prudente de sua parte, mas me parece que isto não pode me acontecer, pois o Senhor, na sua grande misericórdia, me faz muito bem saber o quanto valho para tirar-me este sentimento. Por outro lado, percebo que não ficando mais tempo na Igreja, como antes, vou cada dia perdendo mais em devoção e recolhimento, e caindo mais profundamente nos meus vícios e defeitos, porque tendo eu, mais do que minhas companheiras, motivos que me tiram a concentração, devo procurar estar, o mais que posso, unida a Deus com orações, as quais para mim são difíceis se não estou na Igreja, se bem que muitas vezes, mesmo estando lá, fico enfadada e com desejo de sair.

²⁶ *Carta 4.*

²⁷ *Francisco Cerioli (31-3-1836 / 26-1-1892) . Casa-se com a Condessa Ana Asperti de Bérgamo, em 1881.*

Tenho também outra tentação que me deixa inquieta e, algumas vezes, agitada. O demônio, porque não pode ser senão ele, coloca-me isto na cabeça: se Deus a abandonasse e lhe retirasse a sua graça, que faria na estrada difícil para a qual você foi encaminhada ?

O maligno, que não pode me tentar nem com a separação da família, dos bens e do mundo, porque o Senhor, conhecendo a minha fraqueza, havia providenciado isso, ao tirar-me o único objeto que poderia fazer com que me apegasse as estas coisas, persegue-me com este pensamento, para me impedir de caminhar por esta estrada tão rapidamente como talvez devesse ter percorrido.

Experimentei mais fortemente essa tentação desde quando acolhi a minha primeira filha e durou até a sexta ou sétima. Esse pensamento: **você pode se arrepender**, colocava-me em uma incerteza e inquietação muito grandes, todas as vezes que devia aceitar mais uma. Não saberia explicá-lo, pois sem que pudesse pensar, nem analisar, sentia-me levada a prosseguir, por estar certa de fazer a vontade de Deus. Esse sentimento continuou durante certo tempo, até que a tentação foi embora. Passei então a sentir muita alegria e consolação todas as vezes que crescia essa pobre família.

Voltei a senti-la, muito forte, quando ia fazer os Votos. Desejava-os muito, embora com repugnância, e havia prometido ao Senhor, mas parecia-me impossível chegar a uma decisão, ainda por causa daquele pensamento: você pode se arrepender, parecendo ser um passo ainda mais imprudente do que o primeiro, como me sugeria o demônio. Mas aquele mesmo estímulo e persuasão que sentia para acolher as meninas, sentia-o também pelos votos, e foi o que mais me induziu, uma manhã, a vir procurá-lo. A natureza ou o demônio faziam-me pensar que V. Excia os teria recusaria ou deferiria. Talvez até mesmo tenha sido isto que me animou a procurá-lo. Embora não parecesse, sofria muito naquele momento, por causa dessa incerteza e dessa luta. Fiquei surpresa e agitada quando o senhor me disse que sim. Mas, no fundo do meu coração, sentia, na verdade, uma secreta consolação com a satisfação de ter ao menos um sacrifício para oferecer ao Senhor.

De manhã, na hora da santa Comunhão, fiz os votos, a despeito de mil pensamentos negativos, que procuravam dissuadir-me. Por algum tempo essa tentação me manteve agitada, impedindo-me de saborear toda a alegria. Com o tempo, passou. Pensei estar libertada de vez, mas agora o demônio recomeça tudo, ao me colocar na mente: será mesmo esta a vontade de Deus? Fazendo-me entrever o que talvez aconteça no futuro, a diversidade das companheiras com as quais terei que viver, eu mesma, tão cheia de orgulho, minha repugnância por tantos pequenos sacrifícios, minha inveja e assim por diante. Oh! Meu Deus, a mim não me importa sofrer, antes parece-me que o espírito só tem a ganhar com o sofrimento, mas será a vontade de Deus? Será puro, será louvável? Tivesse eu, ao menos, devoção e amor, mas ando tão fria e distraída, especialmente na meditação, muito embora sinta vivamente o desejo, mas faço pouca força para vencer essa indiferença. Veja, Excelência, como estou. Sugira-me qualquer coisa para tornar-me humilde, unida e recolhida em Deus, porque então todas as tentações a que o demônio poderá expor-me, ser-me-ão caras, porque servirão para purificar-me mais e fazer penitência pelos meus pecados. Não tenho mais nada para lhe dizer, a não ser perguntar-lhe, se o senhor me permite, que na festa, devemos receber as jovens que vêm para cá de Seriate, depois das funções paroquiais, é claro. Elas já têm vindo em outras festas e eu sempre me esqueci de contar-lhe. Eis como fazemos: depois que estão reunidas canta-se a Ladainha de Nossa Senhora e alguns cantos espirituais, porque me parece que gostem. Então passeiam e conversam com qualquer uma de nós para isto destinada, isto é, aquelas que me parecem mais aptas, e as outras ficam com as nossas órfãs em outra parte, as pequenas depois brincam. Se lhe parece que devemos continuar, continuaremos a fazê-lo, com muito prazer, de outra forma, cessaremos com tudo. Não seria bom, Excelência, que acostumássemos as filhas de São José a ficar na Igreja de joelhos por, pelo menos, o tempo da Missa, a visita e o rosário. Acostumadas assim, poderiam dar bom exemplo às camponesas, que de modo geral, comportam-se muito mal dentro da Igreja? Aceite minhas distintas homenagens, rogo-lhe, também que se lembre de mim diante do Senhor. Escreva-me o que quiser que

procurarei sempre ser para o senhor uma filha respeitosa e obediente, que tem a honra de assinar,

do Ilustríssimo Reverendíssimo Monsenhor.

Humílima e Devotíssima Serva

Constança Cerioli, Viúva Busecchi

Comonte, 11 de maio de 1857

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo²⁸

Mando-lhe o pequeno exercício da manhã e da tarde, com a visita do meio-dia, reduzido e abreviado para as minhas filhas.

O senhor aprove-o ou mude-o, conforme Deus lhe inspirar. Entendo, Excelência, que seria muito bom se pudéssemos amar, ensinar e praticar com as nossas filhas aquilo que depois pudessem fazer e manter, mesmo como leigas, se viessem a deixar o estabelecimento. Neste exercício não está incluída a santa Missa, mas fica subentendido que todas devem ouvi-la diariamente, exceto alguns dias excepcionais, de muito trabalho no campo. A santa Missa faça-a acompanhar com o método e as orações do Beato Leonardo da Porto Maurizio²⁹. Posso-lhe depois enviar uma cópia.

Sinto muito que não haja ainda recebido o formulário de preparação e de agradecimento da Comunhão nem minha carta que o acompanhava. Será que se perderam? Este formulário de preparação foi composto expressamente para as filhas de São José, por um sobrinho meu, estudante da Universidade de Pádua, jovem de grande habilidade, sobretudo em religião. Conservo

²⁸ Carta 5.

²⁹ Paulo Jerônimo Casanuova, depois Leonardo de Porto Malurício, onde nasceu, na Província de Imperia, a 20 de dezembro de 1676. Morreu em Roma a 26 de novembro de 1751. Foi beatificado a 19 de junho de 1796 e canonizado a 29 de junho de 1867.

ainda os originais revistos e corrigidos pelo Pe. Alexandre Valsecchi. Eu o copiarei e o mandarei para aprovação.

Outro dia, quando tive o prazer de poder falar-lhe, gostaria de ter permanecido por mais tempo, pois tinha ainda muitas coisas para dizer-lhe, mas mais para ouvir as suas palavras e sugestões que me são muito úteis e necessárias, mas o senhor tem sempre tanta pressa...

Creio ser inútil, Excelência, dizer-lhe que as regras que lhe foram entregues são para minhas companheiras e para mim, e não para as Filhas de São José. Com o horário, porém, procuraremos ser uniformes, na medida do possível, digo na medida do possível, porque como estas, quando têm muito trabalho no campo, devem levantar-se mais cedo, com elas levantam-se somente a mestra que as acompanha. Depois, nos domingos e feriados, tomo a liberdade de deixá-las dormir por mais meia hora, isto quando durante a semana tiveram que levantar-se mais cedo muitas vezes.

Depois, com o tempo, Excelência, será conveniente distinguir até mesmo o horário. Naquelas memórias que depois lhe enviei, verá que não lhe disse nada da minha outra intenção da qual já lhe havia falado, isto é, que se formasse um Instituto de Religiosas com o título de **Irmãs da Sagrada Família** para a dupla finalidade de educação e direção civil e religiosa das Filhas de São José, como também para o ensino geral das escolas em casa e fora, com a vantagem, principalmente, para os camponeses e artesãos das vilas e lugarejos. Parecia-me inútil, Excelência, falar-lhe sobre isso, pois se Deus, em seus altos desígnios já o tiver decretado, irá acontecendo aos poucos, sempre que cooperarmos com a graça. Se o Senhor me der a graça de viver, teremos tempo de saber o que Deus quer, de adaptá-lo segundo às necessidades e circunstâncias, enquanto se vão formulando as regras, se Lhe aprovar e Lhe for conveniente. Que tudo seja para a maior glória de Deus, para a saúde e vantagem do próximo. Também este Instituto, se for formado, não poderia deixar de trazer vantagens para as filhas de São José porque não serão depois todas pobres aquelas que o Senhor tiver me destinado e me mandar; por consequência trarão dote e assim será útil para bem cuidar das órfãs.

As camponesas serão necessárias para orientar as próprias camponesas no campo, nós as encontraremos e formaremos entre as nossas filhas; tenho já algumas que, com a graça do Senhor, espero que daqui a poucos anos possam servir para esta finalidade. Enquanto isto, façamos da melhor maneira possível e continue somente com a sua proteção e sugestões. Abençoe-me e lembre-se de mim junto ao Senhor e me considere como aquela que tem a honra de assinar,

Do Excelentíssimo e Reverendíssimo

Humílima Serva, Constança Cerioli

Comonte, 15 de julho de 1857

Essas três cartas, que nos foram enviadas pelo destinatário, depois da morte da fundadora, já deixam perceber sua dependência em relação a ele e de como não fazia nem dispunha de absolutamente nada sem sua licença e aprovação.

Eis agora alguns breves exemplos de cartas que ele também se dignava lhe dirigir com freqüência, além das conversas que tinha com ela ou no Episcopado ou em Comonte. Respondendo a uma sua carta, assim lhe escrevia :

Mui Reverenda Senhora³⁰

Aprovo que adapte o horário às suas conveniências. As regras que houve por bem acrescentar não me desgostam. A comunhão todas as segundas-feiras parecer-me-ia um pouco demais. Comungar favorece também o desejo e a colheita de mais frutos. Não a proíbo, pois, com o consenso do confessor. Os retiros poderão ser feitos quando vocês acharem melhor. A homilia é coisa excelente, desde que não cause nenhuma perturbação. Também as exposições poderão ser feitas, mas

³⁰ *Carta 4.*

desejo que use de uma certa parcimônia, e se façam abençoar sempre pelo Senhor na fé.

Creio que aqui esteja tudo aquilo que me perguntou, caríssima D. Constança: mas cabe à senhora fazer, dirigir, regular esta sua família. Aquilo que fizer, faça-o inteiramente para Deus e diante d'Ele. Ele abençoará, pois retribui sempre copiosamente a caridade.

A respeito de sua alma, vá em frente. Não é necessário que diga orações verbalmente, quando se fala ao Senhor com o coração ou então o Senhor fala a nós. Escutar e obedecer, fazer o bem e esperar o prêmio na outra vida. Aqui sofrer e merecer.

Deus a abençoe juntamente com as suas filhinhas

Afetuosíssimo Servo

Dom Pedro Luiz

1º de dezembro 1856

P.S.- Não respondi antes porque me disseram que viria pessoalmente pegar a resposta.

Gentilíssima Senhora³¹

Aceite também a jovem de Seriate. Ao final das contas, parece-me ser da vontade de Deus.

À órfã a ser aceita no dia de são José, se quiser, dê-lhe, como presente, esse grande Santo e poderosíssimo protetor. Permito-lhe também ter o Santíssimo durante toda a quaresma. Pergunte ao Senhor se está contente com vocês, em todo caso empenhem-se em amá-lo mais profundamente, e Ele estará com vocês. Mas para amar a Deus convém sair de si mesmo, como vou dizer. Empenhem-se, você mesma e suas companheiras em não querer saber nada de si, não querer nada, perder-se, esquecer-se, morrer, despir-se a si mesmo, pois somos nada. Que somos na realidade? Para o Senhor, um capital passivo. Para Ele seria mais lucro se nos deixássemos de lado, todos, do que se buscamos todos a nós mesmos. Sua bondade conta muito para nós, dela é

³¹ *Carta 5.*

que provém todo bem. Não demos, pois, valor a nada, pois não sabemos o que realmente tem valor. Recordemo-nos somente de Deus, que merece ser amado e servido. Que todas as criaturas se anulem e se consumam por Ele. Com estes sentimentos tenham então o Santíssimo por toda a quaresma e façam a exposição, recebendo com fé a bênção de nosso Deus, na quinta-feira. Não faça jejum, nobilíssima Senhora. Tenho medo que lhe faça mal. Durma na cama como antes, a senhora e suas companheiras. A respeito dos votos, esperemos ainda um pouco. Faça os seus deveres, pois nada a impede. Somente não se canse com eles e agradeça ao Senhor pois, se quiser, a senhora pode recorrer a outra pessoa.

Ter em casa alguns bichos-da-seda, não será mal também para instruir as moças e criá-los bem. Daquela outra senhora infeliz fez bem em livrar-se e é um dever para a senhora não misturar com as companheiras nem com as filhas, pessoas tão infelizes. A respeito da carta, entender-me-ei com o Pe. Alexandre. Viva quieta, tranqüila e não queira nem temer, nem duvidar. Considere-se como filha do Senhor: ame-o, respeite-o como pai, e trabalhe segura como sua filha. Deus a abençoou e a abençoará e eu rogo que a abençoe amorosa e abundantemente bem como sua casa e família.

Do Episcopado, 16 de fevereiro de 1857

Afetuosíssimo e Obrigadíssimo em Cristo

Dom Pedro Luiz, Bispo

Nobilíssima e Gentilíssima Senhora³²

Fico satisfeito que os seus retiros tenham corrido tudo bem e que tenha produzido frutos, como me disse ontem Pe. Bortolo. Agora cabe ao Senhor conservar o fruto naquelas almas

³² *Carta 8*

com a sua santa graça a qual chega a todos aonde é necessária. Não faça muito e nada faça com ânsia ou pressa, minha caríssima Senhora; mas devagar. Uma coisa depois da outra e descanse. Tudo acontecerá para a honra e a glória de Deus, em socorro das almas dos outros e nossa, a serviço do Altíssimo, para agradar-lhe e para que seja cumprido nosso dever. Há necessidade de fazer muito? Devemos fazer aquilo que Deus quer, como seus servos fiéis. Deus dispõe e disporá sempre devagar e claramente aquilo que Ele quer de nós para servi-lo. Fique calma então. Quando for necessário, que mude alguma regra ou que faça qualquer outra coisa, faça. Reservo-me o direito de lhe dizer depois se fez mal. Rezem pelas muitas necessidades que temos e que o Senhor a abençoe, Dona Constança, e a todas as suas filhas e seus interesses.

Bérgamo, 18 de abril de 1857
Afetuosíssimo

Dom Pedro Luiz Bispo

Estimadíssima Reverendíssima Senhora³³
26 do corrente, 1857

Tenha também o Santíssimo durante os retiros. Depois o deixaremos por certos períodos. Se as irmãs forem sábias e virtuosas, firmes e verdadeiras não só na aparência mas diante de Deus, o deixaremos talvez de maneira contínua. A Rev. Senhora lamenta-se de não se lembrar e não saber como dizer-me e pedir-me muitas coisas, quando tem ocasião de falar-me. Não importa, compreendo e até gosto que não tenha nada a dizer, ou quase nada. A senhora é que deve decidir, pois conhece o lugar e as circunstâncias. Se o Senhor quiser que continue esta família que a Senhora começou, dar-lhe-á luz para conhecer e saber fazer. Porque o Senhor deve fazer um milagre fazendo-me conhecer a mim que estou aqui? Devo eu fazer o papel de Superiora das filhas? A Madre Verzeri me falava de si mesma quando lhe era

³³ *Carta 7.*

necessário, mas de suas filhas e de suas coisas, nunca. Assim agiam também outras Superiores, que conheci, mais iluminadas pelo Senhor que o habitual. V. Senhora faça tudo o que for bom. Eu não me reservo senão o direito de repreendê-la, fortemente e até castigá-la se fizer o mal. O Senhor abençoe verdadeiramente a Senhora e às suas filhas e às suas órfãs; e rezem de coração por mim.

Afetuosíssimo, Pedro Luiz, Bispo

Mui Reverenda Madre³⁴

Fique tranqüila, faça o bem e não duvide. Fazendo o bem ou o mal, sua cabeça pensará sempre se Deus a ama ou se a abandona. Nossa cabeça pensa sempre alguma. Habitue-se a não preocupar-se. Porque haveria o Senhor de abandoná-la, se não abandona ninguém, a não ser que seja antes abandonado? É uma verdade de fé, como o afirmou o Concílio de Trento. Procure fazer o bem, praticar as virtudes, o sacrifício de todas as coisas e de toda si mesma, prestar atenção ao amor e à glória de Deus. Enquanto pode, cuide também das almas, porque são de Deus, e todos são nosso próximo. Reze e faça rezar pela feliz realização do santo Jubileu de nossa cidade. Regule-se pela fé e seja forte no cumprimento do dever. Mando-lhes as faculdades pelo Pe. Manzini³⁵. Ele lhes dirá o que devem fazer. Lembrem-se de mim em particular, que eu as abençôo a todas e me declaro

Afetuosíssimo

Seu Servo em Cristo

Bispo Pedro Luiz

23 de fevereiro de 1858

P.S.: Se está indiferente, é bom: basta que seja obediente e ame.

³⁴ *Carta 10.*

³⁵ *Pe. Carlos Manzini nascido em Bottanuco, em 15-2-1815 e ordenado Sacerdote em 1840*

Reverendíssima Dona Constança³⁶

Hoje, repassando por um momento as cartas de minha escrivaninha, encontrei o livrinho da preparação com a sua carta, colocado junto a outros livrinhos de idéias e de Regras que V.S. nobilíssima mandou-me, junto com a disposição da sua última vontade e com a instrução que a acompanha. Tudo isto eu lhe comunico para tranqüilizá-la.

Continue o empreendimento que lhe foi confiado por Deus. Deus não deixará jamais de assisti-la se a Senhora lhe estiver sempre perto e fiel. O Senhor tem abençoado a sua obra até agora e continuará também no ramo masculino, se for de seu agrado. Reze e faça rezar por todas as minhas necessidades e também pelas dos meus diocesanos. Eu a abençôo com todas.

Afetuosíssimo e Obrigadíssimo

Dom Pedro Luiz, Bispo

Da residência episcopal, 8 de agosto de 1857

Não queremos deixar de mencionar também a seguinte, ainda que a tenhamos encontrado sem data, nem do ano nem do mês, mas que parece, certamente, ter sido escrita nesta época:

Caríssima e Estimadíssima³⁷

Dou-lhe todas as licenças, para a exposição, a Igreja, casa, as meninas, as irmãs e para a Senhora. Não me peça mais nada. Faça-se de Bispo na sua casa e não diga nada nem ao médico, nem ao confessor, nem aos padres, nem aos romeiros, nem a ninguém. Que prazer terá também a Senhora de poder fazer as coisas a seu modo! Fez tanto e fez por tanto tempo da maneira dos outros! Agora faça um pouco a seu modo para o bem do seu Instituto, que o Senhor ficará contente assim. Lá pelo dia de são José procurarei ir, se for possível.

³⁶ Carta 9.

³⁷ Carta 19.

Dar licenças é fácil, mas dar o espírito e a vontade de fazer o bem, não é assim. Aproxime-se do Coração do Senhor e o incomode bastante até que o Senhor se canse, fique contente pela Senhora, pela sua casa e pelos pecadores que estão por perto, porque, pelo menos incomodou o Senhor por uma coisa importante. Abençôo a todos.

Afetuosíssimo
Dom Pedro Luiz, Bispo
13 do corrente.

Do mesmo teor são também outras cartas que S. Excelência lhe escreveu mais tarde, e que talvez teremos ocasião de citar mais adiante. Nessas porém encontraremos sempre, além do mesmo estilo, a mesma finalidade principal evidente, que era de encorajar e ajudar uma alma que ele havia percebido o quanto estava cheia de Deus e tinha sido por Ele chamada para fazer muitos bens, especialmente pelos seus pobrezinhos; mas, que muito insegura de suas capacidades pessoais, precisou ser confortada por uma outra grande alma, cheia de celeste sabedoria que Deus lhe havia mandado. Enquanto isso, ela mesma havia, finalmente, decidido a realizar o desejo tão profundo de suas companheiras de vestir o hábito monacal e parecia, por outro lado, muito justo, porque todas, naquela casa, já viviam como Religiosas, observavam as regras estabelecidas, possuíam o espírito, nada mais faltava agora além de fazer também a profissão pública diante de Deus e dos homens. Ela o solicitou ao Bispo, que rapidamente o concedeu. Uma vez confeccionados os hábitos, ela já os havia entregue a cada uma em suas próprias celas; quando, na tarde do dia anterior que tinha sido estabelecido para vesti-los, ordenou inesperadamente que fossem de novo retirados e que fosse transferida a vestição até 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição de Maria Santíssima. Porém na véspera de tal festa, isto é, a 7 de dezembro de 1857, o senhor Bispo foi a Comente e abençoou aqueles hábitos que no dia seguinte foram vestidos. Todas estavam contentes e comovidas.

Adotaram também, nessa ocasião, o nome já previamente acertado com o Bispo, de **Irmãs da Sagrada Família**.

O hábito, que foi vestido então, foi depois mudado por outro um pouco diferente (que até agora se usa) no dia 8 de julho do ano seguinte. Consistia este primeiro hábito em uma veste de cor parda, com um cordão preto na cintura, avental preto e touca igualmente preta, mas de uma forma tão estranha que todos que as viam, começavam a dar risada. A Madre o havia feito certamente para mortificar o vivíssimo ardor com o qual desejava vestir o hábito religioso.

Para uma das cooperadoras, a qual havia querido fazer alguma observação sobre o avental, pois não lhe parecia adequado para um avental de religiosa, ordenou que, por dois meses, mesmo depois de vestido o hábito, continuasse ainda a vestir aquele de leiga. Depois disto não ficou nenhuma dúvida da nova Ordem Religiosa que estava para ser fundada em Comonte, ou então que já havia sido realmente fundada. Porém, se houve muitas pessoas que não ficaram felizes com isto, ao mesmo tempo não faltaram também pessoas importantes que, embora louvando muito a bonita obra iniciada assim tão generosamente por D. Constança, teriam preferido que ela se mantivesse seu caráter privado e leigo, e não se tornasse uma comunidade religiosa. Parecia a eles que uma direção de boas senhoras leigas teria melhor contribuído à finalidade a que era dirigida, porque não se tratava de instruir e educar jovens civis em artes ou ciências superiores, mas somente as mais pobres filhas do povo, às quais seria inútil qualquer outra coisa que não se adaptasse às condições de suas famílias.

Ou então, mesmo acreditando-o necessário para a instrução religiosa, havia já tantos institutos de monjas, que algumas dessas poderiam vir a se ocupar do orfanato, sem criar outro instituto semelhante, cuja assistência e conservação reclamaria muitas despesas e criaria novas dificuldades. Mas ela, ao contrário, quanto mais passava o tempo, tanto mais claramente via a necessidade de confiar a existência e direção do orfanato a um instituto de religiosas formado de propósito, segundo a idéia a ela sugerida por inspiração divina.

Conhecia a impossibilidade de encontrar pessoas que, permanecendo leigas, assumissem com amor o dever de conduzir

e cuidar das pobres órfãs do campo, instruindo-as para os trabalhos próprios da agricultura e todas as outras ocupações humildes, de conformidade com sua condição social, formando-as assim para serem boas e úteis donas-de-casa e boas mães nas famílias dos camponeses. A este respeito, dizia ela: “Quem gostaria de abraçar uma vida tão trabalhosa, sacrificando-se com tanto desinteresse para viver, noite e dia, sempre ao lado de miseráveis camponesinhas levantar-se com elas muito cedo, ir com elas ao campo, trabalhar com elas, depois ensiná-las, educá-las, ajudá-las, vigiá-las como uma mãe amorosíssima, sem esperança de pagamento algum, senão aquelas pessoas que por vocação especial, se deixarem guiar pelo Espírito que as chama para esta vida, na qual os métodos e os costumes, sendo tão diferentes de qualquer outro instituto, exigem pessoas que se adaptem à finalidade particular da obra de caridade singular que abraçam? Estou segura de que, mesmo não querendo, se algum instituto já fundado com outra finalidade e alguma religiosa dele abraçasse este gênero de educação na forma simples, direta e perfeitamente conforme à finalidade que a nós a Providência fixou, não conseguiriam continuar a obra tal qual Deus a inspirou nos seus inícios. Sem valorizar estes inícios, como já disse, e no intuito de querer instruir melhor as meninas, segundo os padrões habituais, seriam tentadas de abandonar o que lhes é mais útil e necessário, isto é, mantê-las em sua condição de camponesas, enquanto se educam suas mentes, seus corações e seus corpos”.

É por isto que ela se manteve firme no seu propósito, deixando que aqueles que talvez não estivessem bem esclarecidos sobre a finalidade pela qual ela se sentia extraordinariamente inspirada, desaprovassem aquela instituição, enganando-se sem sabê-lo, pois consideravam as coisas mais segundo as aparências que à luz de Deus. Portanto, com plena aprovação do Bispo, aos 23 de janeiro de 1859, suas seis primeiras companheiras também fizeram formalmente, pela primeira vez, seus votos anuais de pobreza, castidade e obediência. Não tardou muito, vieram outras pedir para entrar no novo instituto, reencontrando na bendita fundadora uma verdadeira mãe muito afetuosa, e um vivo modelo das mais belas virtudes. Sentiram-se muito afortunadas de serem admitidas nele, e assim ele, em breve, prosperou e se ampliou,

para a glória de Deus e para a saúde e santificação de muitas almas.

A santa Madre, todavia, não se exaltou nada por isto, e nem ao menos foi tentada por um pouco de inútil complacência por ver-se fundadora de um instituto que enquadrava-se perfeitamente com as suas idéias e os seus votos. Mas ela estava bem longe de atribuir-se o menor mérito que fosse. À sua primeira companheira, que talvez preocupada pelo estado de sua débil saúde, dizia-lhe para poupar-se para conservar a sua vida tão necessária para a obra iniciada: “Eu – respondia com muita convicção – não sou senão um tropeço para os desejos de Deus. A obra estabelecer-se-á e progredirá mais com a minha morte do que com a minha permanência, pois outros farão aquilo que eu não sei fazer”.

Havia colocado toda a sua confiança no glorioso São José, pai adotivo de Jesus, esposo de Maria e chefe da Sagrada Família. Quando alguém lhe perguntava quem dirigiria a comunidade, isto é, que fosse o administrador ou ecônomo, respondia com esta bela frase: “Nós temos tudo em um só, o *factotum* (pau-para-toda-obra) desta casa e de todo o instituto é São José e nós não temos necessidade de outros”. Nas mais diferentes ocorrências servia-se entretanto de uma pessoa ou outra, mas nunca se entregava plenamente, dizendo que precisava deixar a gestão a São José, que era que ali mandava.

Quando algum obstáculo impedia o progresso do Instituto, Ela dirigia-se rapidamente à estátua do seu santo predileto e rezava. Voltava cheia de fé e ia com sua natural franqueza e desembaraço, resolver o problema como melhor lhe convinha. Não obtendo o resultado desejado, dizia: “Está bem, deixemo-lo assim, São José que o resolva, fizemos a nossa parte, ele fará a sua, não duvidemos”.

Se depois, às vezes, o bom resultado demorava para aparecer, repetia: “Não tenhamos pressa, a pressa é um defeito. Ele é muito pacato, parece até lento nas suas coisas, mas as faz muito bem e chega sempre a tempo, tenhamos paciência, e a paciência é também um dos frutos do Espírito Santo”. De fato, as coisas resolviam-se às mil maravilhas, no seu devido tempo, e ela dizia: “Viram como São José fez tudo direitinho? Não só a

questão foi otimamente resolvida como foi precedida e seguida das mais oportunas circunstâncias. Vamos, então, agradecer-lo por isto”.

Por isso quis que suas órfãs fossem chamadas **Filhas de São José**, substituindo o nome em que haviam pesando antes, de Filhas da Providência. Depois de ter refletido muito e de ter sido muito aconselhada, decidi dar ao Instituto, por muitos motivos, o nome de **Instituto da Sagrada Família**.

16° CAPÍTULO

ZELO E DEDICAÇÃO ÀS ESCOLAS E AOS ORFANATOS

O motivo que havia levado a caridade de Irmã Paula Elizabete a abrir uma escola pública em sua própria casa, a fim de que as meninas das redondezas a pudessem freqüentar, foi, como dissemos, a compaixão de ver a classe camponesa tão desprezada e negligenciada. A tal ponto, que seus filhos, morando longe da cidade, cresciam na total ignorância das mínimas coisas que se deve saber a respeito da alma e do corpo. Da mesma forma, fundou seu Instituto religioso com a finalidade de salvar as pobres órfãs que, principalmente nessa classe, se viam freqüentemente obrigadas, a mendigar nas vizinhanças, expostas a todos os perigos, ou então a depender de patrões rústicos, que em geral lhes reservavam os serviços mais pesados e grosseiros. Propunha-se a dar a essas meninas uma instrução e uma educação que fossem próprias para elas, adaptadas à sua condição. Não queria tirá-las de sua condição, pelo contrário, nem mesmo que pudessem imaginar tal coisa, mas convencê-las de que deviam conhecer e aprender tudo que lhes fosse útil e necessário. Fazia questão que se tomassem consciência da humilde condição em que o Senhor as havia colocado, sem se envergonhar nem desprezá-la, mas antes, amando-a e a tendo em grande estima. Seu sistema consistia em desejar vê-las instruídas e educadas, mas sem deixar de ser o que eram. Sistema que julgava ser inspirado

por Deus e de que não abria mão, esforçando-se por pô-lo em prática, com todo cuidado e atenção, até a morte. Procurou também infundi-lo no espírito das mestras e de todo o Instituto, indicando continuamente, de viva voz, os meios mais oportunos e mais eficazes para melhor aproveitá-lo. Deixando ainda, a respeito dele, uma norma especial por escrito, acrescida de muitos e sábios conselhos. Recomendava, por exemplo, que as mestras nunca se dessem ar de importância. Deviam tratar suas alunas somente com o coração e com desvelo de mãe. Insistia que fossem educadas aos poucos, de acordo com as situações que se apresentassem, que se fosse tirando delas algum mau hábito ou vício, mais do que deter-se em ensinamentos ou teorias, que as meninas não entendiam e que, na prática, não tinham nenhum valor. Deviam ter sempre bem presente na mente que eram meninas que depois deveriam entrar em famílias camponesas, onde, tudo aquilo no meio do qual iriam viver, estaria em contradição com aquele ar de “doutora”, que alguma poderia ostentar, imaginando ter aprendido algo muito importante.

Proibia, também, de modo absoluto, que as mestras lançassem no rosto de uma menina sua origem humilde, mesmo que tivesse mau comportamento, merecesse repreensões e castigos, e tivesse sido recolhida no mais extremo estado de pobreza e de mendicância.

Não é desonra ser pobre, dizia. Só o mundo despreza a pobreza. Foi a honrosa condição escolhida pelo Homem-Deus, que não lhe escondeu seu amor preferencial. Repreender, pois, os pobres, com palavras humilhantes é desprezar a pobreza.

Depois das coisas da alma, o que mais a preocupava era uma instrução adequada à necessidade das meninas. Fazia questão de que se lhes ensinasse a ajustar e remendar qualquer espécie de roupa gasta ou rasgada, e que se aprendesse a consertá-la e reconsertá-la enquanto possível. “Sendo, nossas filhas, pobres camponesas, dizia, era mais necessário saber remendar do que fazer uma nova. São poucas as roupas novas que os camponeses fazem”. A mulher do campo que não sabe remendar e a ruína a família”. Repetia com freqüência: “ Tudo que vocês vêm a possa ajudar em sua condição, façam-nas aprender. Não se deixem levar pelo entusiasmo nem pela vontade de lhes ensinar-

lhes finezas ou novidades, que só servem para mostrar saber e habilidade.

Ai de vocês, estragariam sua educação. Pensem numa família de pobres camponeses e analisem as coisas de que precisam. De uma bordadeira ? De uma costureira ? De uma escritora? Jamais. Precisam, sim, de uma mulher que saiba rapidamente arrumar a casa, limpá-la, guardá-la e ainda fazer sobrar tempo para os trabalhos do campo. Procurem ensinar-lhes tudo isso, e serão bem sucedidas”.

Também, ao ensinar-lhes o modo de tratar os outros, de falar, de apresentar-se, queria que tudo fosse feito segundo o costume sincero e espontâneo das nossas boas famílias cristãs, especialmente aquelas dos povoados. Não queria cerimônias, nem muito luxo, mas unicamente aquelas coisas modestas e simples que se adaptam às honestas camponesas, e que embora as faça apresentarem-se desembaraçadas e com modos educados, jamais as torna artificiais, a ponto de parecerem fora de seu ambiente e, menos ainda, de perder o pudor natural e reservado, que se espera sempre de toda mulher cristã.

Ela mesma procurava agir de acordo com todas estas maneiras e modos verdadeiramente simples. Ao falar, usava a linguagem dos camponeses, para dar às meninas um exemplo prático de como se comportar, sem prejuízo nem da modéstia, nem da educação. Conseguia isto tão bem que nenhuma mestra ou irmã que tivesse nascido camponesa poderia fazê-lo melhor. Até a qualidade do alimento, o modo de cozinhá-lo, o horário, as roupas e a ordem da casa queria que fossem como dos camponeses. Também aqui não queria nada de luxuoso, nada de extraordinário. Tudo devia ser simples e, como se diz, desprezioso, desde que se respeitassem as exigências da modéstia e da necessária higiene, que às vezes faltam aos camponeses. “Porém, dizia, não insistam muito nos detalhes. Uma camponesa não pode estar sempre com a vassoura e com o pano de pó na mão. Que querem que façam com a vassoura e o pano de pó, quando urgem os trabalhos dos campos? Limpas sim e especialmente na pessoa, e limpo e bem cozido o alimento, mesmo que frugal, tudo mais, adaptado às suas condições”.

Ainda, para dar exemplo às meninas, ela mesma fazia freqüentemente os serviços mais humildes, não somente não se envergonhando deles, mas mostrando também sentir quase uma certa espécie de prazer. Fazia-os com tal naturalidade e alegria que, até depois, as outras companheiras pareciam lhes dar mais importância do que aos outros, que o orgulho valoriza.

Mas a bendita Madre se mostrava principalmente cuidadosa e admirável em saber encontrar em tudo motivo para instruir as meninas, não perdendo nenhuma oportunidade.

Com muita freqüência entretinha-se longamente com elas durante o recreio, e era então que Ela habitualmente, sem fazê-las perceber, estava bem atenta e vigiava os seus comportamentos, observando se alguma delas manifestava algum indício de malícia ou de descontentamento, enquanto todas brincavam. Dissimulava porém, na hora, a fim de que ninguém percebesse que estava sendo observada e por isso começasse a fingir e disfarçasse deliberadamente o próprio caráter. E isto servia-lhe muito para elaborar posteriormente, no devido tempo e lugar, os avisos e instruções que dava a cada uma, as correções que fazia, os castigos que impunha, enfim, as diversas medidas que tomava.

Esta atitude ela queria que fosse sempre recomendada também às outras mestras, pois julgava-a uma norma sábia, prudente e de grande utilidade para conseguir, por bem, a educação das jovens.

Gostava também de ir, muitas vezes, encontrar as suas órfãs ocupadas a trabalhar no campo, especialmente na hora que a merenda lhes era levada. Como era bonito vê-la e escutá-la então! Com o rosto que demonstrava toda a sua satisfação interna, sentava-se à sombra de alguma árvore e chamava as suas filhas, que muito contentes corriam depressa para ficar em volta dela; alegrava-se toda em distribuir a elas, uma por uma, aquela pequena refeição composta por um pouco de pão, um pouco de fruta ou de outra coisa, e enquanto elas, modestamente sentadas e alegres, deliciavam-se com a humilde mesa, ela, com toda simplicidade e naturalidade, contava-lhes algum caso histórico ou algum fato mais adequado da Sagrada Escritura, dos Patriarcas ou dos Santos Padres. Falava-lhes das belezas maravilhosas da

natureza e da amorosa providência de Deus em fazer frutificar a terra e tantas outras coisas belíssimas que narrava e descrevia com tanta clareza e graça que, mais do que nunca, elas se sentiam compelidas a enamorar-se da arte da agricultura que exercitavam.

Sentiam-se pois na obrigação de agradecer ao Senhor por este estado de tanta felicidade, que não as humilhava mas as honrava. Tudo isto era motivo para levá-las a evitar facilmente as grandes tentações e os pecados maiores, levando uma vida inocente e muito agradável a Deus. Aquelas pobres meninas não desejavam mais nada, nem tinham inveja de qualquer outro modo de vida. Viviam mais contentes naquela condição do que se fossem ricas senhoras.

Além de tudo, foi sempre preocupação de irmã Paula não querer que suas filhas jamais fossem deixadas sozinhas, por nenhum motivo e em nenhuma ocasião, tanto por causa das orientações de que poderiam precisar para a correta execução de suas tarefas, quer, principalmente, para evitar o perigo, sempre possível, de acontecer entre elas algum escândalo ou desordem moral.

Por isso, desde o princípio, quando começou a fazê-las sair de casa para os trabalhos no campo, quis que também lá estivessem sempre acompanhadas pelas suas Mestras.

Estabeleceu, logo em seguida, como regra que somente as religiosas as acompanhassem. A princípio tinha sido estabelecido que tal tarefa deveria ser executada, indistintamente, cada dia, por qualquer uma delas: mas vendo-se posteriormente que, muitas vezes, as mestras não tinham suficiente conhecimento de agricultura, acabou-se por distribuir a cada a tarefa que estivesse mais de acordo com as habilidades pessoais de cada uma, reservando-se o direito de mandar de vez em quando as Diretoras e as Mestras, com a finalidade de vigiar, segundo o parecer da Superiora.

Foi sempre firme nesta disposição, considerando também que, além do aperfeiçoamento moral das jovens, ter-se-ia sempre muito cuidado o desenvolvimento da arte agrária por parte das pessoas de maior cultura, maiores conhecimentos e maior inteligência, em relação às simples camponesas, empenhadas em trabalhos puramente materiais. Procurou também evitar que

alguma religiosa, que nunca tivesse trabalhado no campo, viesse a ter alguma repugnância por esse tipo de ocupação e se envergonhasse de se expor à vista alheia, não sendo ainda cercado de muros, como agora o é, o local em que trabalhavam.

Ela as queria bem dispostas a se tornarem donas de si mesmas, a não serem escravas do amor próprio, nem da autoestima, nem de qualquer respeito humano. Por isso vendo-lhes o rubor, sem que percebessem, ela mesma as precedia, alegre e satisfeita, e assim infundia a todas coragem e naturalidade! Finalmente ela dava, cada dia, o roteiro dos trabalhos que deveriam ser executados no campo. Exigia de todas as mestras e cooperadoras um caráter franco, enérgico, muito ativo e laborioso, porque, dizia: “Para educar camponesas tiradas da mais extrema miséria e da vida desocupada que levavam e torná-las dispostas para o trabalho, é preciso saber combater sua preguiça natural e inoperosa, difícil de se vencer. É necessário que quem convive com elas seja capaz de modificar-lhes, com paciência e com a mais cuidadosa atenção, tudo de mal que causam o ócio e a preguiça. Por isto era necessário treinar as órfãs para que cumprissem, com presteza, os seus deveres e aprenderem a ganhar tempo, que lhes seria tão escasso na futura condição de esposas e de mães de famílias camponesas. Se fossem criadas de forma diferente, seriam depois deixadas de lado por causa da sua preguiça”. Em conseqüência, as mestras deviam ser modelo de destreza e desembaraço, e repetia-lhes: “Não poupem qualquer sacrifício para o bem de nossas filhas”.

Não aceitava o argumento de ter muita coisa para fazer como desculpa ou pretexto para descuidar-se delas, por um pequeno espaço de tempo que fosse. Não devia existir uma hora ou um momento livre à disposição das irmãs, nem mesmo para descanso. Fora o tempo das recreações comunitárias, em que eram substituídas por outras, queria-as o dia todo ocupadas, segundo suas forças, junto às órfãs, ou seja, instruindo-as nas aulas, orientando-as nas oficinas ou no campo, supervisionando-lhes na cozinha, ensinando-as os serviços domésticos, etc., confiando assim a cada Irmã o seu próprio grupo de órfãs. Ai da Mestra que não estivesse pronta para recebê-las na hora certa: “É vergonhoso – dizia – mostrar às meninas que se ama a própria comodidade. O

primeiro dever é este, mesmo porque transferindo-se a execução de outros deveres, não se causa danos, neste porém, transferir é danificar”.

Estabelecia o tempo que deveria ser gasto em cada um dos serviços e transcorrido o mesmo, uma sucedia à outra, e por isso era conveniente estar sempre dentro do horário e apressar-se para não causar problemas à ordem da comunidade. Fixava também o tempo em que a tarefa dada deveria ser executada e era necessário terminá-la bem, se não se quisesse vê-la tomada e dada a uma outra para terminá-la, sofrendo assim humilhação. Dizia sempre: “Eu não posso suportar aqueles que, devendo fazer uma coisa para a qual não é necessário mais do que uma hora, gastam quatro; ficaria mais contente que se sentassem para repousar depois do cansaço do que vê-las trabalhar com tanta lentidão”.

Cuidava muito para que não se perdesse um átimo de tempo. Com exceção dos tempos consagrados pelas regras às práticas comuns de religião e observância, todo o resto queria-o empregado com indiscutível assiduidade nos diversos trabalhos e ofícios assinalados. Isso, porém, em nada prejudicava o espírito. Acontecia, pelo contrário, que os trabalhos, mesmo materiais, serviam, a quem tinha boa vontade, para chegar a uma maior união com Deus, em lugar de levar à dissipação; muito mais, aliás, do que os deveres de piedade fixados pela regra, oportunamente distribuídos a fim de romper as longas horas de ocupação, que preparam sempre admiravelmente o espírito para novos fervores. Por outro lado, tal era a afeição e o respeito que suas filhas tinham por ela, que fariam qualquer sacrifício para não vê-la, minimamente que fosse, desgostosa com elas. Mas ela queria, a todo custo, que essa atividade fosse justamente uma característica que distinguisse o seu Instituto.

“Nosso Instituto, dizia, está fundamentado na criatividade, com criatividade, progredirá e prosperará. Ele não tem necessidade de grande capital para subsistir e se manter. Basta pouco para fundar uma casa própria, desde que os seus membros sejam ativos. Tendo, pois, os terrenos dos quais se obtém quase a metade necessária e entrando um pouco de criatividade e de trabalho consegue-se construí-la sem débitos.

Tudo o mais depende de vocês, não deixando-se vencer, principalmente pela preguiça, nem amando a vida cômoda.

Nem é preciso lembrar a generosidade do amor que pretendia todas tivessem pelas pobres órfãs. Repetia, com frequência, que deviam ser mães delas e que por isso deviam sacrificar-se inteiramente em favor delas, devendo vencer todas as repugnâncias que porventura sentissem, tanto no limpá-las, tanto no medicar-lhes as doenças ou em qualquer outra coisa que pudesse parecer baixa e desprezível. Se elas, às vezes, não tivessem sido mais que solícitas no atendê-las em qualquer necessidade que fosse, encontrava-as já medicadas, limpas, penteadas por ela mesma, que com solicitude verdadeiramente materna, antecipava assim o trabalho delas, temendo sempre que estivesse faltando alguma assistência para suas órfãs.

As próprias meninas recorriam a Ela com confiança filial, mostrando-lhe, por exemplo, principalmente no inverno, as mãos ou os pés machucados, porque bem sabiam com que presteza as medicava. Bastava que ela tratasse de uma pessoa doente uma vez para que esta pessoa não quisesse ser assistida por mais ninguém, a não ser por ela, por causa da grande delicadeza com que cuidava delas. E quando as mestras, ouvindo justamente estas órfãs doentes chamar a Mãe (pois com tal nome queria ser por elas chamada) elas as repreendiam dizendo que não estava bem e que não era ela que devia servi-las. Ela, ao invés, em alta voz, protestava dizendo que gostava que elas tivessem confiança nela, porque, do momento que a chamavam de Mãe, as mães não devem ser só de nome, mas na realidade.

É bem verdade porém que em seguida à vestição, devendo ocupar-se da organização do Instituto, não lhe foi mais possível praticar diretamente esses atos de caridade. Recomendava, então, que os praticassem assídua e constantemente, vigiando incansavelmente para que estivessem sempre imbuídas por este espírito de abnegação e de sacrifício, dos quais se pode verdadeiramente dizer que sua vida foi sempre cheia. Nunca deixou de ensinar e inculcar isto nos outros, mais com exemplos do que com palavras.

Desejava, todavia, a santa Mãe, como já dissemos, que houvesse no Instituto também pessoas engenhosas e capacitadas,

dizendo que estavam enganados aqueles que julgavam que devia haver somente camponesas, pois para a cultura moral, intelectual e também física das alunas, são necessárias pessoas idôneas. Acontecia então ouvir, às vezes, lamentos porque alguma noviça camponesa não queria fazer as coisas do jeito como Ela desejava, até com referência à agricultura. Ela sempre respondia: “É impossível, vejam, que se possa obter destas filhas noviças, que foram criadas de qualquer modo, aquilo que se deseja. Estas, vejam, trabalharão materialmente como fazem as órfãs, mas não esperem muito, porque não são capazes. Entenderiam e fariam melhor as burguesas”.

Em conseqüência, queria que se conservasse às religiosas o mínimo de decoro indispensável, e, por isso, lhes proibia certas ocupações próprias da agricultura que as aviltariam e as colocariam abaixo das filhas. Se acontecia que alguma, sob o disfarce da humildade, tinha inclinação para certos trabalhos demasiado extenuantes, não condizentes com o recato de uma religiosa, chamava-a logo e dizia-lhe não ser humildade verdadeira querer parecer humilde. Daquelas que se descuidavam, exigia uma compostura particular, e sempre que as encontrava mal vestidas, corrigi-as e obrigava-as a retirar-se para compor-se e arrumar-se.

Certa ocasião, sendo necessário ampliar o Instituto, e havendo justamente necessidade de pessoas mais qualificadas, algumas exprimiram a opinião de que parecia-lhes impossível que pessoas com algumas qualidades quisessem sujeitar-se a fazer parte de um simples instituto agrícola, pela sua própria natureza, sem brilho e abrigo de simples e miseráveis camponesas, última classe da sociedade. Para ter pessoas como ela desejava, seria conveniente modificar a instituição. Respondeu com grande demonstração de afeto: Oh ! Isto nunca. Desejo pessoas da classe elevada porque estas, quando se entregam a Deus, fazem-no com grande generosidade e, a partir do momento que têm coragem de deixar a abundância e as comodidades por amor a Deus, são também as mais dispostas e prontas a sacrificarem as honras e a estima do mundo, para integralmente assemelharem-se ao Filho de Deus, que sendo Rei dos Reis, ao assumir a carne humana, submeteu-se a tudo aquilo que era de mais contrário à natureza e

ao mundo. Esperou que a estirpe real de onde devia provir, estivesse inteiramente decaída, e que o seu pai adotivo abraçasse um trabalho humilde. Nasceu, viveu por trinta anos na obscuridade, a custo de romper com o mundo, conversou em meio aos pobres, beneficiou-os com seus mais especiais favores e morreu pobre. Ele, no seu evangelho, chamou de bem-aventurados os pobres e ameaçou aos ricos, muito embora devesse fazer-se conhecer como o Messias prometido. Ele escolheu aquela classe como a preferida. E com tudo isto perdeu sua grandeza? E nós, seguindo generosamente seus vestígios, perderemos a nossa nobreza, se, por acaso a tivermos? A mim parece que seguir a vida de Deus pode ser tudo, menos perder.

O Filho de Deus, soberano Senhor do universo, humilhou-se até se tornar nosso irmão. Como pode nos parecer aviltamento adaptarmo-nos aos nossos semelhantes ? No última dia, colocando-se na pessoa de um pobre, dirá: “Vocês me deram abrigo, me mantiveram, etc., . . . , e eis que eu estou a retribuir-lhes com cento por um de tudo”. Que confusão porém para aqueles que se envergonharam d’Ele nos seus pobres ! Que deverão esperar d’Ele? Oh! Que belo exemplo dariam as senhoras, recebendo tantos pobrezinhos abandonados, instruindo-os, dirigindo-os com sabedoria, incentivando-os a serem virtuosos e edificando-os com sua caridade e humildade. Será menos difícil às queridas órfãs a sua vida laboriosa quando verem pessoas de condição distinta igualarem-se a elas. Imaginem que conforto será para o pobre, ver aqueles que poderiam ficar sem fazer nada, unirem-se a eles, mesmo que seja só para orientá-los e aliviá-los do cansaço com o incentivo!

Eis o que fez a Sagrada Família para nosso exemplo. Poderá haver alguma senhora, consciente dos santos ensinamentos do Evangelho, que se ache desonrada entrando para fazer parte deste Instituto ? Agora o mundo está cheio de orgulho. Deixe que o Senhor endireite as cabeças e verão que muitas pessoas, também entre as mais distintas, darão adeus a um mundo tão mentiroso e enganador. Agora a arte agrária é tida como a menor de todas, porque os ricos não lhe dão mais apoio, como antigamente faziam até os Cônsules e os Reis. Se ainda, por meio

dos ricos, se pudesse fazê-la retornar ao seu esplendor primitivo, como os costumes seriam mudados!”.

Certa ocasião, veio à sua confidente, que a escutava repetir estes sentimentos, a dúvida de que tal aspiração de ver entrar no Instituto pessoas cultas e civilizadas, procedesse da natural propensão relacionada à sua própria classe social. Como a irmã Paula Elizabete obrigava-a a apontar os seus defeitos, com muita reserva, manifestou-lhe a sua dúvida. Ela, como de costume, agradeceu-lhe, dizendo que isto realmente poderia ter acontecido e que se examinaria bem, pois isto era uma coisa muito grave. “Porém, acrescentou, eu entendo assim e assim deverá ser. Pode ser que me engane; mas somente as camponesas não serão capazes de sustentar a obra, ou mesmo, nem ao menos saberão fazer um pouco mais daquilo que fazem as órfãs. Não são aptas nem mesmo para a direção dos trabalhos da agricultura, quanto mais para todo o restante, como a educação das órfãs e das externas nas escolas, os retiros espirituais, a direção da casa, a administração econômica, etc. Para tudo isto é necessário ter cabeça e também educação. São mais úteis as civilizadas com os seus conhecimentos do que as outras com seu trabalho material. A camponesa trabalhará no campo mas é preciso que a orientem no próprio trabalho para que seja bem feito, no lugar certo e em tempo e isto até uma filha de são José consegue.

Também aqueles de fora não entendem isto, sempre apresentam-se postulantes camponesas, e dizem que suas vidas podem adaptar-se à nossa, não é verdade? O que fazer com isto, então? Uma sozinha ou no máximo duas vão acompanhar as filhas no campo, e de todas as outras tarefas quem tomará conta para nós? Quando não sabem ser senão camponesas e não tendo que ir sempre ao campo, estas não são capazes de ocupar-se com outra coisa. Por outro lado, todas podem dirigir muito bem as filhas no campo, por pouco que estudem e se interessem. A mim parece que as irmãs camponesas que podem ser úteis aqui, serão tiradas dentre as nossas órfãs, pois não duvido que o Senhor sempre haverá de chamar alguma para o estado religioso, tendo preferência porém aquelas que tiverem dote. Estas, além da capacidade de trabalhar no campo, poderão servir também de ajuda nas oficinas, nos dormitórios, nas escolas, etc. mesmo que

não tenham educação. Por pouco que saibam, cuidadas por nós, serão mais úteis para nós do que as camponesas externas, que não são de convento, salvo porém alguma rara exceção”.

Todavia, mesmo que Ela estivesse intimamente persuadida desta coisas, pela razão e pela experiência, tomara Deus, para o bem do Instituto, que sobre essas irmãs civilizadas se apoiasse o feliz êxito do mesmo Instituto. Admitia que, mesmo se raramente, aconteceria que pessoas ricas, intimamente convictas e atentas aos ensinamentos do santo Evangelho, quisessem sacrificar a si mesmas e as próprias coisas em favor da salvação e da conservação dos pobres camponesinhos. Mas estava disposta a passar sem elas, pensando que poderiam vir a introduzir no Instituto algum outro espírito, especialmente o de relaxamento.

Em particular, tinha mais medo daquelas que tinham uma condição medíocre do que daquelas que tinham sido ricas. Ela dizia que as primeiras, muitas vezes, são as menos generosas, e se na própria casa tinham o suficiente para duas, no Convento queriam ter por dez, e tinham sempre muitas pretensões. Não queria absolutamente que se saísse dos princípios do Instituto, dizendo que não eram as pessoas, nem os bens, que contribuiriam para conservá-lo florescente, mas o manter-se constante no espírito primitivo. Porém, às companheiras que algumas vezes via um tanto quanto ansiosas, dizia: “Também eu desejo boas pessoas e com fino critério, mas nunca quis pedi-las a Deus, temendo estar pedindo uma coisa da qual pudesse me arrepender. Procurem vocês estas pessoas pois eu não me sinto motivada; por outro lado eu procurarei o que para nós é mais necessário: que Deus conserve-nos sempre em nossa humildade e na nossa obscuridade. Dentro de nós sejamos sempre humildes, em nosso cantinho, e deixemos que o Senhor faça a Sua parte. Pensam que Ele se esquece da pessoa que, por Seu amor, tudo sacrifica? Não tenho nem o mínimo medo, pelo contrário, se forem fortes naquilo que eu disse a vocês, o Instituto se multiplicará, como as estrelas do céu”.

Não queria que se levasse muito em conta as pessoas e, quando nos via em confiança com alguma pessoa, dizia sempre: “Sim, está bem, mas lembrem-se de que o bom êxito de tudo está

nas mãos de Deus e os homens não farão mais do que aquilo que Deus lhes permitir”.

Não faria mais nada para procurar qualquer pessoa, nem ao menos o fizera com as primeiras irmãs que entraram; pelo contrário, porque no início, com estas havia um obstáculo por parte dos seus pais, os quais não vendo ainda fundado o Instituto, não suportavam que suas filhas permanecessem perto d’ela sem salário algum, e estimulava-as a demitirem-se. Ela não fazia nenhuma força para prendê-las. Sem perder a dignidade, mesmo que gostasse delas e as considerasse necessárias, sobretudo para o orfanato que ia crescendo, dizia-lhes: "Têm razão os seus pais e têm o direito de serem ajudados por vocês: quando quiserem, podem ir”. E quando estas lhe respondiam que sentiam muito e que não queriam abandoná-la nem à obra começada: “Não se preocupem com isso, se é obra do Senhor, ele providenciará”.

Enquanto a obra avançava, algumas das suas companheiras diziam-lhe que Deus a abençoava, e que convinha rezar para que o Senhor quisesse completá-la. Mas ela, que não desejando outra coisa senão cumprir a vontade divina, acrescentava: “Rezemos antes para que Deus a destrua e a reduza a nada se não for obra d’Ele”. Diz também a sua primeira irmã tê-la, muitas vezes surpreendido, no fervor da oração, rezar assim: “Senhor, se esta não é obra sua, desfaça-a”. E convidava freqüentemente todas para fazerem o mesmo pedido. Estas respondiam que embora ela mesma rezasse dessa maneira, elas se sentiam antes motivadas a dizer: “Se é sua vontade, Senhor, complete esta obra, aumente-a; a fim de que as suas pobrezinhas tenham acolhimento e trabalho nesta alma bendita, segundo seus desígnios”.

17º CAPÍTULO

FUNDAÇÃO DA CASA DE SONCINO

O orfanato prosperava em Comonte e cada vez mais tornava-se evidente que não devia duvidar-se do verdadeiro bem que ele estava conseguindo realizar e quanto trazia de vantagem para os vilarejos vizinhos e também para os que estavam mais longe, dos quais não cessavam de chegar pessoas para recomendar uma ou outra filha a quem a Providência parecia ter preparado de propósito para aquele Instituto. É então natural que a zelosa Fundadora se animasse com isso e desejasse estender mais a sua obra, instituindo-a também em outros vilarejos onde seria igualmente útil e benéfica. Mas em uma, particularmente, Ela já andava há muito tempo pensando e sentia o maior desejo de ajudar, e era precisamente Soncino, o lugar onde havia nascido. Facilmente imaginava a grande possibilidade que se abria a Ela naquele lugar, exercitando a sua caridade em meio àquela numerosa população, a maior parte agricultora e operária, e carente de um Instituto especial para a guarda e o recolhimento da juventude mais necessitada. Ali também possuía o amplo patrimônio deixado a ela por seus Nobres Pais, e onde, além da inclinação natural que sentia de poder fazer o bem à pátria, ainda mais parecia-lhe conveniente e justo que daqueles bens, já por Ela colocados à disposição dos pobres, pudessem, preferencialmente, usufruir aqueles do lugarejo onde eles estavam localizados. Aconselhava-se com os Reverendíssimos Seus Superiores, o Cônego Valsecchi e Monsenhor Bispo Speranza, os quais apoiavam sem limites o seu pensamento. Mas havia uma dificuldade, não havia em Soncino um local bastante adequado para esta finalidade, nem acreditava possível poder facilmente procurá-lo. Por este motivo, querendo Ela conseguir isto de qualquer maneira, conseguir, depois de muito refletir, resolveu experimentar estabelecer a Obra, em caráter provisório, em Villa Campagna, que era justamente onde estava o seu patrimônio, a três quilômetros de Soncino. Conjugada à casa dos colonos havia ali uma pequena casa senhoril que, muito embora estivesse em

péssimo estado de conservação, reparada da melhor maneira possível, seria capaz de abrigar um certo número de pessoas e Ela julgou poder fazê-lo. Com esta finalidade, ordenou que se fizessem os mais urgentes e necessários consertos na Casa, e quis também que as companheiras se dispusessem a deslocar-se para lá.

Já estávamos então, no ano de 1861, no único Convento de Comonte, em dezoito Religiosas e eram em número de trinta e três as Filhas de São José, ou órfãs recolhidas. Ela nos reuniu um dia e depois de ter-nos feito uma fervorosa exortação, como de costume, terminou dizendo-nos estas palavras: “ Somos aqui em dezoito e seria bom ter um outro ninho, uma vez que se poderia levar também um pouco de conforto a outros lugares. Rezem então para que o Senhor nos ajude, para a Sua glória “.

Depois combinou com os Reverendíssimos Superiores de fazer, depois dos trabalhos com os bichos-da-seda, um passeio todas juntas, aquelas da Casa, Irmãs e Filhas , até Villa Campagna , acompanhando também o Reverendíssimo Cônego Valsecchi, o Reverendíssimo D. Antônio Tassis, capelão da Família e o Reverendíssimo D. Bartolomeu Tommasi, Reitor de Comonte. Estávamos então em número de cinquenta e quatro e todos devidamente acomodados nos ônibus³⁸ havendo um especialmente para os sacerdotes. Partimos bem cedo, no dia estabelecido, para Villa Campagna, onde o Reverendíssimo Cônego devia celebrar a Santa Missa na Igrejinha. Aconteceu, porém, durante a viagem, um caso desagradável que, por pouco, poderia ter estragado toda a diversão do dia. A um certo ponto, o ônibus dos sacerdotes que estava diante de todos, desaparece repentinamente, e a Mãe, tendo observado isto, do último lugar que ocupava em um dos ônibus, na mesma hora fez parar o comboio e desceu com uma companheira para correr a verificar o que havia sucedido. O ônibus havia rodado quase meio quilômetro, tombado num barranco e jogado fora os três

³⁸ *Carroção a cavalos, com um número considerável de lugares que, no século XIX, era usado para os serviços regulares de transporte público, nas grandes cidades.*

sacerdotes, que rolaram no pó. Por uma graça especial, justamente atribuída a São José, ninguém e nem mesmo o condutor e o cavalo sofreram a mínima lesão. Quando as Irmãs chegaram ofegantes, como se pode imaginar, estes já estavam em pé e lá no meio do campo, sacudindo a poeira que lhes cobria toda a roupa. Não tinham tido nem ao menos medo, pelo contrário, o cônego Valsecchi, com seu costumeiro bom humor, quis quase brincar perguntando como seria possível celebrar a missa com tanta poeira na boca. Não houve nenhum dano, só o pequeno atraso, do tempo necessário para limpar as pessoas e recolocar na estrada o cavalo e o ônibus, um pouco danificados. Reiniciou-se a viagem e ainda se pôde chegar a Villa Campagna às dez horas. O Cônego celebrou a Santa Missa à qual todos assistimos devotamente e em que todas comungaram. Depois, indo para a casa, fez-se, com muita alegria, um modesto almoço. Não se pôde, porém, ficar ali mais do que quatro ou cinco horas, nas quais, enquanto as irmãs e filhas puderam livremente desfrutar da diversão que lhes foi concedida naquele dia, mostrando-se muito contentes. A benemérita Mãe teve tempo então de verificar com o cônego Valsecchi o que era necessário fazer para executar o seu projeto o mais rápido possível,.

De fato, no começo do ano 1862, tendo-se executado os trabalhos, pelo menos os mais indispensáveis, ela foi de opinião de poder começar a habitar naquela casa, com uma família limitada, e iniciar o Instituto. Dom Speranza deu consentimento ao seu desejo, deixando claro, porém, que não se tratava, pelo menos por enquanto, de um Instituto mas de uma casa particular, porque se depois se quisesse lhe dar forma regular e pública, seria necessário antes obter a licença e a aprovação do Ordinário da Diocese de Cremona, que era então Dom Novasconi³⁹ (38), como foi feito, de fato, mais tarde. De acordo ainda com o cônego Valsecchi, foi estabelecido que no dia 25 de abril, a Mãe faria partir para Villa Campagna, destinadas a plantar a nova Família, quatro filhas de São José e três irmãs e que os dois iriam pessoalmente acompanhá-las até lá.

³⁹ *Possuímos hoje 5 cartas de Monsenhor Novasconi à Cerioli.*

Mas justamente nesse dia, o inimigo de todo bem, isto é, o diabo, tentou perturbar aquela obra fazendo acontecer um inesperado incidente, demonstrando assim o quanto ela o incomodava. Tendo chegado a Comonte, na tarde anterior, o cônego Valsecchi e havendo combinado com as irmãs e com as filhas de partirem bem cedo, enquanto os cavalos eram atrelados para ele e para a Madre, um cavalo, que era da casa, já tantas vezes usado e que nunca se havia mostrado indócil, começou a mostrar-se rebelde, jogando-se por terra, de modo que, por mais que o cocheiro fizesse, não conseguiu colocar-lhe o arreio, nem vencer a sua estranha teimosia. Mas, Irmã Paula Elizabete, atribuindo o caso à astúcia do diabo, não quis dar-se por ele vencida, mandando rapidamente alugar um outro cavalo na vizinha cidade de Bérghamo. Com ele partiram, de modo que puderam chegar àquela mesma tarde à Villa Campagna e tirar assim da ansiedade as boas irmãs e filhas, que haviam passado todo o dia agitadíssimas por não vê-los chegar.

Apenas chegado, o cônego Valsecchi visitou toda a casa, mas a achou ainda muito mal aparelhada, com paredes e assoalhos ainda muito frescos. Ficou muito descontente e logo deixou claro que não queria permanecer ali. Na verdade, tinha razão. As paredes eram ainda muito recentes e poderiam causar algum mal. Além disso, as janelas se encontravam ainda desordem, nada havia sido reparado. A própria Madre contava que, uma noite, estando para ir dormir em um daqueles quartos, ouvia os ratos que, entrando e saindo livremente pelos buracos e frestas que havia na porta e na janela, corriam por todo o quarto fazendo uma grande festa. Mesmo que depois tenha conseguido dormir, foi subitamente acordada por um rato que lhe corria pelo rosto e quase lhe entrou na boca, que estava aberta. Chamou então a companheira para que acendesse uma luz, podendo, desta forma, repousar tranqüila por algumas horas. Havia então todos os motivos para esperar ainda um pouco antes de vir habitar aquela casa. Todavia, tendo-se colocado todas aquelas irmãs com grande animação a limpá-la, a mobiliá-la, a arrumá-la da melhor maneira possível, no dia seguinte não parecia assim tão feia como havia parecido na tarde anterior e a santa Madre, brincando, repetia ao Reverendíssimo Cônego: “Como eu gosto de estar aqui! . . .

Parece-me estar na casa de Nazaré, vejo até as estrelas pela janela . . . Oh! Como eu gosto! “.

O cônego Valsecchi, por outro lado, não conseguia aquietar-se e, uma vez em Bérghamo, dirigiu-se rapidamente até o senhor Bispo, fazendo-lhe um relato preciso do estado em que havia encontrado a casa e dos temores que tinha pela saúde de todos os que lá tinham ficado. Foi então que o senhor Bispo escreveu logo a irmã Paula Elizabete, uma carta na qual declarava que, se aquela casa era assim tão inadequada e úmida, convinha, sem dúvida nenhuma, abandoná-la. Não precisou outra coisa para que ela, sempre muito obediente aos Superiores, acreditasse que aquilo fosse uma ordem para abandonar tudo e já estava disposta a cumpri-la, saindo de lá imediatamente com todas as irmãs e filhas. Mas, selguindo os conselhos de um sobrinho seu, decidiu ir primeiro sozinha a Bérghamo, procurar pessoalmente Dom Speranza a fim lhe conhecer melhor as intenções. Este, de fato, não tinha pretendido dar-lhe uma ordem tão precisa e ficou muito impressionado com aquele ato de tão pronta obediência e total renúncia à própria vontade. Disse-lhe então que, por nada deste mundo lhe tinha querido impor de sair definitivamente de lá, mas somente queria que fizesse as coisas de modo a tornar mais sadia e habitável a casa e que até estava torcendo muito para que aquela empreitada frutificasse.

Muito satisfeita com estas palavras do Bispo e perfeitamente tranqüilizada acerca da vontade dos Superiores, foi, por alguns dias, a Comonte e, uma vez cumpridas ali as suas obrigações, retornou rapidamente a Villa Campagna, onde encontrou a família já estabelecida, adaptada, da melhor maneira possível, e contente da sua nova posição.

Devemos, todavia, narrar este outro fato. Ao retornar, tinha levado consigo 15 notas de 20 francos. Não imaginando o que poderia acontecer, havia-os colocado na gaveta de uma mesa na saleta do andar térreo. Na mesma noite vieram os ladrões e levaram tudo. De manhã, tomando conhecimento do ocorrido, a santa mulher, não somente não se lamentou, mas com a invejável paz de quem aceita tudo o que Deus manda, quis que se ouvisse a missa para aqueles pobres ladrões e que não se falasse mais sobre o assunto. Desta forma o seu sobrinho, o dr. Pedro Scotti

ofereceu-lhe tudo o que pudesse precisar em dinheiro e em comestíveis.

Numa outra ocasião, no dia do Patrocínio de São José, tendo-se dirigido, com a comunidade, para ouvir a Missa na Igreja do lugar, ao voltar, disse a uma das irmãs: “Esta manhã não ouvi Missa! . . .” “Mas como, Madre, acrescentou a Irmã, se acabamos de chegar da Igreja onde fomos justamente para assistir à Missa?” E ela respondeu: “Escute o que me aconteceu. No momento em que entrava na Igreja, senti-me como sendo sacudida e no mesmo instante, no meu interior, fez-se ouvir claramente uma voz que me dizia: “Compra o Convento de S. Maria, em Soncino”. Este fato impressionou-me tanto que não pude mais concentrar-me, sempre preocupada com este pensamento; digo, por isso, que não ouvi Missa”.

É importante observar que deste extinto Convento, antigamente das carmelitas, já lhe haviam falado inúmeras vezes os seus sobrinhos, mas ela tinha sempre afastado a idéia de iniciar negociação para comprá-lo, fosse pela grande soma que imaginava que custaria, fosse por outros motivos que não é difícil adivinhar, pois o mesmo encontrava-se agora em posse de um senhor de Soncino, o qual havia alojado ali muitas famílias pobres que lhe pagavam aluguel. Até para uma de suas irmãs, que pouco tempo antes havia procurado, por escrito, persuadi-la a tentar a compra, ela havia respondido resolutamente que estes não eram senão pensamentos fantasiosos e que ela não ousava nem ao menos pensar. Mas naquele dia, e não é em vão recordar que era o dia da festa do Patrocínio de São José, viu-se, de improviso, totalmente mudada de pensamento. Mandou então chamar rapidamente o Arcipreste de Soncino, que já, anteriormente, se havia muitas vezes manifestado favorável a tal projeto. Assim que lhe comunicou a inesperada resolução, o Arcipreste, levando a sério sua palavra, foi logo procurar o sobrinho de nossa Mãe, o dr. Pedro Scotti, que, muito feliz, assumiu o encargo de apresentar-se ao proprietário para lhe oferecer 32.000 liras pela compra do convento. Naquele mesmo ano o convento foi liberado e executadas também as obras mais necessárias para adaptá-lo, para grande satisfação de todos, mas principalmente da benemérita fundadora. Pôde ela, nos primeiros meses do ano seguinte,

instalar-se definitivamente ali com suas irmãs e ainda muitas órfãs.

Foi então escolhido o dia 14 de abril de 1863, para comemorar, com devota e solene função, a abertura daquela casa. O Reverendíssimo Dom Novasconi, Bispo de Cremona, quis pessoalmente celebrar a S. Missa, assistido pelos cônegos de Cremona e pelos Sacerdotes de Soncino. Dirigiu-se a todos os circunstantes, que haviam ocorrido em grande número, com um belo discurso. Já se havia providenciado também o capelão que deveria assistir à casa, na pessoa do Pe. Alexandre Tiraboschi, de Bérgamo⁴⁰. Dom Novasconi havia disposto os meios adequados para que não faltasse a renda necessária à manutenção da obra. O Bispo, que já se havia tornado amigo das irmãs, quando habitavam em Villa Campagna, onde ia visitá-las de vez em quando, passou a freqüentar o convento de Santa Maria, onde se comprazia em chegar até sem nenhum aviso prévio. Gostava de ver as órfãs trabalhar nos campos e nos teares, não se cansando de louvar uma instituição tão bonita, de admirar profundamente e de elogiar a tão humilde e virtuosa fundadora.

De fato, não é pequeno o bem que a essa casa continua a proporcionar a Soncino. Além das pobres órfãs que ali são recolhidas e educadas, de acordo com o mesmo sistema de Comonte, também são mantidas abertas escolas freqüentadas por muitos. Lá se reúnem muitas jovens em honestas recreações e úteis entretenimentos festivos. Lá também as mães católicas preferem fazer suas reunions. Todo ano, também, convidam-se as jovens de Soncino e das cidades vizinhas para uma sessão de retiros espirituais, tendo-se o cuidado de lhes receber no recinto do próprio convento, assistidas pelas monjas que se dedicam, com a maior boa vontade, ao sem bem-estar.

A casa parece, até agora, abençoada por Deus e é de se esperar que a benemérita fundadora, rezando continuamente aos céus por ela, conceda-lhe também para o futuro, prosperidade e perseverança no mesmo espírito no qual foi fundada.

⁴⁰ *Pe. Alexandre Tiraboschi, primeiro capelão das irmãs em Santa Maria de Soncino, desde a Páscoa de 1863.*

18º CAPÍTULO

FUNDAÇÃO DOS IRMÃOS DA SAGRADA FAMÍLIA

E DOS FILHOS DE SÃO JOSÉ

A primeira inspiração que Irmã Paula Elizabete havia sentido no dia da morte de seu querido filho, que lhe havia laconicamente previsto que Deus a haveria de tornar ainda, mãe de muitos filhos, em substituição a ele, tinha sido a de fundar um asilo especial, na verdade muito mais para meninos, filhos de camponeses órfãos e abandonados carentes de amparo, do que para meninas. Por este motivo, tal idéia, tão forte e imprevista, concebida naquele solene instante, não poderia jamais ser esquecida, nem mesmo depois de passado o ápice da aflição por aquela perda. Por outro lado, nunca havia conseguido encontrar concretamente a maneira de colocá-la em prática. A respeito disso, pensava continuamente e pedia a Deus para melhor conhecer a sua vontade. Enquanto isso, evidentemente, sua mão a havia conduzido a fundar, como vimos, o Instituto feminino. Mas, muito embora ela mesma visse todo o bem produzido e por isto rendia graças a Deus, seu coração não estava ainda plenamente satisfeito e sempre sentia o impulso de pensar em uma Providência especial também para os órfãos masculinos.

Seus Superiores certamente não eram contra este seu ardente desejo, pelo contrário, aprovavam e apoiavam-na, não duvidando que também esta fosse uma verdadeira inspiração de Deus à sua serva fiel, e que Ele lhe haveria de dar os meios de executá-la.

Quando Dom Speranza vinha visitar o Instituto em Comonte e a encontrava, muitas vezes escutavam-na perguntar-lhe com ansiedade: “Que acha, Excelência, conseguirei, antes de morrer, ver fundado também um asilo para tantos órfãos abandonados no campo ?” E o santo prelado sempre lhe

respondia: “Sim, Sim, fique tranqüila que dentro em breve o faremos. Enquanto isso, reze”. Ela se sentia grandemente confortada e abandonava-se totalmente nas mãos de Deus, mesmo porque não havia mais ninguém que a encorajasse em tal empresa. Suas companheiras, não podendo conceber como poderia uma mulher regulamentar sabiamente um Instituto masculino, não se mostravam, em momento algum, persuadidas. Quando tocava no assunto, as irmãs sempre encontravam obstáculos para dissuadi-la, ou então, não sabendo como responder às suas indagações, deixavam, respeitosas, morrer o assunto. Isso muito a afligia, mas não abandonava seu projeto, nem perdia a esperança. De qualquer forma, estava resolvida a não iniciar a obra se não se apresentasse uma idéia que se enquadrasse perfeitamente nas inspirações que lhe dava o Senhor e, enquanto isso, permanecia confiante, na esperança.

Um dia foi a Bérgamo para conversar justamente sobre isso com o Bispo. Ele a mandou ao Pe. Pavoni, pároco de Santo André na cidade, dizendo-lhe que tendo, também ele, algum projeto de coisa semelhante à sua, poderiam reciprocamente ajudar-se. E parece que tudo devia realmente encaixar-se logo, uma vez que o projeto do pároco era justamente de adquirir, em Mornico al Serio, uma casa para asilo de órfãos. Ela já podia dispor para esta finalidade de um capital de 24.000 liras. Mas, conversando, não conseguiram chegar a um acordo, pois ele tinha a intenção de ocupar os órfãos em artes, trabalhos, escolas noturnas etc., Ela, por seu lado, queria que os órfãos camponeses fossem ocupados, não exclusivamente mas primariamente, na agricultura, considerando qualquer outra arte ou trabalho somente como coisa complementar.

Os próprios diretores do Instituto deveriam ser amantes da agricultura e dispostos, além de ensiná-la aos meninos, a trabalhar também junto com eles, quando necessário. Mas, enquanto parecia impossível, ao pároco, poder encontrar pessoas que se adaptassem a isso ela, ao invés, sentia-se segura de que Deus, que lhe vinha sugerindo os propósitos da obra, haveria de proporcionar-lhe também os meios e as pessoas necessárias para realizá-la. Preferiu, por isso, adiar o projeto a mudar seus objetivos, desligando-se completamente do pároco.

Voltando ao Bispo para lhe relatar a entrevista, ao percorria o pequeno pedaço de rua que separa a paróquia de santo André do Episcopado, sua companheira a ouvia repetir em voz baixa: “Não, não é este o asilo de pobres camponeses: oh! Esta classe...esta classe abandonada que vai empregar seus filhos como criados junto às famílias dos camponeses que os tratam muito duramente, pouco menos que os animais!... O Senhor tirou de mim o meu pobre Carlinhos para dar lugar a estes pequenos órfãos”.

Tendo depois uma longa conversa com o Bispo, partiu tranqüila dizendo que estavam perfeitamente de acordo em abandonar a idéia de unir-se ao referido Padre, apesar de muito zeloso, e não se falou mais no assunto.

Enquanto isso Deus, que nunca manda em vão suas inspirações a Seus Servos e dispõe no devido lugar e tempo os fatos da Providência a fim de que se torne possível aquilo que antes parecia impossível, fazia que se apresentasse uma circunstância favorável para começar a execução da idéia tão acalentada pela benemérita fundadora.

Encontrava-se Ela em Soncino, junto à nova casa de Santa Maria, quando adoeceu gravemente o feitor de sua propriedade de Villa Campagna. Ela escreveu às suas companheiras em Comonte, pois achava-se em dúvida se devia, antes de sair de lá, colocar ou não um outro feitor ou, arrendar diretamente o terreno à meia. Pedia, por isso, o parecer delas também. Irmã Luíza Corti, sua primeira companheira e atual Madre Geral de todo o Instituto, respondeu-lhe que seria melhor conversar pessoalmente do que escrever, pois queria expor-lhe uma nova idéia. Por isto, rogava-lhe que viesse até Romano, para onde ela também se dirigiria e esperaria por ela no costumeiro lugar da estação e lá se encontrariam e, se ela quisesse, poderia ainda voltar com o mesmo trem para Soncino. Assim, de fato, foi feito e, no dia estabelecido, encontraram-se as duas em Romano, acompanhadas somente por uma órfã que tinham levado consigo, e puderam conversar rapidamente. Irmã Luíza expôs-lhe seu pensamento, que era de não somente não substituir o feitor, mas também de não conceder, nem mesmo com arrendamento à meia, a propriedade; procurassem, isto sim, alguns pobres órfãos, cujo

número posteriormente poderia ser aumentado, para trabalhar o campo e, enquanto isso, durante o ano, os atuais trabalhadores fossem despedidos, pouco a pouco, com o devido aviso prévio, e assim poderia ser feita a experiência de um começo de orfanato.

Diante de tão inesperada proposta e maravilhada com a imprevista mudança da companheira, que nunca se tinha antes mostrado entusiasmada com o orfanato masculino, a santa Madre alegrou-se grandemente e disse : “Por que você mudou assim de idéia a respeito deste assunto? ...O que aconteceu para que você se enchesse assim de interesse?” Irmã Luíza pôs-se a narrar sinceramente que uma luz a havia iluminado na conversa com uma órfã, há pouco saída do Orfanato e agregada em família de camponeses. Esta lhe contara que a educação recebida não adiantava para nada pois, tanto os homens quanto as mulheres estavam tão mal acostumados que, querer introduzir neles qualquer idéia de ordem, limpeza e moralidade, significava necessariamente criar desunião e brigas. “Foi justamente neste ponto, acrescentou Irmã Luíza, que me veio um vislumbre em que vi claramente tudo quanto a senhora me disse tantas vezes, que a reforma da classe camponesa era necessária, mais para os homens do que para as mulheres, devendo estes serem os responsáveis pela boa ordem da família”. Foi então que a boa Madre, muito contente com isto, exclamou: “Ah ! É mesmo verdade que deixando o Senhor agir, Ele faz tudo com sabedoria...” Abraçou sem demora o projeto e, querendo ela então dirigir-se a Comonte, escreveu para as irmãs Rosa e Adelaide em Soncino , para que até a sua chegada nada fizessem em Villa Campagna.

Pouco tempo depois, mais ou menos em outubro, morreu o feitor e com isto foi enviado o aviso prévio de dispensa de trabalho aos empregados, muito embora fosse certamente coisa preocupante o fato de ter que deixar toda aquela propriedade sem vigilância e ainda mais, na incerteza do bom êxito do projeto que se encaminhava. Mas o Senhor havia também preparado alguém que era digno de iniciar a sua obra.

Corria o ano de 1862 quando, um belo dia, apresentou-se, em Comonte, a Senhora Adelaide Dedei, natural de Valgoglio, atualmente residindo em Leffe, porque a sua mãe, tendo ficado viúva, casara-se, naquele lugar, em segundas núpcias, com um

certo Senhor Pedro Massieri. Morrendo este, algum tempo depois, havia nomeado Adelaide herdeira de todos os seus bens, como se verá no breve relato que faremos da vida dessa benemérita e piedosíssima Senhora. Ela só desejava empregar toda sua herança no sustento de pobres órfãs camponesas e, portanto, andava pensando onde poderia encontrar um Instituto que estivesse de acordo com as suas idéias. Aconteceu que veio a Leffe, para fazer um sermão, o Pe. Luiz Salvi, de Bérghamo, ficou hospedado na casa dessa senhora, que lhe falou de suas intenções. Ele, ouvindo isto, sugeriu-lhe, sem hesitar, justamente o Instituto das Irmãs da Sagrada Família, relatando como já, há alguns anos, tinha sido fundado em Comonte por uma certa Senhora Constança Cerioli, viúva Busecchi e de como já haviam sido recolhidas ali muitas órfãs, parecia mesmo que tudo tinha sido feito sob medida para ela.

A boa senhora aceitou a sugestão. Decidiu ir a Comonte visitar essa Casa e levou consigo um certo João Capponi, também ele natural de Leffe, ecônomo e enfermeiro do hospital da cidade, jovem boníssimo e zeloso que não pensava senão em fazer o bem sendo, por isso, muito amado e estimado por todos. Chegando ao Instituto, ela quis ver tudo, campo, oficinas, órfãs etc., e à medida que via e ouvia contar a finalidade do Instituto, satisfeitíssima exclamou: “É justamente este, é justamente este o Instituto que eu desejava conhecer”.

Perguntou depois, gentilmente, se também o bom jovem que a havia acompanhado poderia entrar para conhecer a Casa e todo o andamento dela. Uma vez introduzido, ele, já informado das intenções da Senhora, ao vê-la e ao ouvi-la assim tão plenamente satisfeita e contente, ficou ele próprio muito entusiasmado, dando a impressão de desejar também ele tomar parte em uma obra de tanta caridade. Mas não se encontrava presente naquela ocasião a benemérita fundadora, que se achava em Soncino. Por este motivo ficou somente acertado de pedir à Fundadora um encontro para uma conversa pessoal com a senhora, em Comonte.

Então, logo que partiram, a Religiosa que os havia acompanhado durante a visita, escreveu rapidamente para a Reverendíssima Madre, informando-a de tudo, especialmente das

qualidades ouvidas da Senhora Dedei a respeito do jovem que a acompanhava, expressando ainda o pressentimento de que poderia ser este jovem a pessoa mais indicada para dar início ao Instituto Masculino.

No dia marcado pela fundadora para o encontro, convidou também o Cônego Valsecchi. A senhora Dedei conversou longamente a respeito de sua recente resolução de filiar-se ao Instituto, como de fato fez pouco tempo depois. Participou daquele encontro também o jovem Capponi trazido pela senhora Dedei a pedido da benemérita mãe. Este causou uma impressão tão viva e favorável no coração tanto da Mãe quanto no do cônego, que tiveram o mesmo pensamento: que poderia ser ele, verdadeiramente, um homem mandado de propósito pelo Senhor para realizar o projeto, tão longamente sonhado, do instituto masculino, cuja maior dificuldade até agora encontrada era a de se achar uma primeira pessoa com as qualidades necessárias para tal finalidade.

Não tiveram então dificuldades de manifestar, durante a longa conversa, também o desejo de poder chegar à fundação de um instituto masculino, baseado nos moldes do feminino. A Senhora Dedei mostrou-se muito contente com isto e, sem hesitar, colocou a própria casa, em Leffe, à disposição, para se iniciar lá a nova instituição. Infelizmente, mais tarde, verificou-se que aquela casa não tinha o terreno suficiente para um Instituto de agricultura e a oferta portanto, não pôde ser aceita. Durante a conversa, perguntou-se também ao jovem Capponi, se estaria disposto a assumir o encargo de começar o instituto masculino, em Soncino. O pobre homem, ouvindo isto, emudeceu, abaixou os olhos e depois, todo amedrontado respondeu que se considerava incapaz para tal empreendimento e não possuía senão boa vontade em fazer um pouco de bem para a juventude de sua cidade. Mas que daí até assumir a implantação de um Instituto como este, em sua consciência, não poderia aceitar. A Mãe e cônego Valsecchi não esmoreceram. Apertaram-no ainda mais dizendo: “Não queremos que escute somente os nossos conselhos. Você ficaria contente se ouvisse também a opinião de Sua Excelência Dom Speranza? Ele o escutará e você poderá expor as suas dúvidas”. O bom homem não pôde então recusar esta proposta. Desta forma,

estabeleceu-se o dia em que todos se encontrariam para apresentarem-se ao Bispo, na sua Villa di Gavarno, onde estava passando alguns dias de férias. Esperando por esse dia, despediram-se não sem antes recomendarem-se de rezar para que o Senhor quisesse completar a sua santíssima vontade.

Nesse ínterim, a santa fundadora, por ordem do Reitor, preparou um resumo com as primeiras orientações para os Irmãos da Sagrada Família. Na data estabelecida pelo Bispo, encontraram-se todos em Gavarno: a fundadora com sua assistente, o Cônego Valsecchi, o jovem Capponi com a Senhora Dedei e o Pe. Valdomiro Carminati, reitor do seminário. Primeiro foram lidas e atentamente consideradas por Dom Speranza, as orientações que se queria dar ao novo Instituto e foi proposto o modo como se pretendia plantar as primeiras sementes e dar início a tudo. Sua Excelência aprovou plenamente, pois já conhecia muito bem as idéias da fundadora e o nascente Instituto tinha os mesmos objetivos do Feminino. Entretanto, como sempre havia feito e faria também a respeito deste, não quis, a princípio, prescrever nenhuma prática ou regulamento, dizendo que aprovaria unicamente aquilo que, aos poucos, lhe fosse pedido. Não queria, absolutamente, impor vínculos nem obrigações; começassem os Irmãos com uma vida de bons agricultores cristãos que em seguida, se tivessem necessidade de mais alguma coisa, caberia a eles, pouco a pouco, se desejassem procurar uma vida mais perfeita. Não se impusesse então absolutamente nada a eles, somente que deviam trabalhar, suar e se empenhar a fundo.

Em seguida, começando a interrogar, com toda a afabilidade, o jovem Capponi (de quem já havia recebido informações), se estava mesmo decidido a ser o primeiro a começar a obra, aconselhou-o a expor todas as suas dúvidas e dificuldades, exortando-o a ter ânimo e a confiar em Deus. Quanto aos temores que demonstrava ter, vinham todos de sua humildade. Mas o jovem ainda argumentou que lhe parecia mais conveniente, para a maior glória de Deus, permanecer na sua cidade onde havia muita necessidade de alguém que cuidasse um pouco da juventude e onde ele parecia conseguir a realização de alguma coisa realmente boa. O bispo então lhe falou, em tom autoritário: “Por grande que seja o bem que você faz na sua

cidade, asseguro-lhe que, aquilo que você vai iniciar, será ainda para maior glória de Deus. Respondeu submissamente o jovem Capponi: “Mas, Excelência, e se aquilo que pretendem iniciar não for bem sucedido por causa da minha incapacidade? Se isto também acontecer, por qualquer outro motivo, perderei certamente o emprego que tenho na minha cidade e ficarei sem nenhum apoio de qualidade”. O Bispo respondeu-lhe: “Vá e esteja seguro de que Deus ajuda-lo-á, não duvide que você ficará para sempre neste Instituto a serviço de Deus e do próximo”. O bom homem sentiu-se confortado com estas palavras autoritárias e resolutas do venerado superior. Não ousou nada mais opor e aceitou obedecer à vontade manifestada por Deus, tão logo tudo estivesse pronto. Todavia ele teve que permanecer ainda por um pouco de tempo na sua cidade e aproveitou este intervalo para fazer os seus preparativos, isto é, apresentou a sua demissão ao Hospital e ajudou a Senhora Dedei a organizar a nova casa para ali ser estabelecido, como de fato sucedeu, um Orfanato Feminino.

Da parte deles, nem a Madre, nem o Cônego tiveram dúvidas de que estava assegurada a Obra Masculina e não tiveram senão que pensar nos meios mais práticos para poder começá-la. Um zeloso Sacerdote, Pe. José Chiodini (que já havia trabalhado alguns anos nas missões da Albânia e depois, fora nomeado pároco de Filago, ao saber do novo Instituto que estava para ser fundado, ou que já estava se fundando, apresentou-se para cooperar em tudo o que pudesse e estivesse fosse compatível com o seu ministério. Fez questão também que se aceitasse como primeiro órfão um menino de sua Paróquia, de 13 anos⁴¹ e que um jovem de 26 anos⁴², igualmente seu paroquiano, de profissão agricultor e sapateiro, entrasse ali como Irmão para ajudar o jovem Capponi, Na mesma condição, pediu para ser ali admitido um outro jovem de 30 anos⁴³, de condição civil, da cidade de Bérghamo.

⁴¹ *Giacomino Paris*

⁴² *Branco Ângelo de Lurano, província de Bérghamo*

⁴³ *César Armati*

Data também dessa época o relacionamento com o Pe. Luiz Palazzolo, de Bérgamo, que depois foi fundador da Congregação Masculina e Feminina que têm seu nome, com objetivos muito semelhantes aos da Cerioli.

O Cônego Valsecchi pretendia que ambos os Institutos se fundissem em um, e o próprio Pe. Palazzolo permanecesse como Superior e Diretor Geral do Instituto Masculino. As coisas pareciam estar assim devidamente arranjadas e então estabeleceu-se que todos se reuniriam no dia 3 de novembro de 1863, em Comonte, para, sem mais demoras, dar o solene e definitivo início à obra no dia seguinte, onomástico do falecido filho da benemérita fundadora.

Encontraram-se então juntos, naquela tarde, o cônego Valsecchi, os dois Sacerdotes supracitados, o irmão Capponi com seus dois cooperadores e o órfão indicado e, tendo todos pernoitado no albergue, na manhã do dia quatro o Cônego celebrou a Santa Missa, com todos presentes, na Capela da Casa de Comonte, e deu também a Santíssima Comunhão aos leigos. Fez também um eloqüentíssimo discurso, plenamente adaptado à circunstância, no qual foi descrita com calorosas palavras a importância da obra de caridade que iniciavam e do bem que poderia ser com ela conseguido. Demonstrou também a bondade que Deus se dignava em conceder ao chamá-los para uma vocação assim tão bonita e as obrigações a que estavam sujeitos para bem corresponder a essa bondade. Em seguida, deu-lhes a bênção com a relíquia de São Carlos e despediu-os, prontos e dispostos a partirem para Soncino.

Lá, com aquele desejo que cada um pode muito bem imaginar, estava a esperá-los a benemérita fundadora, que para aquela localidade já tinha se dirigido há alguns dias, não tendo querido render-se às súplicas de suas irmãs para que também fosse participar da cerimônia em Comonte. Certamente ela não quis participar para evitar a profunda comoção que sentiria naquele encontro e também para sacrificar a Deus a alegria que, com certeza, teria. Acolheu-os porém, com as mais vivas demonstrações de júbilo, no convento de Santa Maria, onde, convenceu-os a repousar e a comer um pouco e, em seguida, conduziu-os pessoalmente a Villa Campagna. Naquela mesma

tarde, considerou a Família já constituída, entregando a cada um dos três Irmãos a incumbência particular que deveriam desempenhar. Ao Irmão Capponi confiou a direção de toda a casa; ao outro, que tinha prática em agricultura, a direção dos trabalhos nos campos; ao terceiro, de condição mais civil, o controle econômico do empreendimento e o encargo das instruções necessárias aos órfãos. Deu-lhes também, em mãos, todas as coisas que seriam necessárias e deixou-os lá sozinhos, retornando ao Seu Convento de Santa Maria, em Soncino.

Alguns dias depois, o Pe. Palazzolo levou de Bérgamo mais dois meninos, um de dez e outro de quinze anos, ajuntando-os à Família. Mas a sua intenção não era que esses meninos (que nem mesmo eram órfãos) fossem trabalhar no campo, mas que recebessem um pouco de instrução e estudassem alguma coisa para se tornarem padres, pois os mesmos haviam demonstrado inclinação. Tal coisa era, porém, contrária aos princípios da Madre, pelo menos para o presente, nem favorecia o espírito com o qual queria ver animado o Instituto e, especialmente aqueles que deviam dirigi-lo. Entretanto, não muito tempo depois, tendo voltado para ver como andavam as coisas, percebeu, de fato, como aqueles irmãos, em vez de estarem ocupados com o campo e com o interesse do Instituto e, em particular, em cuidar dos trabalhadores que tinham sido contratados, estavam mais preocupados em preparar os cômodos da casa e tudo o mais necessário para os estudos dos jovens.

Mostrou-se, portanto, muito desgostosa e, com muita clareza, procurou fazê-los entender que a finalidade principal do Instituto não era, em princípio, formar estudantes, mas de manter e instruir pobres órfãos na arte agrária. Além disso, mais necessário se tornava que cuidassem dos trabalhadores braçais, que deviam ser contratados fora, para que cumprissem bem com as suas obrigações e assim não fosse prejudicado o Instituto. Mas eles, não conseguiram, ainda desta vez, compreender bem a coisa e imaginando talvez que tivessem vindo ali para viver de uma outra maneira, prosseguiram, mesmo depois desta conversa, em suas vidas de retiro, permanecendo quase sempre fechados em seus apartamentos, ocupando-se de coisas que bem pouco tinham a ver com a verdadeira finalidade pretendida pela fundadora. Os

diaristas permaneciam sem supervisão e, quando vinham para receber os seus salários, estavam certos de recebê-los sem nunca ter que se preocupar muito com o tempo, nem com a qualidade do serviço executado. Somente João Capponi havia compreendido bem o que era necessário. Todos os dias, observava, bem pouco se fazia e se estragava tudo. Era impossível continuar assim. Por mais que fizesse ou dissesse, nada conseguia.

Pensou, portanto, em ir um dia, sozinho, ao convento de Santa Maria, em Soncino, para falar com a Madre, à qual tudo relatou. Esta foi bem resoluta, não acreditando poder fazer outra coisa senão, outra vez, chamar todos às suas responsabilidades. Convidou-os a virem ao Convento, juntos com o Pe. Palazzolo. Explicou-lhes então claramente a finalidade da Instituição que tinha pretendido fundar, declarando francamente que, por mais que lhe doesse, estaria mais disposta a interromper, no princípio, a implantação daquele Instituto, do que dar-lhe continuidade daquele modo. Pretendia recolher somente pobres órfãos do campo e camponeses, não meninos da cidade, como eram os dois recentemente trazidos, os quais, além de tudo, tinham pais e pretendiam aplicar-se aos estudos.

O Pe. Palazzolo, sendo, reconhecidamente, uma santa e zelosa pessoa, entendeu logo que ele e a benemérita Madre não comungavam as mesmas idéias. Por isso, sem mágoas e ressentimentos, pensou ser melhor retirar-se e conduziu de novo a Bérgamo os dois jovens que havia trazido consigo. Com belas e pacíficas palavras e plenamente de acordo com a Madre, desculpam-se os dois dizendo que o Senhor mostrava claramente querer de um e de outro coisas diferentes. E, de fato, aconteceu assim porque o Pe. Palazzolo fundou, na cidade, a sua célebre e muito útil Instituição para os pobres meninos artesãos, que até agora existe, tendo mesmo se propagado para outros lugares⁴⁴, e ela prosseguiu ali com a sua Instituição em favor dos camponeses, nas vilas e nos campos.

⁴⁴ *Pe. Luiz Maria Palazzolo (1827- 1886), além do Instituto das “Irmãs das Pobrezinhas”, havia fundado também um Instituto religioso Masculino, ao qual havia dado a mesma regra, o mesmo hábito e o mesmo nome de “Irmãos da Sagrada*

O afastamento do Pe. Palazzolo fez com que os outros, abatidos, também se afastassem exceto João Capponi, que ficou em Villa Campagna, somente com um irmão e dois ou três órfãos. Mas não desanimou. Incentivado pela Madre, pelo Cônego Valsecchi e por Dom Speranza, permaneceu firme, na continuação da obra começada.

A Madre fundadora também, com coragem e confiança em Deus, não se deixou abalar, embora o fato de ter tido que tomar sozinha uma resolução tão enérgica, sem primeiro ter podido pedir conselho aos seus superiores dos quais tanto dependia, ficou num tal estado de ânimo, que é fácil imaginar. Recordou então, porém, de modo especial, do que Lhe havia dito Dom Speranza, quando lhe expunha, repetidamente, o seu pensamento fixo de fazer também um Instituto Masculino e manifestava-lhe ansiosamente o temor de ser surpreendida pela morte, antes que visse realizado este sonho. O santo Bispo assegurava-lhe que, sem dúvida, o veria implantado antes de morrer, mas se lembrasse de que este lhe daria muito trabalho, pois seria muito mais difícil encontrar pessoas capacitadas para um Instituto Masculino que para um Feminino.

Claro que ela escreveu logo, narrando o que havia feito e o que lhe havia acontecido, tanto ao Cônego como ao Bispo, esperando, com muito medo, o julgamento deles. Enquanto isso, permanecia inflexível e dizia à Irmã Luíza, que estivera presente no encontro de Soncino: “Não parto daqui até que não tenha visto o êxito deste empreendimento, ficaremos até que a obra seja completada”. E experimentando também alguma perplexidade, interrogava-a dizendo: “E você, o que diz? Nossos Superiores escrever-me-ão dizendo se fiz bem ou mal em despedir todas estas pessoas? Mas...quem sabe? Eu não sei o que dirão mas, prefiro ver esta obra reduzida a nada do que vê-la conduzida

Família”, que a Cerioli havia dado ao seu. As duas Instituições ajudaram-se reciprocamente e quando o Instituto masculino de Palazzolo se dissolveu, os seus dois últimos religiosos passaram para o Instituto da Cerioli: Irmão João Capister, em 1908, e Irmão Luiz Calai, em 1919. Palazzolo foi Beatificado pelo Papa João XXIII, em 19 de março de 1963.

assim. O Senhor faça que tudo seja destruído antes que comece mal”. Nesse meio tempo, chegou primeiro a resposta do Cônego, que transcreveremos logo abaixo e na qual, como se vê, no seu primeiro julgamento e pelas primeiras informações obtidas, achou que devia repreendê-la por julgar que tivesse agido com pouca prudência e muita precipitação. Não se pode traduzir em palavras o quanto Ela ficou abatida, temendo realmente ter feito algo contra a vontade de Deus. “Todavia, dizia, não poderia agir de outra forma, senão estaria fazendo algo contra a minha consciência”. Mas o Senhor, que nunca deixa os Seus servos sucumbirem sob peso excessivo, alguns dias depois, trouxe-lhe o conforto na resposta que lhe deu Dom Speranza, a qual transcreveremos também logo abaixo. O bispo não teve dúvidas em apoiá-la plenamente, afirmar-lhe que havia feito muito bem agindo da maneira que havia agido, e que Ela havia sido inspirada por Deus.

A Madre pode então respirar aliviada com a leitura dessa carta, agradecendo ao Senhor que havia iluminado os superiores, levando-os a sustentar o princípio estabelecido, uma vez que o Cônego, no fundo, também não queria contradizer este princípio, tendo confessado isto mais tarde. Ela também não tardou a escrever-lhe, deixando claro a grande confiança que depositava nele, rogando-lhe para que continuasse sendo o superior enquanto vivesse, pois a ele, não a outro, fora a Obra confiada.

O Senhor não lhe faltou com ajuda, mandando-lhe logo, em abundância, outros órfãos e outros irmãos, melhor que os primeiros, um dos quais, jovem com seus dezessete ou dezoito anos, sadio e robusto, esperto e tão bom agricultor que pode, com todo o empenho, cultivar com ajuda dos órfãos, uma parte da propriedade.

Eis a carta de Monsenhor Valsecchi

Muito Reverenda Madre.

A importância da carta que a Senhora me escreveu, no dia 13 de novembro, certamente exigia de mim uma resposta mais rápida, todavia, achei por bem adiá-la para esperar que haja, do

seu lado, um pouco mais de calma e em mim, um pouco mais de certeza. Sim, um pouco de calma. É necessário ir devagar ao se fazer as coisas e mais devagar ainda em desfazê-las. Seria preciso levar em conta os sacrifícios que devem ter feito todos aqueles irmãos para abandonarem as suas famílias e as suas cidades, onde eram estimados e úteis, a romper cada afeto, cada ocupação, para que, afinal? Para ir em busca daquilo que nem nós mesmos sabíamos bem e que eles, por sua vez, não tinham a mínima idéia. Semelhantes a Abraão, que a um chamado de Deus, saiu de sua terra sem saber para onde iria: “*Exiit nesciens quo iret*” (Hebreus 11,8). Semelhantes a Abraão, a Isaac e a Jacó que, somente por obediência, foram habitar na terra prometida, mas então, terra estrangeira: “*In terra promissionis tanquam in aliena*”. Era preciso considerar que estes generosos irmãos não tinham ainda uma idéia bem clara a respeito do novo Instituto e se tinham, sabiam da necessidade de manterem-se calados, por tudo isto é natural que estivessem um pouco inseguros, vagos e, se quiser, um pouco lentos no agir e que não podiam, de repente, esquecer e anular todo o passado, tornando-se perfeitos religiosos, ou então habituarem-se a certas regras e conhecer a importância de certas práticas nas quais eram, sem sombra de dúvida, principiantes. Por enquanto bastaria que não a desprezassem e a obedecessem. Parece-me que a senhora exigiu demais deles. Admite-se que fale, advirta e até, se quiser, grite, mas não posso aprovar que aja assim, precipitadamente. O Pe Luiz está aviltado. O Chiodini, que esteve aqui ontem e a quem a senhora escreveu para chamar de novo o irmão Ângelo di Lurano, de Soncino, mostrou-se desgostoso e surpreso. O senhor Bispo disse também para se ir devagar atrás da Providência, não dizendo depois mais nada em particular, deixou a coisa à mercê de nossa discrição e quando viu o Pe. Luiz pela primeira vez, disse estas palavras: “Oh, este sim”. Por isto achei meu dever ficar de lado também para dar toda a liberdade a quem devia e podia agir, pronto, como sempre, a prestar aquela assistência e tudo o mais que sempre tenho prestado e presto com muito prazer às Irmãs da Sagrada Família e à senhora em particular. Agora, que se deve fazer? Eis o meu parecer. Mandar de volta o menino enviado pela Rossi e conduzido até aí pelo Pe. Luiz. Solicitar-lhe que chame de volta

também o Colombi, como já está persuadido a fazer. Segurar o Ângelo, que sob certos aspectos agrada-me mais do que os outros e fazer aquilo que os outros não farão. Todavia, eu disse ao Chiodini para ir, o quanto antes possível, a Soncino para entender-se com a senhora a respeito do local. Com referência ao Pe. Luiz, é necessário que a senhora se explique mais claramente. Eu diria para não deixar escapar daí esta pessoa, mas, se quiser, pode deixar para entenderem-se melhor no futuro. Enquanto isso, é preciso que a senhora pense nas despesas da viatura⁴⁵ que conduziu até aí os primeiros irmãos. Eu agradeço ao Senhor, à Bem-aventurada Virgem e a São José porque, não obstante a minha indignidade, não se recusam a ser algumas vezes por mim servidos, oferecendo-me para tanto oportunidades e meios de reparar os males da minha vida passada e acumular assim alguns méritos para a eternidade, nos poucos dias de vida que me restam. Com a máxima consideração e respeito, declaro-me de Vossa Reverendíssima

Humilde e Devotado Servo
Cônego Alexandre Valsecchi

Bérgamo, 18 de novembro de 1863

Eis a carta de Dom Speranza, chegou que alguns dias mais tarde:

Caríssima em J.C.S.N.

Agradeça a Deus que finalmente começou a demonstrar que Ele próprio quer dirigir a nova Instituição fundada para servi-lo. O fato de ter feito surgir tantos obstáculos que ajudam a purificar a escolha das pessoas que devem começá-la, é graça que demonstra a sua boa vontade, é bênção e favor especiais. Prova de tudo isso é que aqueles que se retiraram logo, compreenderam bem e, por isso, retiraram-se em harmonia; e

⁴⁵ *No texto, Bâgher: espécie de viatura com quatro rodas, sem caixa e sem portinholas, com lugar para três pessoas.*

aqueles que ficaram estão animados e se mantêm fiéis ao espírito original da obra. Estes, portanto, façam da melhor maneira que souberem e lembrem-se de que a deles não é senão um boa experiência que favorece o empreendimento de todas as maneiras. No fim da estrada verão melhor aquilo que Deus quer para eles e para todos vocês. Vocês devem consagrar-se inteiramente ao Senhor, ao Seu serviço, com totalidade de oferta e de sacrifício, sem nenhuma reserva para vocês mesmos, abandonando-se inteiramente aos Seus cuidados e amor. E não terão nada a temer, porque Deus não falta e jamais abandona ninguém. Ofereçam-se a Ele por meio da Bem-aventurada Virgem Imaculada que terá assim o grande prazer de dar vocês ao seu Filho. Continuem sempre em frente, mesmo que com pouca certeza. Saúdo a todos e os abençôo com todas minhas forças.

Afetuosamente
Bispo Pedro Luiz

Bérgamo, 5 de dezembro de 1863

Tudo isso encorajava muito a benemérita Madre, que podia, finalmente, alegrar-se em ver cada coisa ajustar-se melhor segundo as suas idéias e segundo o espírito que queria infundir no nascente instituto. Reconheceu então, como uma bênção especial de Deus, o fato do jovem Capponi ter sido chamado para o Instituto e confiou que Deus não permitiria que ele, um dia, se afastasse dali, apesar de que o mesmo estava próximo de completar a idade para o alistamento militar e não havia nenhum motivo humano que desse esperança de poder livrá-lo desta obrigação. Um dia, falando Ela sobre isto com Dom Speranza, quis despertar nele o interesse por este assunto para que, pelo menos, rezasse ao Senhor por ele. Mas o Bispo, sorridente, quase brincando, respondeu-lhe: “Mas, e a Senhora não é suficientemente boa para rezar ao seu são José para que Ele lhe faça esta graça, uma vez que este jovem é tão necessário para os seus filhos?”. No dia em que tinha que se apresentar à junta militar, mandou celebrar a S. Missa, descobriu a estátua de São José, acendeu uma vela diante da mesma e, durante todo o dia permaneceu ali prostrada a rezar com grande fervor. O jovem foi,

de fato, liberado. Ele próprio estava quase fora de si de tão contente. Transbordante de alegria, foi diretamente para Comonte, onde se encontrava a Madre, para levar-lhe a feliz notícia. Apresentando-se a ela, disse-Lhe: “Eu não sei como aconteceu...estive lá diante da junta...aqueles senhores tinham opiniões diferentes... um me considerava habilitado, outro não,...olhavam-se entre si e não me davam resposta,...eu peguei as minhas roupas e parti”. Estupefata mas cheia de reconhecimento para com Deus e São José, ela respondeu: “Eis como o nosso Santo fez as coisas direitinho, vamos agradecê-lo então. E você, vá para sua casa para consolar a sua família com a sua presença e depois dirija-se até ao Bispo para lhe pedir a sua bênção. em seguida, vá depressa para Villa Campagna, onde o esperam e lá, com a sua conduta, deverá mostrar a Deus e a São José o quanto você está agradecido por tão grande graça e que você jamais se torne indigno dela”.

O jovem nem ao menos teve o cuidado de dirigir-se primeiramente aos parentes para cumprimentá-los, foi diretamente ajoelhar-se aos pés do Bispo o qual, ouvindo o relato do acontecido e avaliando bem as suas circunstâncias, abençoou-o de todo o coração, dizendo: “Eis, também este Instituto está realizado”.

Um outro protagonista da implantação do Instituto se chama irmão Isidoro Paris. Não há dúvida nenhuma de que, tendo Ele perseverado firmemente no Instituto, muito colaborou na feliz implantação do mesmo, unido ao bom e fidelíssimo Padre Capponi, que continuou a ser o Superior, seguindo à risca os conselhos e as normas da benemérita Fundadora.

Colocaremos, no fim deste capítulo, o registro das Regras por Ela mesma escritas, que devem orientar esse Instituto, a fim de que o mesmo nunca venha a ser desviado para outras finalidades e nem seja jamais animado por outro espírito. Como prova desta sua firmeza de vontade, não acreditamos que seja inútil relatar este pequeno fato.

Um jovem bergamasco da cidade de Casnigo, que já havia concluído, com muito proveito, os estudos ginasiais, apresentou-se pedindo para entrar no Instituto, impondo porém a condição de poder continuar ali com os estudos e assim continuar

em busca da aspirada carreira eclesiástica. A Madre respondeu-lhe logo: “Não, não, estudos não, trabalhar e suar, viver com dificuldades... eis o que se há de fazer, porque a Casa é de pobres camponeses que devem aprender a trabalhar a terra e, por isto, é preciso acompanhar os órfãos ao campo para instruí-los e se faz necessário trabalhar com eles. Volte para casa que você fará melhor continuando lá fora a vida por você pretendida”. Irmã Luíza, a sua primeira companheira, a quem doía ver despedida assim uma pessoa que, além de tudo, parecia-lhe muito apropriada, segundo as próprias normas do Instituto que a Madre havia traçado, lembrou a Ela que, além dos irmãos leigos, haveria também na nova família, sacerdotes, os quais, com o nome de padres, poderiam exercer oportunamente os seus ministérios tanto a favor dos irmãos quanto dos filhos de São José e também das irmãs e das filhas. Não lhe parecia então, tão fora de propósito, acolher aquele jovem. Mas ela respondeu: “Não devem ser aqueles que entram a escolher o seu futuro no Instituto. Não cabe a eles. É preciso antes falar claro a todos e que cada um esteja disposto a sujeitar-se às fadigas e às dificuldades e persuadido a abraçar, particularmente com amor, a agricultura. Então, em seguida, serão escolhidos entre eles superiores e padres, mas eles não devem pedir e nem saber nada disso”. A companheira calou-se admirada com a prudência da ótima Madre, e o jovem, de fato, voltou para casa.

Também parece-nos muito adequado transcrever aqui algumas cartas que a Madre escrevia ao bom Capponi, nas quais será possível, cada vez mais, perceber o espírito pelo qual era animada esta santa mulher, ao fundar também este Instituto. Poderemos também observar o espírito do próprio Capponi, que tão bem a havia compreendido e sempre fielmente correspondeu-lhe.

Podemos mesmo dizer que ele foi realmente como o seu filho primogênito, no qual ela se apoiou com toda a confiança e ele, por sua vez, executou com todo amor a sua vontade, tratando sempre como um tesouro as instruções que ela lhe dava, de viva voz ou por escrito, não tendo medo de segui-la em cada palavra. Para tudo Ele recorria a Ela e ao cônego Valsecchi, Superior nos

assuntos referentes à Família, fosse quanto ao horário, quanto ao sistema econômico e quanto a cada maneira de governar a casa.

Eis então algumas das cartas citadas:

Caro João⁴⁶

Em anexo, uma carta para César, a você desejo um bom fim e princípio de ano. Esperamos que no próximo ano vocês venham a ser mais numerosos a agradecer ao Senhor pelos Seus benefícios. Procure formar bem o César dentro do espírito deste Instituto, devendo ser vocês dois os fundamentos desse novo edifício. Veja porém de não fazer mais do que você pode, para não adoecer e não prejudicar a obra empreendida. Faça com calma e um pouco de cada vez, e chegará ao porto com mais segurança. Coragem, meu bom João, no princípio é preciso mesmo atribular-se, mas o Senhor o vê, ajudá-lo-á e coroará os seus esforços e a sua perseverança. Tenho certeza que vocês serão bem sucedidos, para sua alegria. Leia a vida dos Santos e verá que todas as obras de Deus tiveram as suas dificuldades. O Senhor faz assim, quer colocar à prova a nossa coragem e ver até onde chega o nosso amor por Ele. Enquanto isso peçamos-lhe que nos abençoe e nos faça a graça de corresponder aos seus desígnios e a tantas graças que já nos concedeu e está pronto, a todo momento, a ainda conceder-nos. Mando as luvas para o Giacomino. O Maffi quer cozinhar para si. Não tenho nada em contrário e poderia até dar-lhe uma medida ou duas de milho, uma de trigo e algum dinheiro por vez, mas pouco a pouco, para que não desperdice. Quando tiver terminado de ocupar o cavalo, mande-o carregado de feno e nós lhe mandaremos outra forração para a cama dos animais e quem sabe, naquela ocasião não lhe envie um outro filho, aquele de quem lhe falou irmã Luíza. Escreva-me sempre que tiver oportunidade para comunicar-me como o César está agindo e se está melhorando, porque isso me interessa muito. Procure e faça de maneira que tenha, também ele, o respeito e a estima que todos têm por você. Use de firmeza para com ele

⁴⁶ *Carta 187.*

quando se tratar de contradizer os seus caprichos e verá que, em seguida, ele lhe agradecerá pela caridade com ele usada e você ficará satisfeito em ver o êxito de seus esforços. Adeus, tenham saúde, confiança em Deus e nada lhe faltará. Mando-lhe o relógio, que servirá para você cumprir com mais exatidão o horário estabelecido. Lembro-me ainda da promessa que lhe fiz do pandeiro, mas não o mandarei enquanto não tiver outra coisa a enviar-lhe, para não fazer uma viagem só com esta finalidade.

Sua Afetuosíssima Irmã em J. C.

Irmã Paula Elizabete Cerioli

Superiora do Instituto das Irmãs da S. F.

Meu Caro João⁴⁷

Eis que o Senhor manda-lhe dois companheiros para ajudá-lo a sustentar a obra começada. Estes parecem-me mais adequados que os primeiros mas, como é natural, talvez não tenham muita coisa além da boa vontade de saber como se deve viver em uma comunidade para que a dependência do chefe, tão necessária em toda família bem formada, mantenha-se forte. Será necessário portanto treiná-los porque, sem estes princípios fundamentais, seria inútil esperar o bom êxito do seu empreendimento. Cabe então a você, a quem o Senhor por primeiro chamou e por sua graça especial agora coloca as primeiras pedras neste edifício, transmitir a eles aqueles conhecimentos e avisos que a sua prática e experiência fazem com que você conheça muito bem. Sem entretanto prejudicar a sua posição de chefe de família e àquela santa liberdade de espírito, presente dos filhos de Deus, saiba cativar-lhes a boa vontade para que possam depositar em você toda confiança, procurando conhecer muito bem o caráter de cada um deles para assim melhor saber, prudentemente, orientá-los nos caminhos que melhores resultados possam trazer para eles e para o Instituto que ora se inicia.

⁴⁷ *Carta 184.*

Mais tarde, você poderá julgar, usando de sua capacidade, se são adequados para os nossos planos. Faça que compreendam muito bem o compromisso que assumem ao entrar para esta santa obra, as vantagens que esta, com a graça do senhor, proporcionará ao mundo e a graça que Deus concedeu a eles de terem sido chamados para serem os primeiros. Que eles devem ser aí, como você, os fundamentos, e o quanto será necessário que sejam fortes a fim de que nem o vento das contradições, nem os enganos do demônio, nem a malícia dos homens possam derrubá-los, nem desanimá-los e nem afastá-los do empreendimento. Os exemplos que devem dar aos filhos é de dependência do superior, de atividade nos trabalhos, de sacrifício e, de modo especial, de anulação da vontade própria, a mais difícil de vencer e dobrar. Que o serviço de Deus não consiste somente nas longas horas passadas na Igreja a rezar e meditar, mas no trabalhar e cansar-se por amor a Deus, para exemplo dos filhos e para o bem da casa, pois, por natureza do Instituto, tem como base o trabalho e a fadiga. Que tenham paciência se, pelas circunstâncias dos tempos e da casa, não encontram e não vêem realizadas as idéias que tinham de que tinham de regras e convento, conforme o que talvez pensavam e até desejavam. Este é um novo edifício na Santa Igreja, cujas fundações precisam ser colocadas. Deus é o arquiteto, você e eles são os materiais, é preciso esperar do tempo a plenitude do edifício e, enquanto isso, trabalhar nele com suor e perseverança. Todos os institutos, nos seus inícios, tiveram que passar por esta estrada, mas quanto maior for o trabalho e a fadiga ao levantá-lo, tanto maior será a recompensa se o Senhor, e disto não tenho dúvidas, fizer com que vocês tenham a graça de vê-lo, um dia, completamente terminado.

Caro João, já lhe disse muitas coisas e por isso creio ser inútil acrescentar ainda algo. Você compreendeu a missão que Deus lhe confiou e saberá cumpri-la. Ele é fiel e saberá dar-lhe as luzes e graças que forem necessárias e que você solicitar para conseguir que esta casa se erga sobre bases que estejam de acordo com as idéias fundamentais do projeto. O Senhor abençoe você e os seus dois companheiros com aquela bênção que deu a Abraão, para que possam ver o sucesso dos seus filhos. Creio inútil sugerir-lhe então, que será necessário dizer que estes dois homens

devem ser empregados ou como trabalhadores rurais, como guardas campestres ou qualquer coisa do gênero, como melhor lhe parecer, dadas as atuais circunstâncias, sem que se levantem suspeitas a respeito de sua condição. Ouvi falar de um outro sujeito que seria também pedreiro e ainda de um outro jovem camponês de dezenove anos os quais desejam retirar-se do mundo. Eu, porém, seria de opinião de não pegar ninguém antes do dia de são Martinho, pelo motivo da casa ser pequena e por não se saber onde empregá-los no momento. Gostaria porém de ouvir a sua opinião e também saber se você está contente e se está gostando destas duas pessoas mandadas pela Providência. Cumprimente por mim os filhos aos quais mandarei, por meio do João, as raquetes e as bolas⁴⁸, desde que sejam bons, dóceis e amantes do trabalho e do cansaço. O Senhor enviará logo, também para estes, alguns companheiros. Esperando, saudando-o e desejando-lhe tudo de bom, subscrevo-me

Sua Afetuosíssima
Irmã Paula Elizabete Cerioli
Lembre-se de mim junto a são José
Leffe, 5 de novembro de 1863⁴⁹

Caro João⁵⁰

Boas Festas, caro João, a você, a seus companheiros e a seus filhos. Que o Senhor, na sua bondade, queira lhe comunicar uma gota daquele amor que o fez descer do céu à terra e assumir o véu da nossa mísera humanidade, razão pela qual vocês se devem também consagrar, sem nenhuma reserva, à sua glória e em

⁴⁸ *O jogo de raquete era então muito difundido.*

⁴⁹ *A data de 5 de agosto de 1863 é confirmada claramente pelo original.*

⁵⁰ *Carta 176.*

benefício do próximo, com uma vida de fadiga e renúncias, como deve ser aquela para a qual vocês foram chamados pela Divina Providência. Lembre-se de que é uma grande graça que o Senhor tenha se dignado a servir-se de sua insignificância e miséria e você deve ser agradecido por esta preferência que teve o Senhor, tanto para com você como para os seus companheiros, porque aquilo que vocês fizerem por Ele será abundantemente recompensado pelo sua infinita bondade e misericórdia. Muito diferente daquele que se dedica ao mundo, que sacrifica, muitas vezes, a vida, a saúde e a honra em troca de míseros ganhos e poucas satisfações, daqueles que, com a morte, desaparecem, deixando-nos desenganados com estas coisas perecíveis e com o inútil arrependimento de não se ter ocupado melhor com as coisas referentes à nossa alma. Não julgue então ofensivo se o Senhor, para fazer com que você mereça mais e para colocar à prova a sua generosidade em todas as situações, manda-lhe algumas cruces e humilhações. Que é isto em comparação ao que se submeteu o Homem-Deus! O mundo inteiro está cheio de trabalhos e cruces. Suportemos então aquelas que o Senhor nos manda e não nos importemos com nossos gostos e inclinações, que só servem para nos trair. Cuidemos somente daquilo que pode servir para bem implantar este novo Instituto, dando bom exemplo aos filhos para depois, com eles e com os seus companheiros, levar estes mesmos exemplos a todos aqueles que a Providência destinar à sua casa e ainda a muitos outros, se Deus assim o quiser. Desejo muito receber as suas cartas para saber como vai a sua casa. Pode acreditar que é este o assunto que agora ocupa a maior parte do meu coração, uma vez que, pode-se dizer, destes princípios depende a existência desta obra, desta forma você pode imaginar o quanto desejo saber notícias. Espero que a Irmã Adelaide, com as suas freqüentes visitas aí, possa ajudá-lo na boa organização da casa e dos filhos, pois ela adquiriu muita prática com as nossas filhas e muita desenvoltura nos trabalhos da família. Ela faz isto com muito prazer pelo amor de Deus e para poder ver, um dia, a sua casa tão engrandecida pelo Senhor, como a nossa. Nada de desânimo. Das próprias contrariedades você deve extrair mais ânimo e maior vigor. O Senhor mande o seu Santo Espírito

também sobre seus irmãos, para que cooperem com ânimo generoso e com todas as suas forças.

O Santo Menino torne fecundas as suas boas resoluções, faça bons os nossos filhos, obedientes, dóceis, pacientes como Ele próprio nos deu o exemplo com a sua vida humilde, laboriosa e escondida. Lembre-se de mim nestas santíssimas Festas e saudando-o juntamente com os irmãos e os filhos, considere-me, da forma com a qual subscrevo-me,

Sua Afetuosíssima Mãe

Irmã Paula Elizabete Cerioli

Superiora no Instituto das Irmãs da Sagrada Família

Comonte, 22 de dezembro de 1864

Caro João⁵¹

Você me deu uma grande boa-nova escrevendo-me a respeito da mudança de José, que agora está obediente, que se despojou de seus grandes desejos da comunhão, fazendo-a somente quando você permite; que aceita com prazer os trabalhos que você lhe confia e desempenha-os bem. Tenho esperança de que são José queira torná-lo um dos nossos e, como tal, dá-me prazer pensar que seja assim. Percebo a sua preocupação em que o Instituto se forme e comece a ter algumas Regras. Algumas práticas de piedade seriam boas, os horários poderiam ser estabelecidos pois, finalmente, agora vocês constituem uma família considerável. Por exemplo, não seria bom estabelecer as dez horas como sendo a hora adequada para o repouso e, logo que o relógio tocar a hora, interromper qualquer trabalho, qualquer assunto, até mesmo a instrução dos filhos e ir, todos em silêncio, recolherem-se no oratório da casa para fazer o Exercício do Cristão? E depois, ainda em silêncio, cada irmão tomar consigo aquele número de filhos que há no seu quarto e, silenciosamente, subir. Cada irmão é responsável por aquilo que fazem os filhos que estão com ele, assim sendo, antes de despir-se deve esperar

⁵¹ *Carta 183.*

que todos os seus filhos já estejam deitados, para verificar se trocam de roupa com recato e como acomodam as próprias roupas. Vejam que tudo isso vocês poderiam e deveriam fazer porque vai ajudá-los muito. O relógio de parede que está em cima, neste inverno, você deveria trazê-lo para baixo para assim poder ouvi-lo melhor e começar as atividades sempre na hora exata, que deve ser a mesma todas as tardes e não ir além de meia hora com a leitura, com os exercícios de escrita e instruções. Nós aqui, por exemplo, somos tão exatas nisto que as professoras não deixam passar um minuto além do tempo determinado, e que, de vez em quando, é mandada uma religiosa para verificar se a funcionária está pronta para interromper o assunto começado, a carta iniciada, etc.,etc., tão logo ouça o relógio e, se assim não for, a mesma será admoestada. Parece-me, João, que você é um pouco contra esta precisão para com as regras minuciosas, mas acredite que estas ajudam na prática das maiores e, quanto menores forem elas, mais meritórias. Lembrem-se também de que vocês só encontrarão dificuldades nos primeiros dias. De manhã, você deveria tocar dois sinais: o primeiro para o irmão e para aqueles filhos que devem cuidar do estábulo, o segundo para que toda a comunidade se levante. Cada Irmão, como foi feito à noite, cuide para que os filhos do próprio quarto vistam-se em silêncio, com recato, arrumem a própria cama e o quarto com capricho e higiene. O irmão não se faça servir pelos filhos, deve ir na frente, dando o exemplo para que os filhos aprendam com ele a arrumar bem e com desenvoltura a própria cama e serem limpos. Ao som da campainha, conduza, como na noite anterior, em silêncio, os filhos para o oratório comum a fim de fazerem o Exercício do Cristão e uma breve reflexão. Agora que temos muitos filhos e um número razoável de irmãos, seria mesmo aconselhável que os irmãos fizessem juntos meia hora de meditação, deixando sempre fora um irmão, que poderia ser o Doro, para cuidar dos filhos. Assim também uma meia hora, mais ou menos, depois do café da manhã ou outra hora qualquer que eu não saberia indicar porque não sei direito a que horas vocês vão para a Igreja, nem a que horas terminam de arrumar a casa, daria um sinal com a campainha e este seria chamado de “sinal para o trabalho”, porque, a este sinal, os irmãos e os filhos que ainda estiverem

dispersos pela casa, possam apressar-se e dirigir-se a uma ou outra parte, de acordo com a tarefa que lhe foi destinada. Se alguém estiver livre, poderá dar início ao seu trabalho mesmo antes do sinal, mas depois dele que todos estejam nos seus lugares. A visita aos locais de trabalho, acredito que você já faz. O horário do almoço também é necessário. Vejo que para a leitura, vocês ainda são em poucos. Então, em vez de fazer leituras durante todo o almoço, deveriam ler, logo que sentarem, algumas linhas de um livro devoto, até que o Superior faça sinal para o leitor fechar o livro e comer também. Não sei se vocês têm o Diário Espiritual, porém eu lhes mandarei um, assim, todos os dias, poderiam ler um episódio, porque, no refeitório, não é aconselhável a leitura de livros difíceis. Para colocar sempre mais ordem na casa e cuidado com os filhos, deveria dividir os trabalhos e as tarefas de acordo com as habilidades de cada um. Por exemplo, ao Cherubino daria o total governo do campo; ao Antônio, os animais; ao José, os filhos para que possa cuidar e instruí-los também na leitura e na escrita e em outras tarefas, quando não puderem ir para o campo. Resta-lhe ainda livre o Doro, que poderia servir para substituir os outros. Envio-lhe o chapéu para o Doro, a plaina e o formão que o José me pediu. Você então, como Superior e que tem a responsabilidade de tudo, deve ver que método os irmãos vão usar para serem obedecidos pelos filhos, se os filhos respeitam os irmãos, e dar a esses o conselho, corrigir aqueles, para tê-los depois, todos com o mesmo espírito e com o mesmo sentimento. Acostume os irmãos, apenas ouçam a campainha, seja para chamá-los para o almoço, seja para o café da manhã, que deixem tudo o que estiverem fazendo e corram para onde os chama a obediência, a menos que estejam fazendo algo cuja interrupção súbita possa causar prejuízo, caso contrário deixem para terminar depois. Se você não começar a impor regras agora, que não há nada de muito importante para ser feito, pode acreditar em mim, você não conseguirá mais impô-las. E, uma vez que todos estejam acostumados a observar as regras com exatidão, haverá na sua casa a idéia de que estão realmente formando alguma coisa e os irmãos que vierem, muito embora saibam que não se trata de um Instituto já totalmente formado, o fato de verem aplicadas algumas regras, fará com que se sintam

animados e lisonjeados. Tive boas informações a respeito daquele homem de Casnigo e mandei dizer-lhe que venha a Comonte para combinar tudo a respeito do tempo para ir a Villa Campagna. Eu, porém, seria de opinião que ele viesse somente depois do primeiro dia do ano. Estou muito sentida com os setenta e cinco francos gastos com o calçamento porque tendo nós homem, condução e cavalo que não tem nada para fazer, poderíamos tê-los economizado, fazendo nós mesmos o transporte, mas agora já está feito. Incluo aqui duas linhas para os filhos. Aqueles dois outros novatos irão também depois do primeiro dia do ano. Ouvirei, com muito prazer, você dizer-me que começou estas poucas regras e se lhe parecer necessária ainda alguma outra, escreva-me que eu a acrescentarei com prazer. Deixe também que o José me escreva. Uma vez que nesta estação os filhos irão para as aulas à tarde, você pode perfeitamente ocupar o José e ele fará tudo com muito prazer. Escrevi para à Adelaide para que ela compre o palheiro⁵² para fazer a cama dos animais aí, sendo isto mais do que necessário. Enquanto você estiver fazendo a meditação, os filhos podem ocupar-se de seus afazeres junto com o Doro para cuidar deles e para ele bastará por enquanto, a meditação que fazem os filhos. Seria ótimo que, à tarde, vocês estejam todos reunidos, falo dos irmãos, porque os filhos não entenderiam, para fazerem um pouco de leitura espiritual, tão útil ao nosso espírito, mas uma meia hora somente. Vocês certamente dirão: como podemos fazer, à noite, para irmos deitar às dez horas, dar instruções, fazer com que os filhos leiam, etc.? Como terão que fazer? Eu direi para vocês. Obedeçam e estejam com o seu relógio, não ultrapassando em nem um minuto a meia hora estabelecida. Na hora da leitura, todos podem continuar trabalhando, podendo mesmo mandar que um dos filhos a faça, basta que o mesmo leia bem. Veja bem que tudo o que lhe digo é dito por experiência pois nós vemos acontecer todas essas coisas cada noite. Aquilo que lhe posso dizer então é que se vocês seguirem os meus conselhos, terão maior tempo livre. Os seus filhos, entregues aos irmãos, seja em casa ou fora dela, devem ser observados se

⁵² *Palheiro - forragem, ou seja, conjunto de palha, folhas e ervas secas usadas como cama para os animais.*

trabalham, se se lamentam, se obedecem. Antes de ir para a cama, faça verificar todas as portas e as janelas da casa para ver se não há alguma aberta, ou mal fechada e levar as suas chaves para perto de sua cama. Eu mesma, veja, tenho sempre as chaves no meu quarto e, às vezes, pode acontecer de terem que pegá-las antes do dia amanhecer e para ninguém precisar me perturbar, fizeram-me a sugestão de deixá-las em outro lugar, mas eu não aceitei. Se for preciso pegá-las depois da meia-noite, venham até o quarto. Isso não vai matar ninguém, experimente e verá. Rogo ao Santo Menino para que do Presépio, onde você diz se sente muito feliz, lhe dê uma luz para conhecer a necessidade destas pequenas regras, o dever de observá-las e, acima de tudo, a graça de vencer o orgulho humano, que não nos deixa ver as coisas com aquela clareza que seria necessária. Esqueci-me de providenciar-lhe o livro para fazer as meditações, mandá-lo-ei uma outra vez. Mando-lhe algumas figurinhas para o presépio. Com o desejo de ver começados, com referência ao espírito, os fundamentos de sua família, com todo o afeto, subscrevo-me,

Sua Afetuosíssima Mãe
Irmã Paula Elizabete Cerioli

P.S. Caro João

Continuo porque, tendo tempo, vem-me sempre à mente alguma coisa a mais para lhe dizer, e é essencial. Veja que depois das refeições, jantar, almoço ou café da manhã, nem os irmãos, nem os filhos detenham-se na cozinha para se esquentar. Terminada a refeição, como nós fazemos, podem ir ao oratório para rezar três Glórias ao Santíssimo Sacramento, somente três, lembrem-se bem. Os irmãos e os filhos que não têm como tarefa jogar os restos de comida, lavar a louça, varrer, etc., devem dirigir-se juntos para um recreio em comum em uma sala, um pórtico, de acordo com o tempo e as estações. Este lugar de recreação deverá ser assinalado pelo Superior. Então, quando os filhos tiverem aumentado, haverá necessidade de fazer duas destas recreações, isto é, uma para os irmãos e outra para os filhos juntos com um irmão ou dois, para cuidar deles. Por enquanto, não sendo vocês em grande número, podem fazer somente uma,

sendo assim muito melhor nestes começos porque você pode observar o relacionamento dos irmãos com os filhos e organizar tudo de forma que todos adotem o mesmo sistema. Agora que é inverno, se julgar conveniente, à tarde, vá ao estábulo, é um bom lugar: os meninos brincam e os irmãos conversam entre si. Pode fazê-la, entretanto, onde preferir e achar melhor, lembre-se porém de que todos deverão estar presentes. Volto a dizer-lhe, não tenha grande preocupação. Se você não quiser fazê-la no estábulo, pode fazê-la embaixo do pórtico, se é de dia, ou em qualquer sala, mas não em volta do fogo. A mesma coisa fazem as nossas monjas. Somente na noite de Natal, em memória de Jesus Menino, as monjas fazem o fogo com as filhas para se esquentarem com o fogo de galhos de junípero, espécie de pinheiro, cantando alguma canções apropriadas. Caro João, posso afirmar-lhe que encontrará um pouco de dificuldade no começo mas terá depois grande satisfação. Todo começo exige um pouco de sacrifício, mas o Senhor vai abençoá-lo. Termino, saúde a todos por mim de novo.

Comonte, 22 de dezembro de 1865

Não devemos certamente terminar este capítulo sem fazer referência, mesmo que de forma breve, à influência zelosa e muito eficaz que teve sobre este Instituto, o cônego Alexandre Valsecchi, já tanto elogiado pela veneranda Madre, e também Ele, muito afeiçoado a Ela e aos Seus empreendimentos. Mesmo depois de ordenado Bispo, Ele nunca a abandonou, dando-lhe seus sábios conselhos e valiosas ajudas e como sempre esteve, desde o princípio, vivamente interessado por este Instituto, mesmo depois quis continuar verdadeiramente como um pai. Pôs-se, pessoalmente a dirigir aqueles bons Irmãos nos assuntos espirituais, demonstrando em tudo ter por eles uma especial predileção e um cuidado particular. Visitava-os sempre e gostava muito de passar, na companhia deles e dos pobres órfãos, muitos dias, mostrando-se tão preocupado com eles como sendo a sua própria família. Prestou-se posteriormente, depois da morte da fundadora, a adquirir, com os fundos do Instituto, o Convento pertencente aos franciscanos, em Martinengo, amplo local com um terreno

vizinho de cerca de cem “pertiche⁵³”, mais ou menos 60.000 m², cercado de muros, a pouca distância da cidade. Ali se pôde, no ano de 1868, abrir uma nova casa, que até hoje funciona. Nela se dão também alguns cursos de Exercícios Espirituais aos jovens das cidades vizinhas e distantes, havendo ali acomodações para alojá-los. Agora se abre também, muitas vezes ao ano, para os eclesiásticos que ali se retiram com a mesma finalidade, sendo a casa muito adequada para isso e muito oportuno o tratamento que dispensam os irmãos e os filhos de São José. Nas férias, Dom Valsecchi freqüentemente para ali se retirava como se fosse a sua casa e preferia, como divertimento, estar no meio daquela simplicidade de homens consagrados ao bem da juventude mais pobre e necessitada de socorros materiais e espirituais. Não se descuidava de dirigir-se, de vez em quando tanto aos Irmãos quanto às Irmãs, para encorajá-los e atendê-los em suas necessidades. Por mais compromissos que tivesse nunca deixava também de visitar todas as casas particulares do Instituto, uma ou mais vezes ao ano, de acordo com a necessidade. Interessava-se também muito por tudo que dizia respeito ao Instituto. Teve depois a preocupação de obter do Pontífice Romano a primeira aprovação do Instituto, que foi concedida por Sua Santidade Pio IX, no ano de 1868, redigida nos seguintes termos:

BULA DE PIO IX

Dileto Filho, saúde e Bênção Apostólica.

Alegremos, dileto filho, que a nossa religião santíssima cada dia mais esplendidamente demostre ser filha do Céu, que transmite imagem mais clara d’Aquele que tudo inunda com suas misericórdias e compaixão. Com efeito, a cada dia vemos nascer novas instituições adequadas às diversas classes de homens, de acordo com o sexo, a idade, a condição e seus diversos anseios, acolham crianças ainda lactentes e, uma vez feitos homens,

⁵³ “*Pertica*”, no plural “*pertiche*” era uma unidade romana de medida, equivalente a dez pés quadrados

confiam-nos, como se costuma dizer, de uma mão para outra e continuamente assistem-nos nas várias fases da vida, prestando-lhes ate à morte, aqueles serviços da caridade cristã, que os diversos estados e circunstâncias de cada um requerer. Por isso, com grandíssima consolação e alegria de ânimo, aprendemos, como a nobre senhora Constança Cerioli, viúva Busecchi-Tassis, enquanto era viva, tinha todos os pensamentos voltados para os órfãos abandonados do campo e colocado à disposição, em benefício deles, as próprias economias, começando a recolher moças e moços, treinando-os no cultivo dos campos para que depois pudessem sustentar-se a si próprios e fazer uma obra útil para a sociedade e, o que é mais importante, tudo isso feito longe dos perigos da corrupção e santamente educados, levando-os, dessa maneira, a alcançar a suprema finalidade humana. Como não ficaríamos maravilhados com tal coisa, se o Egrégio Bispo de Bérgamo atribuiu amplos louvores àquela mulher tão especial; se Deus sorriu para a obra empreendida e deu-lhe grande incentivo; ainda mais que a obra, como era conveniente, foi feita com a aprovação e o fervor da autoridade eclesiástica e, segundo o sexo, os órfãos foram confiados aos cuidados de homens e de virgens pias e religiosas.

Por outro lado, congratulamo-nos contigo, que desde sua elevação ao episcopado, foi considerado digno para ser indicado a alimentar e fazer crescer este novo parto da caridade cristã. Não duvidamos que você tenha capacidade para prestar esse serviço do modo como a pia fundadora, ao que nos parece, espera que o mesmo seja prestado e para tanto, obteve dela a digna graça da liberdade para agir em sua boa obra, assim, seguindo suas intenções e votos, esperamos que você também tenha, a seu favor, uma esplêndida e incorruptível coroa. Desejamos que todas as coisas colocadas a seus cuidados sejam alegres e prósperas, e também os irmãos e irmãs que ostentam o nome da Sagrada Família, assim como ao eterno desenvolvimento desta preclara Instituição, à qual são José não faltará com a sua valiosa ajuda, ele, a quem, como a um pai muito amoroso, foram confiados, desde o princípio, meninos e meninas.

Assim sendo, como auspício do favor Divino e penhor de nossa paterna benevolência, concedemos amorosamente a você,

aos co-irmãos e às irmãs da Sagrada Família, aos filhos e filhas de
são José e a todo este Instituto, a Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto a São Pedro no dia 15 de
Julho do ano de 1868, XXIII do nosso Pontificado

Assinado PAPA PIO IX

A presente cópia confere em tudo com o original.

Bérgamo, da Curia Episcopal, no dia 23 de julho de
1868.

Feraroli, Chanceler Episcopal.

O Pontífice reinante, Leão XIII, foi além, satisfazendo os pedidos de Dom Valsecchi, ao conceder as santas indulgências, que se podem lucrar em todas as casas do Instituto, fundadas ou por fundar, tanto para o ramo masculino quanto para o ramo feminino da mesma Ordem, conforme outra Bula Pontifícia, nos seguintes termos:

BULA DE LEÃO XIII⁵⁴

Para a perpétua memória do fato. Recebemos as súplicas do venerável Irmão Alexandre, Bispo de Tiberíade, na terra dos infiéis, coadjutor do Bispo de Bérgamo, com as quais vem especificado que existe um Instituto religioso de ambos os sexos, denominado da Sagrada Família de Bérgamo, fundado pela defunta nobre senhora Constança Cerioli, viúva Busecchi Tassis, sob a invocação de são José, aprovado pelo Bispo de Bérgamo dentro dos limites de sua Diocese, com os decretos de 27 de junho de 1862 e de 3 de dezembro de 1868, muito louvado por Pio IX, nosso antecessor com cartas, de cujo início “Alegremos”, enviado

⁵⁴ O “*Manuscrito Longoni*” não contém esta Bula. Publicamos a tradução da cópia conservada no Arquivo da Casa Generalíssima de Martinengo.

ao mesmo Bispo de Tiberíade, no dia 15 de julho de 1868. Este Instituto, na verdade, tem a finalidade de recolher os filhos indigentes dos camponeses e de dedicar-se à formação cristã dos mesmos.

Por isso, o mesmo venerável irmão, a fim de que se providenciasse, seja a expansão do referido Instituto, seja para o bem e unidade dos fiéis, pediu a Nós algumas graças espirituais e Nós, atendendo com benevolência aos seus pedidos, concedemos, na forma abaixo, dos tesouros celestes da Igreja, cuja distribuição confiou-nos o Altíssimo.

Assim, pela misericórdia de Deus onipotente e confiantes na autoridade dos Santíssimos Apóstolos Pedro e Paulo, a todos e a cada um dos fiéis de um e do outro sexo, membros da referida instituição, os quais estejam verdadeiramente arrependidos e tenham confessado e comungado, no dia do ano no qual cada um renove os seus votos simples e, no mesmo dia visitem devotamente a Igreja pública, se houver, ou a capela interna onde costumeiramente se encontram para a Missa, e que rezem pela concórdia dos principes cristãos, pela estirpação das heresias, pela conversão dos pecadores e pela exaltação da Santa Madre Igreja, dentro dos limites da Diocese de Bérghamo, concedemos misericordiosamente no Senhor, a Indulgência Plenária e a remissão de todos os seus pecados.

Aos mesmos membros de um e de outro sexo do referido Instituto, por qualquer boa obra realizada, segundo as suas regras ou de qualquer outra maneira, com as devidas penitências, na forma estabelecida pela Igreja, concedemos outros 60 dias para serem acrescentados àqueles.

Ainda a todos e a cada um dos fiéis de um e do outro sexo, verdadeiramente arrependidos e confessados e nutridos pela sagrada comunhão, que tenham visitado uma Igreja qualquer ou um Oratório público do citado Instituto, no território da Diocese de Bérghamo, no dia da festa de são José, esposo da Bem-aventurada Virgem Maria; de São Francisco de Assis, de Santo Isidoro Agricultor, desde as primeiras vésperas até o ocaso desses dias, em cada ano, tenham devotamente visitado e ali tenham rezado pelos motivos supra citados, no dia que tiverem feito isso,

concedemos misericordiosamente no Senhor, a Indulgência Plenária e a remissão de todos os seus pecados.

Todas as Indulgências particulares e remissão dos pecados e a extensão das penitências, permitimos que possam ser aplicadas também em sufrágio das almas dos fiéis defuntos que ainda estejam no purgatório. Revogamos qualquer disposição em contrário.

Isto tem validade para os tempos presentes, perpétuos e futuros. Queremos pois que a transcrição das presentes cartas e também as cópias feitas à mão por algum tabelião público ou por uma pessoa investida de dignidade eclesiástica, sejam reconhecidas como autênticas, como são as presentes, se forem exibidas ou apresentadas.

Dado em Roma, junto a São Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 13 de setembro de 1878, primeiro ano do nosso pontificado.

Pro Dom. Cardeal Asquinio
D. Iacobini sub

19º CAPÍTULO

FUNDAÇÃO DA CASA EM LEFFE – 1863

Enquanto se faziam os preparativos para a fundação da casa de Santa Maria, em Soncino e dos Irmãos da Sagrada Família, em Villa Campagna, a Sra. Dedei continuava a escrever para que a fundadora fosse até lá a fim de ver se a sua casa era adequada para o fim desejado. De fato, a fundadora atendeu aos seus pedidos e, abandonando por um momento Soncino e Villa Campagna, dirigiu-se para Comonte, donde, a conselho do cônego Valsecchi, vestida com trajes seculares para não chamar a atenção dos habitantes do lugar, em companhia de uma postulante, e do próprio cônego, foi a Leffe à casa da Sra. Dedei.

Visita-a e por achá-la situada muito no centro da cidade e por isso, não adequada para um Convento, imediatamente foi-lhe apresentada uma outra, originária dos marqueses Terzi, junto à qual havia até uma pequena Igreja com os necessários pertences. Logo foi julgada perfeitamente apropriada aos nossos objetivos. Fizeram-se então rapidamente as transações necessárias para obtê-la e em menos de três dias, com a mediação do nosso procurador e de outras pessoas que se prestaram, fechou-se o contrato e a casa tornou-se propriedade do Instituto.

APÊNDICES

PROJETO PARA A REUNIÃO DOS PADRES COM OS IRMÃOS DA SAGRADA FAMÍLIA

Ou seja

ANOTAÇÕES DA FUNDADORA

a respeito do Instituto dos Filhos de São José, se Deus, na sua grande misericórdia, permitir que seja fundado.

09 de julho de 1860

Providências a serem tomadas para a primeira prova, que deverá iniciar-se no dia de São José, 19 de março de 1861.

Capítulo 1º

PESSOAL NECESSÁRIO PARA COMEÇAR

I – Um diretor, eclesiástico, que no princípio, por economia de pessoal, deverá dar aulas de caligrafia, aritmética, leitura e instrução religiosa aos meninos recolhidos e sirva, além disso, para cuidar da correspondência, registros e tudo o mais necessário para o bom andamento da Casa e dos próprios Filhos.

II – Um diretor de agricultura, que dirija os trabalhos no campo, estando em companhia dos meninos; será necessário porém que,

além das instruções de agricultura verbais, trabalhe também ele com os meninos para dar-lhes com o exemplo, maior incentivo e amor.

III – Um ecônomo, que cuide da casa, despensa e cozinha e que acompanhe também o diretor de agricultura nos trabalhos do campo.

Capítulo 2º

DESENVOLVIMENTO

Esperando que estes começos se desenvolvam de maneira feliz, como não duvido que acontecerá, aumentando o número dos candidatos, do pessoal e dos benfeitores, formar-se-á com estas primeiras e pequenas sementes, um Instituto formal, que será depois a fonte e a nascente de inumeráveis outros que se espalharão pelo mundo, para a maior glória de Deus e para o benefício do homem porque está baseado na simplicidade, na ocupação e na inocência.

Capítulo IIIº

O CORPO DO INSTITUTO

Os padres da Sagrada Família: daí que o Instituto se chamará Instituto da Sagrada Família e os sacerdotes serão chamados.

Essa nova congregação religiosa, será formada de duas ordens, isto é, de padres e de coadjutores que, para serem diferenciados dos padres, serão chamados de Irmãos da Sagrada Família. Os padres confiarão a eles os cuidados, a direção e o preparo agrícola das áreas cultivadas pelos Filhos de São José, pois assim serão chamados os órfãos aceitos e mantidos no Instituto.

Capítulo IVº

REGRAS FUNDAMENTAIS DOS PADRES.

Devem dedicar-se com todas as suas forças, meios e recursos em benefício particularmente da classe pobre e camponesa, mantendo por conta própria, nas suas casas, o número de meninos que forem admitidos conforme a possibilidade da casa, educando-os na arte da agricultura, como Deus consagraria a esta arte todos os homens, se a soberba e a ambição não tivesse colocado obstáculos aos seus admiráveis desígnios. Além pois do recolhimento dos Filhos de São José, os padres deverão se dedicar, se possível gratuitamente, às missões no campo, aos enfermos, à confissão, à instrução religiosa, em casa ou fora, e a outras obras de caridade que julgarem úteis e necessárias, sempre porém sob a dependência do ordinário e dos respectivos párocos.

Capítulo Vº

DOS IRMÃOS LEIGOS OU COADJUTORES

Estes farão os três votos religiosos de praxe, nas mãos dos padres, pelo tempo que permanecerem no Instituto e deverão estar dispostos a trabalhar no campo junto com os Filhos de São José, para dar o exemplo, e aplicarem-se a todos os outros misteres e trabalhos que os padres assumirem para o Instituto, para vantagem dos órfãos e do próprio Instituto.

Capítulo VIº

GOVERNO DA CASA.

O governo estará, todo ele, nas mãos dos Padres e entre estes escolher-se-á um que terá o nome de Superior Geral e governará todas as casas. Os Padres representam o Instituto e serão responsáveis pelo bom ou mau resultado, tanto dos indivíduos como das obras empreendidas. Controlarão as entradas e farão na casa e no Instituto tudo quanto julgarem for melhor para a maior glória de Deus, sempre porém segundo a própria instituição e aprovação do Ordinário.

Capítulo VIIº

DOS ÓRFÃOS OU FILHOS DE SÃO JOSÉ

Os órfãos serão, mais particularmente, confiados aos cuidados e companhia dos irmãos leigos, porém, somente os Padres são responsáveis diante de Deus e dos homens pela educação, sucessos e comportamento deles, não devendo, portanto, jamais perdê-los de vista, em casa ou no campo, de noite e de dia, saudáveis ou doentes. O governo dispensado pelos Padres será doce, afável, paciente... Jesus Cristo, sua doutrina e seus preceitos lhes servirão de exemplo e regra. A persuasão, o amor, a estima, o respeito para com os padres deverá ser para os filhos o estímulo a seu bom comportamento, a finalidade dos seus trabalhos e o motivo de sua boa conduta. Nunca se deverá reprovar os filhos para corrigi-los de seus erros, do infeliz nascimento, da sua condição, da sua pobreza e do pão que comem! Não era esta a condição do Unigênito feito Homem ? Não foram sempre os pobres o objeto dos seus cuidados e das suas atenções ? É talvez maior, diante de vocês, o filho do nobre que o do camponês? ...E fazem vocês distinção de privilégios entre este e aquele ? Não, são as virtudes, os méritos e os talentos que elevam o homem, tornando-o grande e distinguindo-o aos olhos do Altíssimo. Com estas máximas do Evangelho, os padres e os irmãos tratarão os filhos com amor, com educação e com alegria; assim criados, poder-se-á destruir aquela muralha de divisão que existe entre a classe alta e baixa, construída graças a falsos princípios e péssima educação.

Capítulo VIIIº

TRABALHO E EMPREGO DOS FILHOS DE SÃO JOSÉ

O principal trabalho, diria mesmo o único, dos Filhos de São José, do qual ninguém poderá jamais eximir-se, será o trabalho da terra. Para que este trabalho seja amado e preferido a todos os outros, será conveniente mostrar sua utilidade. A estima que um tempo se

tinha por esta arte, aquele brilho e esplendor que os vícios, a ociosidade e a soberba, com grande dano, lhe tiraram. Então, que o trabalho seja acompanhado com instrução; a instrução com a prática, a prática com a experiência. Desta forma, trabalharão sem cansar-se, terão amor por ele sem desprezo e o estimarão com conveniência. Ajudem a agricultura e embelezem-na com outros dotes. Uma virtude isolada nunca é completa, assim, a agricultura sozinha será sempre muito rapidamente esquecida. Portanto, habilitem os filhos de são José em outras ciências e trabalhos que sejam compatíveis, sempre tendo como objetivo principal a finalidade de sua Instituição. Ensinem a eles a ler bem e sem erros, a escrever corretamente, a fazer cálculos com destreza. Dêem a eles algumas noções de Botânica, Química, Zoologia, fundamentos da ciência agrária. Além desta variedade de estudos, mantenham suas mentes continuamente ocupadas, impedindo assim que outros pensamentos e inúteis desejos se instalem, em jovens acostumados ao ócio e à falta de disciplina. Serão úteis todos estes estudos para gerar nos jovens amor e estima a esta arte. E para tanto, dêem a eles algumas simples instruções. Um dos inimigos capitais da juventude é o ócio, por isso deverá procurar-se, com todas as forças, impedir a entrada deste inimigo entre os filhos de são José. Com este propósito, serão mantidas sempre abertas, nas casas, oficinas como carpintaria, sapataria, tecelagem; estas oficinas servirão também para ocupar aqueles meninos que, por doença ou fraqueza de constituição, explicadas e conhecidas somente depois de terem sido admitidos no Instituto, não puderem trabalhar no campo. Poderão também ser usadas nos dias e nos tempos em que os meninos não puderem trabalhar nos campos, como no inverno, dias chuvosos e horas mais quentes do verão.

N.B. Não deverão ser admitidos no Instituto senão meninos de uma mesma condição, isto é, somente aqueles criados para a agricultura ou que a esta puderem ou quiserem se dedicar, de outra forma jamais se conseguirá formar um bom agricultor, nem fazer amar a esta arte.

Capítulo IX°

OCUPAÇÕES PARA OS ÓRFÃOS QUANDO IMPEDIDOS DE TRABALHAR NO CAMPO.

Cultivo de flores – Preparar o linho, batê-lo e desembaraçá-lo.- Cardar a lã e retalhos.- Fazer chapéus de palha.- Vassouras grandes e pequenas.- Fazer cadeiras e empalhá-las.- Fazer coroas, encadernar livros, fazer redes, etc.... – Carpintaria, fazer móveis para uso próprio, se tiverem que fabricar, os meninos podem se tornar ajudantes de carpintaria. – Tecelões, serralheiros, alfaiates, pedreiros, sapateiros, tintureiros.

CAPÍTULO X°

VIGILÂNCIA DOS MESMOS

Atenta e rigorosa, mas sem que o saibam e nem mesmo suspeitem. Nunca sozinhos, mas que não percebam isso; escutar tudo, mas sem ser visto. Exatidão nas regras.

Capítulo XI°

ALIMENTAÇÃO E ROUPA DOS ÓRFÃOS

Alimentação sadia, mas não delicada; abundante, mas sem desperdício. Por exemplo, de manhã pode-se comer a seco, pelo menos no verão. Eu introduziria, para os órfãos, o pão misto para o café da manhã, merenda e jantar, exceto aos domingos e dias de festa, quando lhes daria o pão branco. A polenta, somente no almoço, com uma iguaria diferente todos os dias, alternando carne de boi, salame, verdura, ovo, etc.; a sopa, somente no jantar. Quanto à roupa eu gostaria que não fosse nem muito civil, nem muito pobre. Faria usar no campo e em casa uma camiseta longa⁵⁵

⁵⁵ *Ableüs, espécie de camiseta longa, que vai até o joelho e é presa na cintura por uma cinta.*

de tecido leve, no verão, e de lã, no inverno, com cinta de couro, e quando saírem, usem um blusão mais pesados⁵⁶. Para a cama, somente o colchão de palha, travesseiro, lençol, coberta de lã e colcha uniformes. O estrado da cama de ferro, a limpeza muito grande, seja para o pessoal dos órfãos como para toda a casa. Os móveis, nada de supérfluo, somente o necessário. Alguém poderá dizer que a roupa, o alimento e a casa toda não são adequados para camponeses, respondo por experiência própria, que esta nova maneira de tratar os camponeses servirá admiravelmente para restituir à sua Arte aquele amor, estima e respeito que os modos impróprios, a sujeira, a indiferença para com cada propriedade dos nossos camponeses de hoje lhe tiraram. Isto será vantajoso para a saúde e, diria também, para a economia, porque a limpeza e o capricho conservam admiravelmente cada coisa e, o desejo de possuir certas comodidades induz a ser econômico para depois adquiri-las.

Capítulo XIIº

PRIMEIRAS IDÉIAS E ORIENTAÇÕES DOS IRMÃOS DA SAGRADA FAMÍLIA, CUJOS INÍCIOS DATAM DE 1863.

A Divina Providência que fez nascer a congregação das Irmãs da Sagrada Família para abrigo das pobres filhas do campo e com vantagem para toda a classe camponesa e que, de um modo admirável, cresceu e tendo sido aperfeiçoada tão rapidamente, inspirou, já há algum tempo, a fundação de uma congregação de sacerdotes e leigos unidos em família religiosa, com a mesma finalidade e o mesmo espírito das Irmãs, dedicando-se totalmente aos camponeses e mais especialmente ao recolhimento e educação dos mesmos, com a grande vantagem ainda de que, sendo alguns deles padres, poderiam também fazer missões nos vilarejos, ouvir confissões, instruir e dirigir oratórios e fazer outras obras de

⁵⁶ *Peches, casaco com largas fraldas que circundam inteiramente as coxas da pessoa.*

caridade em favor daquela pobre gente, como cada um pode ver e facilmente imaginar. Esperava-se, portanto, que aquela Providência, a qual de imprevistas circunstâncias havia feito nascer as Irmãs da Sagrada Família, fizesse conhecer os seus maravilhosos caminhos onde prestaria o seu socorro à nova fundação, que pela sua natureza e pelas especiais dificuldades dos tempos, parecia quase impossível. Mas o Senhor para quem nada é difícil e até brinca, pode-se dizer, com os cálculos dos homens, secretamente preparava a estrada. No presente ano, tendo feito pressentir, através de várias e inesperadas mas admiravelmente propícias indicações, que era coisa bastante fácil e simples aquilo que, a princípio, tinha parecido impossível, pensou-se então em lhe dar início no ano seguinte, de 1864. E já se andava preparando as coisas para aquela ocasião, quando, novas e imprevistas circunstâncias fizeram com que decidissem começar no próximo dia de São Martinho, 11 de novembro de 1863.

Somente três irmãos seculares e um filho, presididos por um sacerdote, serão como a semente do Novo Instituto. Todas as obras de Deus começam do pouco e vão, pouco a pouco, crescendo, como o grão de mostarda do Evangelho. Assim, que a graça do Senhor cresça e multiplique esta pequena semente. A função destes três irmãos, por enquanto, será a de conduzir e administrar as duas propriedades Campagna e Campagnola, situadas no território de Soncino, as quais serão entregues, em seguida, uma às Irmãs e outra ao novo Instituto. Supervisionar os trabalhadores que ali cultivam a terra e manter um registro exato de todos os lucros da mesma propriedade. Esta vida aparentemente secular não os eximirá do objetivo principal da fundação, isto é, recolher e abrigar muitos filhos para trabalharem por conta própria, sem outras ajudas, a terra a eles confiada, das quais devem retirar a manutenção e a subsistência do Instituto.

Os sacerdotes e os leigos, unidos em família religiosa, assumirão o nome de Irmãos da Sagrada Família e os filhos dos pobres camponeses, acolhidos e educados por eles, serão chamados de Filhos de São José, patrono principal do Instituto e das casas simples e pai de todos. A educação agrícola, que pela própria finalidade e pela natureza especial do mesmo Instituto, será dada exclusivamente para aqueles pobres filhos, não para

repreendê-los mas para que seja uma fonte de maiores riquezas, oferecendo os meios de educar um número de órfãos e de miseráveis maior do que seria possível se fossem criados para os estudos ou então, para as artes e trabalhos diversos.

Por outro lado, a vida campestre e laboriosa, além de propiciar o desenvolvimento e a saúde do corpo, faz aumentar as forças físicas, influirá muito para conservá-los na simplicidade primitiva, com grande vantagem para a moral e a pureza de hábitos. Todavia, também a vida nos campos deverá dar lugar a algumas instruções, primeiramente às instruções necessárias e fundamentadas no Catecismo e na História Sagrada, ao ler e ao escrever e rudimentos de Aritmética e também de História Natural, tanto quanto for necessário para o cultivo dos campos; tudo porém dentro daquelas medidas e daquela maneira que mais for conveniente à condição dos camponeses, e isto jamais deverá ser perdido de vista.

Sobretudo nas ocupações campestres deverão alternar-se , fazendo com que todos participem daqueles trabalhos que possam tornar-se úteis para os camponeses e agradáveis para o Instituto, já citados acima, isto é, de sapateiro, pedreiro, etc., para estes serviços deverá haver oficinas no Instituto, onde poderão exercitar-se os Filhos de São José nos dias chuvosos e nas horas mais quentes do verão, mas mais particularmente no inverno, e ali poderão ser ocupados, de preferência, aqueles filhos que por enfermidade inesperada, não estiverem mais aptos à agricultura.

A novidade da Instituição, a qualidade das obras empreendidas, a vida laboriosa, a supervisão e educação dos filhos de São José, antes que tolher ou embrutecer o espírito, deverão dar mais força e vigor aos primeiros Irmãos desta nascente Sociedade, para colocá-los com todo o empenho de que são capazes, em uma obra tão santa, para a qual foram chamados e escolhidos pelo próprio Deus, no meio de tantos. É provável que os Irmãos , por este ano, tenham escondido possivelmente as suas qualidades e ocultado as suas idéias, para evitar falatório sobre sua Instituição, pois para muitos parecerá estranha e até talvez ridícula e inútil. Poderiam até desvirtuá-la, criando obstáculos à obra ou procurando dissuadir ou desanimar alguns dos irmãos, incentivando-os a abandoná-la.

Tomem pois todas as precauções que forem necessárias para que a obra possa não somente continuar mas também ser consistente e crescer até ser terminada. Pela mesma razão, os irmãos reunidos não poderão, este ano, viver uma vida verdadeiramente regular, como seria desejável. Vivam, todavia, como se estivessem em comunidade, não possuindo nada de próprio, não sendo lícito dar ou aceitar coisa alguma, escrever cartas ou recebê-las, sem a expressa permissão do superior local, que, por enquanto será um de vocês três e de quem deverão depender em tudo e para tudo.

Terão um método de vida e um horário que deverá ser o mais compatível possível com a presente condição excepcional, devendo ser o mesmo adaptado e mantido com precisão. Recitarão em comum o Exercício do Cristão, os sete Padre-nossos para São José, pai e protetor especial de todos vocês, em uma visita que lhe farão durante o dia. Por enquanto, a Santa Missa fica prescrita para todos os dias, meia hora de meditação de manhã e à tarde, o exame de consciência, particular e geral, antes do almoço e depois da janta; uma meia hora de leitura espiritual durante o dia, o rosário, a visita ao santíssimo sacramento à tarde, a confissão sacramental todas as semanas, a comunhão todos os domingos; serão também assíduos a todas as funções realizadas na Igreja local; procurarão, segundo a oportunidade e as circunstâncias, dar um pouco de aula à tarde, principalmente para aqueles que estão impedidos de frequentá-la durante o dia; de tomar parte, na paróquia, no exercício da doutrina cristã em favor de toda aquela juventude; de promover, depois das sagradas funções, alguma recreação, da mesma forma sempre sob a vigilância de vocês e separadamente dos Filhos de São José. Entretanto, estejam bem atentos para não forçá-los a fazer alguma coisa, mesmo que seja boa, se a mesma não estiver sendo desejada ou bem aceita, especialmente pelo pároco ou pelo capelão local.

Por outro lado, participarão de uma mesa comum, havendo o mesmo tratamento para todos, o mesmo cuidado com a saúde, as mesmas preocupações. O superior não gozará de nenhuma outra distinção a não ser aquela de maior respeito e dependência de seus irmãos e do dever maior de sempre precedê-los com o exemplo e nas virtudes mais particulares do Instituto.

Não obstante a condição deles seja a de civis, não devem ser tratados com desdenho mas com familiaridade juntamente com

os seus órfãos pobres, amem-nos como muitos pais e como tais, tenham para com eles toda a atenção e todo cuidado, muito embora sejam rudes e miseráveis, considerem-nos como depósitos confiados a vocês por Deus e por são José. Jesus Cristo, Filho de Deus, passou toda a sua vida no meio de pessoas pobres e rudes, nos campos e na solidão. Poderá o discípulo desdenhar o que fazia o Mestre? Pretenderá o dependente ser maior do que o patrão ? Por isso, os irmãos leigos da Sagrada Família não se recusem nem mesmo a participar, junto com os filhos, dos trabalhos no campo, se for necessário e de todos aqueles trabalhos e serviços que forem introduzidos nas suas casas, considerando sempre que o exemplo é o melhor de todos os incentivos.

Procurem então, da melhor maneira possível, com base no princípio de que é preciso integrar-se totalmente e fortificar-se no espírito e nas virtudes que são o fundamento do Instituto, encherem-se desse espírito e virtude a tal ponto, que possam transferi-los para os outros, devendo o exemplo de cada um servir de norma a todos aqueles que, pela graça de Deus, forem chamados a ser seus companheiros ou sucessores neste ministério de tanta caridade, em uma obra repleta de tanta glória de Deus.

MORTE DA BEM-AVENTURADA MÃE

A frágil compleição da venerável Mãe e a doença cardíaca que sempre a perturbava, muito contribuíram, como já o dissemos tantas vezes, para a santificação sua querida alma, que se aproveitava de todas as ocasiões para completar a vitória sobre si mesma. , Quanto menos as forças físicas podiam corresponder ao ímpeto incontido dos anseios de sua heróica abnegação, tanto mais sofria.

Raras vezes, isto é, somente quando a doença deixava-a impotente para governar, ela concordava em deitar-se. Mas, mesmo assim, não se cuidava muito, pois logo que sentia voltar-lhe um pouquinho de ânimo, aparecia de repente e começava outra vez a sua vida de infatigáveis trabalhos. Quando

os médicos a visitavam, encontravam-lhe o pulso sempre febril e diziam-lhe: “O seu pulso é mesmo extraordinário! “Se lhe receitavam remédios, dizia: “Oh! Os remédios fazem com que a doença se desenvolva ainda mais e, quando se pode deixá-los de lado, é melhor”. Por isso, nada tomava, ou muito raramente os utilizava. Às vezes, poucas pílulas duravam meses e, se aceitava alguma, dizia: “Agora chega, vamos deixar um pouco para outra vez”.

Quando a sua doença cardíaca piorava, tornava-se logo evidente por causa do inchaço que lhe aparecia nas pernas, mas, nos últimos dias que precederam a sua morte, este sintoma não apareceu.

Deixava bem claro ter uma total previsão do gênero de morte que lhe estava reservada, dizendo muito assustada: “Como seria? Que imprevisível mudança, acordar e encontrar-se na presença de Jesus Juiz! Ah! façamos tudo o que deve ser feito enquanto é tempo, enquanto é dia!”

Já há algum tempo a santa Mãe sentia aversão por qualquer tipo de alimento, com prejuízo geral para o seu físico e, mesmo assim, disse à sua primeira companheira: “Tenho necessidade de movimentar-me, devo ir a Santa Maria, em Soncino e esta viagem, parece-me, vai me ajudar”. Foi realmente e lá permaneceu por muitos dias.

A Superiora daquela Casa e todas as Irmãs notaram que naqueles dias ela deteve-se, mais do que de costume, a rever cada coisa, fosse no plano espiritual ou no plano material e não houve assim oficina, das irmãs ou das filhas, que não fosse por ela visitada, dando as ordens de um modo tão solícito que as irmãs ficaram maravilhadas e a própria superiora, sorrindo, disse-lhe: “desta vez está mesmo fazendo o papel da verdadeira superiora geral”.

Terminado tudo o quanto havia planejado, retornou a Comonte. Irmã Luíza, à sua chegada, correu ao seu encontro, ansiosa por saber se a saúde da sua diletta mãe tinha se restabelecido e ficou contente de ver restituídas as suas cores naturais e mais ainda de ouvi-la responder: “Estou mesmo melhor, sim. Irmã Rosa (que era então superiora em Santa Maria)

com as suas atenções e tudo o mais desta viagem, devolveram-me a vida “.

Passados alguns dias porém, Irmã Luíza que, com os olhos do coração, tentava sempre adivinhar os sofrimentos da Mãe, sempre preocupada em não deixar isto transparecer, logo percebeu que uma certa inquietação a dominava e uma estranha sonolência a atormentava. Não se pode porém dizer que angústia experimentava esta sua filha primogênita, vendo a sua santa Mãe agindo assim tão diferente do que sempre fora, isto é, agitada. Também o cochilar era coisa totalmente nova para Irmã Luíza, que comenta: “Eu nunca a tinha visto cochilar, pelo contrário, às vezes não dormia nem mesmo à noite e nem mesmo no verão. Retirava-se por uma meia hora em sua cela, naquela estação, mas quase nunca adormecia; em vez disso lia, meditava, escrevia, etc., e agora, pelo contrário, a cada momento, era tomada pelo sono. A Veneranda Mãe, quando percebia, rápido sacudia-se e reprovando-se a si mesma, dizia: “Que dorminhoca estou me tornando!” Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia livrar-se daquela espécie de letargia.

A inquietude ia, pouco a pouco, diminuindo até ficar totalmente tranqüila, de modo que se conseguiu fazer com que se alimentasse de maneira mais adequada, tomasse os remédios e caldos julgados mais convenientes e aceitasse algumas comodidades convenientes à sua posição e à sua saúde delicada, tais como: trocar os talheres de ferro usados em comunidade por talheres de prata, levar o sofá para o quarto, etc. Causou, porém, admiração vê-la agradecer a tudo isso, quando, em todas as outras vezes em que esteve doente, não tinha sido possível fazê-la aceitar nenhuma das atenções que lhe tinham sido dispensadas.

Sentia como que o sangue movimentar-se nas artérias e espalhar-se do coração até alcançar toda a cabeça , não conseguia acomodar-se na cama nem ficar sentada, de modo que apenas sentava-se, levantava-se rapidamente e punha-se a andar pelo quarto. Uma noite, sonhou e delirou, coisa que nunca tinha feito na vida. O médico ordenou que lhe fossem aplicados sanguessugas, mas as companheiras, temendo que em vez de animá-la pudessem prejudicá-la ainda mais, recorreram ao antigo médico da casa, que antes já a havia curado muitas vezes. Ele

também prescreveu a aplicação de sanguessugas, que lhe foram então aplicados. O mal, entretanto, se agravou e de novo foi chamado o médico que chegando, examinou a enfermidade da santa e, percebendo que a inchação provinha do humor aquoso, receitou pós que fariam desaparecer aquele humor mas, durante todo aquele dia, que foi o último de sua vida, não se viu nenhuma melhora significativa.

Perto do meio-dia, levantou-se da cadeira e expressou o desejo de experimentar fazer um pequeno passeio pelo jardim. Irmã Luíza a acompanhou. Ela dizia estar sentindo-se melhor mas, não podendo sustentar-se em pé, voltou para o quarto onde continuou, até o entardecer, alternando ficar sentada um pouco e depois levantar-se e passear. Foi neste dia que, entre a vida e a morte, escreveu sua última carta a Capponi, que lhe enviamos diretamente.

À tarde, disse querer deitar-se porque sentia-se muito cansada. Sofria muito com o mal que piorava, permanecia, apesar de tudo, com o ânimo tranqüilo. “Mas, que é isso, perguntava à Irmã Luíza, em outras vezes em que me aconteceu de não poder cumprir com minhas obrigações piedosas, experimentava, uma certa dose de culpa, mas hoje não sinto nenhuma preocupação?”.

Sua companheira respondeu-lhe: “A senhora não deve se preocupar. São Francisco disse que, neste estado de saúde, se não se está rezando, se está fazendo penitência”.

E ela: “As outras vezes, quando estava doente, não suportava o temor que tinha de apresentar-me, ao morrer, perante o tribunal de Deus e agora, nem ao menos me passa pela mente semelhante idéia, como se eu não estivesse doente”.

Irmã Luíza, que não imaginava que aquilo pudesse acontecer, tinha certeza de que Deus, por enquanto, não lhe tiraria a santa Mãe; pelo contrário, nutrindo grande confiança de que rapidamente aquela doença seria afastada, acrescentou : “Não deve nem ao menos pensar em tais coisas”. Porém, dizendo isto, sentia dentro de si um grande temor de que aquela doença pudesse agravar-se e andava, consigo mesma, rezando para que o Senhor restituísse a saúde à santa Mãe, cuja vida era tão preciosa.

Irmã Paula Elizabete, enfim, disse-lhe que desejava confessar-se para readquirir a indulgência do Santo Jubileu, então

em curso. Porém já tinha, uma vez, cumprido as práticas nos dias de seu último passeio a Soncino, mas temia não ter feito tudo direitinho, por isso, renovou a intenção de recebê-la e quis cumprir as práticas impostas; mas, querendo também jejuar, segundo o prescrito, irmã Luíza, que via agravar-se seu estado, persuadiu-a de não praticar o referido jejum. A santa Mãe quis então saber do confessor que outra penitência deveria fazer em lugar do jejum, “porque, dizia, amanhã de manhã quero comungar para o cumprimento do prescrito”.

“Conduzi então até o seu quarto o capelão da casa, relata irmã Luíza, a que se confessou, ficando na cama onde estava deitada e também agora, como em cada uma das outras vezes em que recebia o sacramento da penitência, ficou muito consolada. A sua grande fé, simplicidade e singeleza fazia-lhe dizer que no momento em que qualquer confessor lhe dava a absolvição, parecia-lhe ver o santíssimo Sangue de Jesus Cristo escorrer sobre sua alma e purificá-la de qualquer mancha”.

“Estou confessada, exclamou a bem-aventurada Mãe! Oh! Como o Senhor é bom! Quantas bonitas graças são feitas! Veja! Há poucos dias fizemos a nossa confissão anual com o Cônego Valsecchi, com a qual ficamos muito contentes e agora, de novo, estamos reconciliadas com Deus! Amanhã comungaremos e receberemos a indulgência plenária. Temos tido mesmo muita sorte. Depois haverá ainda a solenidade do Natal... que beleza ! Amanhã cedo levantar-nos-emos um pouco antes do horário normal e, no caso de sentir-me fraca, comungarei antes da santa missa “.

Naquela mesma tarde, em nossa Igrejinha, foi dada a Bênção com o Santíssimo Sacramento.

“Enquanto decorriam as funções, prossegue Irmã Luíza, permanecia ao lado do seu leito, mas, havendo ali somente uma leve parede de madeira dividindo o quarto da fundadora do coro da Igreja, podia acompanhar as sagradas funções, pois se ouvia tudo perfeitamente. Quando foi entoado o *Tantum Ergo*, mandou-me ir até o coro para receber a bênção do venerável, e eu fui. Enquanto isso rezava pela querida doente, vi, de repente, apagar-se sobre o altar, a primeira e a mais alta vela que estava acesa. No mesmo instante, senti como que um pressentimento no

coração de que aquilo fosse um sinal de que não estava longe o apagar-se da preciosa vida da santa fundadora. Senti uma dor profunda, um aperto no coração, mas rapidamente e a custo de muita força, afastei para longe de mim o desolador pensamento e voltei-me para Deus com ardor de oração confiante, repetindo: Não, não, o Senhor não nos mandará uma desgraça assim tão grande, meu Deus, não permita tal coisa.

“Saí depressa do coro para o quarto e corri ao leito da querida Mãe, encontrando-a arfante a apertar contra si o Crucifixo que lhe pendia do pescoço, beijando-o com grande ânsia”.

“Eu toquei nela docemente , dizendo-lhe: “O que faz com tão grande empenho ? “ E Ela: “Beijo o meu Crucifixo”. “Não se esforce tanto pois pode prejudicar-lhe” “ Que posso mais eu fazer? Precisa mesmo que me esforce muito para afastar para bem longe tantas impudicas e torpes imagens que se formam na minha mente. O que me diz? Não se peca verdadeiramente quando se consegue afastá-las, não é verdade? “Depois exclamou: “Jesus, Jesus, Jesus, eis-me toda Vossa!” Então tranqüilizou-se e toda contente disse: “Dê-me um pouco de comida, sinto necessidade”. Rapidamente trouxeram-lhe uma sopa leve, um pouco de frango e duas colheres de vinho. Comeu com prazer mas com inusitada pressa e disse: Agora estou melhor”.

Acomodou-se e ficou quieta por alguns instantes. Nesse meio tempo eu comecei a falar-lhe de coisas importantes sobre o Instituto e a ler-lhe algumas cartas recém chegadas. Ela a tudo prestava atenção e a tudo respondia, indicando-me a quem e como deveria responder. Recomeçamos, logo em seguida, a falar sobre a comunhão do dia seguinte e disse-lhe que eu mandaria um lencinho para o Bispo benzer para Ela, pois Ela tinha grande fé nas orações daquele santo Homem; mas ela, um pouco surpresa, perguntou-me: “Como e por que? Estou muito mal?” “Não, não, lhe disse, de jeito nenhum, faço somente porque a Senhora tem tanta fé n’Ele que estou certa de que depois desaparecerá também este pequeno mal-estar”. Ela acrescentou: “É talvez uma grave doença a minha? Não é verdade?” “De jeito nenhum,” disse-lhe, e ela: “Seja feita a vontade de Deus”. Depois, olhando para o alto, parecia invocar o Senhor para que a ajudasse, temendo muito o fato de ter que comparecer diante do divino tribunal. Então disse:

“Amanhã... amanhã eu mesma quero escrever ou então ditar uma carta para o senhor Bispo na qual quero falar-lhe de tudo”.

No mesmo dia veio, pela segunda vez, o médico e achando que o remédio não havia produzido o efeito desejado, ordenou para continuar ainda com os mesmos remédios; porém não deu a entender, em momento algum, que se tratava de uma doença séria. Até às dez da noite, permaneceu no quarto da doente a sua primeira companheira com outra irmã, irmã Francisca Luiselli. Ambas fizeram de tudo para poder agradar à doente. Ela, depois, agradeceu-as cordialmente pelos contínuos cuidados que lhe dispensavam. Irmã Luíza, entretanto, vendo-a muito inquieta, disse-lhe: “Se eu soubesse de algum remédio que pudesse acalmá-la um pouco!”. Vinham-me lágrimas aos olhos em vê-la continuamente virando-se de um lado para o outro, sem poder acomodar-se. De novo, disse-lhe: “Procure dormir um pouco”; e ela respondeu: “Se soubesse! Faço de tudo para ficar quieta mas não consigo! Sabe, é uma doença que não desejo nem para as pedras”. Ao dizer essas palavras, parecia que ia chorar.

Finalmente aquietou-se, dali a pouco porém, quis, sozinha, sair do leito e, de novo, deitou-se. Nós a acomodamos da melhor maneira possível. Finalmente parecia que ia dormir e disse-nos assim: “Deitem-se e assim repousarei também eu. Parem de andar em volta de mim. Repousemos todas as três”. A primeira companheira deitou-se em uma caminha perto da doente, pois já há três noites não dormia para poder cuidar dela; a outra irmã também repousou-se em um sofá, no mesmo quarto. Vendo que a boa Mãe havia, finalmente, conciliado um sono tranqüilo, nós também dormimos. Cerca de uma hora depois da meia noite, a primeira companheira, que dormia perto do seu leito, separada somente por uma pequena cortina, devagarinho levantou a cortina e olhando como estava ainda bem acomodada, como a havia deixado algumas horas antes, por isto não arriscava movimentar-se, parecendo-lhe que ela dormia tranqüila. Teve, porém, de relance, um triste pensamento, um tremor interno fez com que pressentisse a desgraça.

Levantou-se imediatamente, pegou uma luz que estava acesa em um canto do quarto e começou a olhá-la fixamente, não percebendo a sua respiração, arrepiou-se e toda trêmula, não

podendo acreditar na realidade de sua morte, levantou devagar a colcha e pegou-lhe a mão, que ainda estava quente e, vendo que a mesma caía, teve que admitir que acabara apenas de expirar enquanto dormia, estando ainda, como foi dito, na mesma posição em que havia adormecido.

Tinha os olhos ainda fechados, e o semblante tranqüilo de modo que não parecia morta; acordou a companheira que estava no mesmo quarto, Francesca Luiselli, e lhe fez sinal, mostrando o leito onde havia acontecido a funesta desgraça. Era mais ou menos duas horas depois da meia-noite. A mesma Irmã chamou duas outras, as quais vestiram-na. Irmã Luíza assim escreve: “Não posso exprimir a dor que senti naquela hora fatal, basta dizer que parecíamos, as quatro, feitas de pedra, de modo que não podíamos nem falar, nem chorar. Ditei quatro cartas sem saber muito bem o que estava fazendo.

Na hora do despertar comunitário, que era tocado às 6:00 horas, levantei-me da cadeira e coloquei-me ao lado de seu leito; descobri o seu rosto como que para certificar-me de sua morte, e ao olhá-la parecia-me que meu coração se despedaçava como uma pedra e irrompi em copioso pranto, sentindo-me depois um pouco aliviada na minha grande dor”. Deu-se, então, o aviso para toda a comunidade e nos dormitórios das filhas; a dor e o pranto foram gerais. Foi mandada soar também a “agonia” e, como um raio, espalhou-se por toda a parte a desoladora notícia. Todas as pessoas das vizinhanças e também da cidade de Seriate estavam consternadas, todas choravam a sua benfeitora, a Mãe dos pobres; todos tinham consciência de que aquela era uma grande perda, não só para o Instituto que ela havia fundado, mas também para todos os pobres os quais tinham sido, de algum modo, por ela ajudados e beneficiados. Não se pôde, por este motivo, permanecer com o corpo dentro de seu quarto, tendo o mesmo que ser transferido para a hospedaria a fim de deixar a todos a liberdade de dar vazão aos seus sentimentos e para que recebesse, desta forma, a devoção de todos.

Segundo a ordem recebida dos Superiores, começou-se a pensar nos funerais. Ordenaram que não fosse pomposo mas que fosse realizado na forma adequada a uma Mãe dos pobres, e pelo motivo de que muitos senhores conhecidos e amigos da Santa

Mãe quisessem realizá-lo luxuoso, o Cônego Valsecchi, superior do Instituto, mandou dizer: “O funeral seja feito, não como deveria ser o da Senhora Constança Cerioli Busecchi Tassis, mas como deve ser o da Irmã Paula Elizabete, religiosa e feita pobre pelos pobres, como de alguém que já em vida, renunciou a todo fausto, a toda honra e a toda glória mundana”. Desta forma foi então realizado.

Com tudo isso foi um espetáculo muito comovente ver que todos se dispunham a prestar honras ao seu féretro; os homens e mulheres mais importantes da cidade acompanharam-na com toda humildade; as senhoras carregavam um grande pano negro estendido sobre o caixão, costume este que significava honra; as órfãs e os órfãos acompanharam-na até a sepultura, todos chorando e desolados. Uma grande multidão acompanhava-a também com tochas e velas acesas; foi uma procissão muito devota e comovente, fazia chorar até quem não havia tido a honra de conhecê-la. Ao se tomar o féretro para transportá-la da Igreja do Convento até a Paróquia, todos que estavam em casa não contiveram um grito, clamor que se misturou com o choro do povo em geral.

Os arredores e o primeiro quintal do Convento estavam repletos de gente. Foi acompanhada pelos seus queridos 15 filhos órfãos, os Irmãos da Sagrada Família e as 65 órfãs, Filhas de São José. Levaram-na para a paróquia de Seriate, onde lhe haviam preparado um magnífico catafalco. A igreja estava tão cheia de gente que não cabia mais ninguém. Na Paróquia foi celebrado ofício solene com grande quantidade de Sacerdotes, os quais celebraram a Santa Missa em seu louvor. Em seguida, foi recitada a oração funebre por Dom Pedro Piccinelli, que, durante dez anos, foi seu confessor e diretor. A ilustre família Piccinelli quis que fosse sepultada na sua capela, que era nova, para onde a acompanhou, passado um ano o próprio Dom Pedro Piccinelli. Por vontade e graça de Deus e para grande consolo nosso, passados 20 anos, a trasladamos para nossa Casa de Comonte,

no mesmo quarto em que, 20 anos antes, entregara sua bela alma a Deus⁵⁷.

A ORAÇÃO FÚNEBRE

No dia 26 de dezembro de 1865, na Paróquia de Seriate, Dom Pedro Piccinelli pronunciou a oração fúnebre, da qual transcrevemos alguns trechos, dentre os mais significativos.

O orador teceu o elogio fúnebre baseado em acontecimentos reais, tendo sido inspirado por um trecho das Lamentações do Profeta Jeremias, muito expressivo e apropriado à defunta: *“As lágrimas consumiram-me a vida no chorar a ruína das filhas da minha cidade”* (Lam. 3,51).

“Não sei como começar o piedoso ofício que neste instante venho realizar diante de vós, ó meus respeitáveis ouvintes e amantíssimos irmãos. Na verdade, confesso-vos que a presença deste féretro, a tristeza que leio nos vossos rostos, mais do que tudo a coroa destes pobres abandonados, tornados agora órfãos pela segunda vez, e que podeis ver consumirem-se em lágrimas ao lado desse sarcófago, mais depressa poderiam trazer-me o pranto aos olhos do que a palavra aos lábios...

...As palavras que inspiraram a minha oração foram tiradas de Jeremias...

... as escolhi porque me oferecem a imagem mais estupefata do coração amoroso e verdadeiramente materno desta grande Senhora, que justamente no terceiro estágio de sua virtuosa vida, comovida e preocupada até às lágrimas com os perigos e necessidades de tantas pobres meninas, privadas muito

⁵⁷ *Termina aqui o “Manuscrito Longoni.” Pensamos ser útil apresentar aos leitores, como coroamento de uma vida tão extraordinária, alguns textos que revelam as excelsas virtudes da Cerioli e também uma crônica da sua Beatificação.*

cedo de seus pais, pensava em meios eficazes para defendê-las dos perigos e socorrê-las nas suas necessidades...

...Quanto era confortante para nós, ó caros, pensar que, enquanto a morte vinha multiplicando no meio de nós o número dos órfãos, havia, perto de nós, dois braços verdadeiramente piedosos e maternos que sempre se alargavam para abraçar estes pobres órfãos semeados pela foice cruel! Mas oh! Quantas graves desventuras hoje as golpearam! Aqueles braços amorosos que tanto se alegravam em recolher os pobres infelizes, eses braços maternos estão agora, infelizmente, enrijecidos pelo frio gelo da morte! Essa inimiga implacável do homem, depois de ter semeado sobre a terra o pranto de tantos infelizes órfãos, agora foi particularmente desapiedada e cruel em usar a foice também sobre a piedosa receptadora dos órfãos, negando assim a esses pobres, também a segunda mãe !

Perdemos irremediavelmente nossa valorosa benfeitora, e a perdemos para sempre. Entretanto, não podemos considerá-la totalmente perdida para nós. Ela vive ainda por causa de suas fundações, vive em nossa memória, nas suas boas co-irmãs tornadas herdeiras de seu espírito e, finalmente, vive lá nó Céu imortal, de onde poderá, mais eficazmente, proteger as suas fundações. O seu espírito imortal, sim, vive ainda lá em cima, no céu, onde já reina entre os santos. Por mim, desde já a proclamo, ilustre e benéfica patrícia, como uma Santa. Sim, estudei sua vida juvenil e a encontrei pura e virtuosa como uma pomba. Estudei a sua vida conjugal e a encontrei como um verdadeiro exemplo das mais nobres virtudes, verdadeiro modelo para as mulheres e mães cristãs, heróica fortaleza nas privações e nas adversidades. Estudei, por último, também a derradeira fase de sua vida e a encontrei como a mais bela cópia do Divino Pastor, que também quis ser chamado pai dos órfãos.

Sua virtuosa carreira encerrou-se ainda mais santamente. Já há algum tempo ela se havia imposto uma vida eminentemente espiritual. Suas filhas notavam nela um acréscimo diário de cada uma das virtudes. Parecia mesmo desejar se libertar aos poucos de certos cuidados insignificantes, para dedicar-se inteiramente às coisas do espírito. Deixava, por exemplo, às suas co-irmãs, agora mais facilmente do que no passado, os serviços de

ecônoma, as pequenas orientações, a disciplina das suas casas. Preferia agir no meio de suas filhas prediletas como uma mãe verdadeira e muito amada. Despojava-se, de boa vontade, de tudo o que era exterior e que pudesse fazê-la parecer superiora, para assumir somente, no meio delas, o caráter de professora amável das noviças, ou seja, de professora da vida espiritual. De fato, jamais perdia ocasião, quando lhe caía entre os braços uma órfã qualquer, de exercitar a sua piedade dando-lhe os mais abalizados e sábios conselhos. E este santo ofício era exercitado também com as jovens, até de outras localidades, que visitavam a sua casa, nos dias festivos; sobretudo com aquelas almas mais distraídas, que participavam dos retiros espirituais, que promovia sempre, duas vezes por ano, nas suas casas, tanto em Seriate como em Soncino, para quem quisesse aproveitar deles, em benefício da própria consciência...

...Sua morte foi, para ela, um merecido e plácido repouso. Sequer a percebeu! Havia apenas se acomodado para dormir um pouco e enquanto a companheira que estava ao seu lado, enganada por aquele sono mentiroso, havia se deitado também para contentá-la, não pode aperceber-se que havia expirado poucos minutos depois. Começou, certamente, seu último sono entre os mais ardentes desejos de Deus, adormeceu para sempre entre seus braços amorosos. Expirou às 2:00 horas da madrugada do dia 24 deste mês, isto é, na véspera do Santo Natal, não tendo completado ainda o quinquagésimo ano de sua santa vida.

Seja, por isso, proclamada santa essa nossa insigne benfeitora, por aqueles que a viram tão corajosa durante sua juventude, tão virtuosa na sua vida conjugal, tão perfeita no último estágio de sua vida terrena, tão afortunada, enfim, na sua morte. Vós também, ó caríssimos, desde ontem talvez, já não proclamam a sua santidade? Que significa, de fato, a procissão, ontem à tarde por vós organizada, para visitar seu precioso cadáver? Que quer dizer também essa inusitada e extraordinária multidão hoje aqui presente, para ornamentar ainda mais os seus funerais, parecendo mais uma festa religiosa do que uma solenidade mortuária? Por este motivo, ainda mais uma vez, vamos chamá-la de santa, vamos proclamá-la santa!! Salve

portanto, ó alma verdadeiramente extraordinária! Que o Céu se abra e se dilate para receber-te! Que o Pai dos órfãos te coloque na cabeça a coroa imortal e gloriosa de Mãe dos órfãos!”

DISCURSO DE PIO XII

A MISSÃO DA VENERÁVEL PAULA ELIZABETE CERIOLI

No dia 5 de julho de 1939, Pio XII, depois de ter dado os seus paternos parabéns a novos casais, dirigiu a palavra ao Instituto da Sagrada Família de Bérgamo, em homenagem à fundadora, agora Venerável, Paula Elizabete Cerioli.

“Nossa exortação aos novos casais não se conclui com a Bênção. Prossegue com as palavras que queremos dirigir ao benemérito Instituto da Sagrada Família de Bérgamo, aqui presente na pessoa da Superiora Geral e de suas Religiosas, acompanhadas pelos pios e devotos Peregrinos, guiados pelo Nosso Venerando Irmão, O Cardeal Decano do Sacro Colégio, que consagrou e consagra à Causa de Beatificação da sua fundadora, o ardor sempre novo de seu zelo, a perspicácia sempre viva de sua inteligência, os tesouros sempre mais ricos de sua experiência e a inesgotável dedicação de um coração que desafia os anos. Ao ver-vos aqui reunidas, diletas Filhas, renova-se em Nós a alegria experimentada domingo passado, por ocasião da leitura do Decreto sobre o heroísmo das virtudes de Venerável Paula Elizabete Cerioli, brilhante e humilde criatura, que, passando entre nós semeando, entre lágrimas, o bem, nos simples estados de filha, de esposa, de mãe, de viúva, levou com suprema honra o nome de cristão acima dos bens materiais e terrenos, dos quais Deus também a havia dotado, colocou os bens espirituais e celestes como únicos verdadeiros e consistentes, como títulos da única e verdadeira grandeza. Revestiu-se das virtudes teologais e cardinais, com as quais é dada ao homem a possibilidade de

e elevar a presente vida para um plano sobrenatural e eterno, como se fossem um hábito que não conhece fim, uma luz que não conhece ocaço. Foi outrora exemplo, em um campo limitado, mas ainda o é hoje de forma mais ampla e vasta, testemunhando mais uma vez a perene atualidade do Evangelho e sua perfeita adaptação a todos os estados e a todas as condições de nossa vida.

E foi ali, nas virtudes domésticas, de filha, de esposa, de mãe e de viúva, que Paula Elizabete cultivou os germes preciosos que deveriam fazer dela, um dia, apóstola da Caridade e a êmula de todas as grandes almas que, no culto ao Pai celeste e no amor de Jesus Cristo, Nosso Salvador, deram substancial alimento de piedade ativa em favor dos abandonados do mundo.

Estava ali, ainda em germe, a benéfica fundadora do Instituto da Sagrada Família. Aquela que, associando-se a jovens voluntárias para o exercício do bem, deu vida a uma nova e providencial família religiosa, destinada a perpetuar no mundo a chama por ela acesa e a enriquecer com uma nova pedra preciosa a fúlgida coroa da caridade, pela qual a Igreja é distinguida no seu árduo caminho.

Como seu santo contemporâneo, são João Bosco, apóstolo dos bairros operários, compreendeu o quanto seria útil e quanto se havia tornado urgente, dar às crianças do campo, juntamente com a educação religiosa e moral, direcionadas para se ganhar o céu, também uma formação técnica e profissional, que lhes permitisse ganhar o pão de cada dia, sem ter que enfrentar uma luta excessivamente áspera, nesses dias difíceis. Por este motivo, nascida de família nobre, inclinou-se em direção das crianças das classes rurais e entre essas, amou especialmente as órfãs. Assim ela se tornou duplamente mãe, justamente porque antes desta maternidade espiritual, havia conhecido as alegrias e, bem depressa também o luto e as tristezas da maternidade humana...

Com esses sentimentos abençoamos, de coração, todos e a cada um de vós, caros peregrinos, que representais especialmente as duas dioceses de Cremona e de Bérgamo, das quais uma se glorifica de haver dado o berço à Venerável, e a outra de conservar-lhe o túmulo. Abençoamos tanto aqueles como aquelas que são o campo de trabalho do Senhor: *Trabalhamos*

juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus são vocês, segundo a bela expressão de São Paulo (1 Co 3,9), como aqueles que têm a missão de cultivá-lo, a fim de que, pela virtude da graça, a boa semente da fé frutifique abundante colheita de boas obras”.

COMO UMA A CONDESSA DA ROÇA SE TORNOU BEM-AVENTURADA

Esta crônica de Ângelo Ubiali apareceu no número especial, editado sob os cuidados das Irmãs da Sagrada Família, por ocasião da beatificação da Madre Cerioli, acontecida em São Pedro, em 19 de março de 1950.

A noite de 24 de dezembro de 1865, no palácio nobre de Comonte, transformado em convento, acompanhada por um doce soar de címbalo, subia ao céu a grande alma de Madre Paula Elizabete Cerioli, fundadora dos dois Institutos da Sagrada Família de Bérgamo. Tinha apenas 49 anos, mas a sua vida santa assinalou os limites de três edificantes períodos. Por 19 anos foi a brava filha de uma família nobre e cristã. Por outros 19 anos foi esposa delicada de um velho doente e exigente, mãe infeliz de quatro criaturas, viúva toda compenetrada na oração e na meditação sobre as palavras que Deus lhe ditava ao coração, em que não se apagava o eco do testamento do filho no leito de morte: “Não temas: o Senhor te dará muitos outros filhos!” Nos últimos 11 anos de sua vida vimo-la transformada em religiosa, empenhada como Mãe das crianças da roça, conferindo um novo perfil à santidade.

Vida heróica de mortificação, de abnegação, de doação. Existência inseparável, nos desígnios de Deus, da dor contínua e dos sofrimentos de muitos milhares de pobres criaturas.

Depois deste parêntesis sobre a vida terrena, cheia de trabalhos e de santas iniciativas, Madre Cerioli permaneceu quase desconhecida até 1919, quando, a 14 de março, Benedito XV, assinava o decreto que introduzia sua causa de beatificação e canonização.

A 2 de julho de 1939, Pio XII emitia o decreto sobre o heroísmo das virtudes.

O Ano Santo de 1950 devia assinalar a apoteose da glorificação da Madre Cerioli. No dia 19 de março, festa de São José, que ela havia dado como pai aos seus órfãos, na presença de 40.000 pessoas, era proclamada Bem-aventurada, com toda a pompa da Basílica de São Pedro.

Na função solene da manhã, estiveram presentes cinco cardeais, muitíssimos bispos e prelados. Os lugares privilegiados foram ocupados pelos superiores maiores das duas Congregações da Sagrada Família, com numerosos religiosos e religiosas e com centenas de órfãs e órfãos, as duas grandes peregrinações de Bérghamo e de Cremona bem como numerosas personalidades das duas dioceses.

Logo que foi descoberto o grandioso quadro na glória de Bernini, a alegria dos fiéis estourava em aplausos e lágrimas e, Sua Excelência, Dom José Migone, celebrava, logo depois, a primeira Missa em honra da nova Bem-aventurada.

Mais comovente foi a função da tarde, quando o Sumo Pontífice desceu na Basílica toda iluminada, para venerar a Bem-aventurada Cerioli.

Com o Papa estavam dez cardeais e centenas de arcebispos, bispos, prelados e seu luxuoso acompanhamento eclesiástico e leigo.

Estavam também presentes uns quarenta embaixadores, ministros e representantes de governos junto à Santa Sé e de políticos italianos.

Depois da maravilhosa função, o Papa recebeu as homenagens e os presentes dos representantes dos Institutos da Bem-aventurada, das dioceses de Bérghamo e de Cremona e do Nobre Francisco Cerioli, sobrinho-neto da Bem-aventurada, que presenteou o Papa com um artístico relicário.

O augusto Pontífice dirigiu a todos benevolentes palavras de agradecimentos e de satisfação. Enquanto isso a multidão gritava ao Papa o seu entusiasmo e o impelia, apenas tornado a seu apartamento privado, a aparecer na janela para abençoar e saudar.

Nos festejos romanos estavam presentes as duas miraculadas, que rendiam à Bem-aventurada seus comovidos agradecimentos, em meio à curiosidade dos presentes,.

Uma, a Senhora Elisa Lupini, de Treviolo (Bérgamo), curada, em 1920, de gravíssima artrosinovite tuberculosa, no joelho esquerdo.

A outra, a jovem Assunta Barbieri, de Gallignano (Cremona), instantânea e perfeitamente curada de tuberculose pulmonar evolutiva bilateral.

Deus exaltou esta sua umilíssima e grande Serva e, os homens, que agora a conhecem, ficam admirados da maravilhosa riqueza de alma e de coração de Madre Cerioli.

Consideram-na como Padroeira principalmente das classes humildes dos trabalhadores que descobrem nela a antecessora do movimento social cristão, que devia reabilitar as fadigas dos seus trabalhos.

Em sua casa de Comonte, agora, sobre o altar erigido pelo reconhecido afeto de suas filhas, recebe as orações e as súplicas dos numerosos fiéis que ali vão para venerá-la e invocá-la.

Os seus filhos e beneficiados chamam-na agora, com alegria: Beata Paula Elizabete Cerioli!

FIM